

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO XV

N.º 58

ABRIL DE 1952

Sociedade Geral

de

Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: Rua do Comércio, 39 Telefone: 30551

FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL . . .	1.560 T.	n/m COLARES	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA	9.588 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA . . .	2.974 T.
n/v ALCOUTIM	10.526 T.	n/m CORUCHE	1.376 T.
n/m ALENQUER	9.588 T.	n/v COSTEIRO	900 T.
n/m ALEXANDRE SILVA . . .	3.215 T.	n/v COSTEIRO SEGUNDO . .	510 T.
n/m ALFREDO DA SILVA . . .	3.643 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO . .	1.426 T.
n/v ALFERRAREDE	2.118 T.	n/m COVILHÃ	1.376 T.
n/m ALMEIRIM	9.588 T.	n/v CUNENE	9.800 T.
n/v AMARANTE	12.600 T.	n/v FOCA	2.060 T.
n/m AMBRIZETE	9.245 T.	n/v INHAMBANE	9.619 T.
n/m ANA MAFALDA	3.643 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ANDULO	9.245 T.	n/v MARIA AMÉLIA	3.005 T.
n/m ANTONIO CARLOS	2.974 T.	n/v MARIA CRISTINA	5.580 T.
n/m ARRAIOLOS	9.588 T.	n/v MELLO	6.253 T.
n/m BELAS	7.259 T.	n/v MIRANDELA	8.280 T.
n/m BORBA	7.259 T.	n/v MIRA TERRA	600 T.
n/m BRAGA	7.224 T.	n/m SÃO MACÁRIO	1.221 T.
n/m BRAGANÇA	7.224 T.	n/v SAUDADES	6.430 T.
n/m CARTAXO	1.376 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/v ZÉ MANEL	1.240 T.		

TOTAL: 202.967 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO», «SOURE»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.)

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 3.600 T. e para 52 passageiros cada

2 rebocadores de 1.200 T. cada.

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA
E COSTA DE PORTUGAL

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

OFERTA
1952

M.

LISBOA

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XV

ABRIL DE 1952

NÚMERO 58

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Edição e Propriedade do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711

Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155

SUMÁRIO

...do ciclo de conferências designado por O PITORESCO DE LISBOA, levado a efeito na sede do Grupo nas datas a seguir indicadas:

Prefácio, por HUGO RAPOSO 63

SESSÃO DE 14 DE FEVEREIRO

Locução do CORONEL PEREIRA COELHO 65

Velhos teatros de Lisboa desaparecidos, por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA 70

Locução do CORONEL PEREIRA COELHO 78

Anedotas de Teatro, por ERICO BRAGA 80

SESSÃO DE 21 DE FEVEREIRO

Locução do DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES 83

Superstições, bruxedos e agoiros, por MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO 84

Procissões e cultos de Lisboa, por D. JULIETA FERRÃO 96

Bailes e Bailaricos, por MÁRIO COSTA 104



SESSÃO DE 28 DE FEVEREIRO

<i>Locução</i> de HUGO RAPOSO	112
Calão Gíria popular, <i>por</i> ALFREDO AUGUSTO LOPES	112
Entrudo d'ontem, Carne...aval d'hoje, <i>pelo</i> DR. PAULO CANTOS	126
Os Arcos de Lisboa e a sua nostalgia, <i>por</i> NORBERTO DE ARAÚJO	139
O Boato, <i>por</i> ACÚRCIO PEREIRA	143

SESSÃO DE 6 DE MARÇO

<i>Locução</i> do PROF. DR. A. CELESTINO DA COSTA	150
Figuras Populares de Lisboa, <i>pelo</i> DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES	151
Feiras e Romarias, <i>pelo</i> DR. FRANCISCO CANCIO	157
Tradições de Lisboa, <i>pelo</i> DR. LUÍS CHAVES LOPES	165
A graça de Lisboa, <i>pelo</i> DR. LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES	172
<i>Posfácio</i> , <i>pelo</i> PROF. DR. A. CELESTINO DA COSTA	178

NA CAPA — Corpo nascente da fachada e portal da Capela da Casa Nobre
de Lázaro Leitão

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

O Pitoresco de Lisboa

PREFÁCIO

Portugal-Nação nasceu dum condado. Algum dia era já reino, primeiro de aquém e depois de além-mar. Finalmente é um Império. Assim, o Pitoresco de Lisboa começou também por pouca coisa: o projecto de uma simples conferência. Alguém propõe acrescentar-lhe dois temas. Outro circunstante acha curiosa a ideia e lança também a sua sugestão, e a esta outras se seguem. Começa a falar-se em nomes. Procura-se a índole pessoal ou a especialidade literária de cada um. Emitem-se os convites, recebem-se as adesões, acertam-se os programas, escolhem-se presidentes, marcam-se as datas e no fim... regista-se a mais alvoroçada concentração da família olisiponense, que acorre ansiosa a ouvir um formoso «bouquet» de oradores, centrado com a figura gentil duma Senhora.

A nossa sala do Chiado está em festa. Um lugar mau ou um degrau livre na escada, consideram-se uma conquista. Começa a rolar o filme-documentário num ambiente de sensação. A mocidade literária do Ex.^{mo} Coronel Pereira Coelho empunha a batuta para marcar a «ouverture» do acontecimento, em grande altitude intelectual. Vem o pitoresco do passado até ao pitoresco do presente. Faz-se história, contam-se anedotas e «blagues», citam-se figuras, ouve-se o tilintar das traquitanas que vão para a feira, aspira-se o perfume do alecrim nas procissões, vai-se ao teatro do Pátio das Arcas (lagarto, lagarto, lagarto), no Entrudo passa-se pelo «alcazar» da Avenida, aparece o boato vestido de D. Basílio, que canta a sua ária, dança-se um «pas-de-quatres», fala-se a sério em tradições e a brincar em calão; uma

voz sentimental invoca os arcos de Lisboa. No fim, a indispensável «chave de ouro» manejada pela linguagem subtil do Ex.^{mo} Prof. Celestino da Costa envolve todos os oradores no amplexo do reconhecimento geral.

Ficou esgotado o pitoresco? Não ficou. Lisboa possui o mais rico sabor de personalidade e hoje mesmo, muito nivelada já pelo cilindro do progresso, ainda há na sua vida e nos seus hábitos, particularidades que a distinguem e a enobrecem. Por isso a história do seu pitoresco não teria fim. Arquivaram-se apenas — e isso é já muito — uma dúzia de depoimentos de académicos da casa, para illustração dos estudiosos, do presente e do futuro, e não pode deixar de se reconhecer com louvor para todos os Senhores conferentes, que veio à superfície muita matéria inédita, razão bastante para justificar a decisão tomada de dedicar inteiramente o presente número de «Olisipo» à publicação de todas as conferências, com o que se obedece a uma exortação de Júlio de Castilho, no fecho de A Ribeira de Lisboa, que diz:

Uma cidade tão antiga e tão illustre tem o seu passado digno de muita menção; o seu presente, filho de tradições e hábitos; e um brilhante porvir, que a geração actual deve esforçar-se em preparar. Fazer conhecer à cidade presente as glórias da sua avoenga, é com o amor dos vivos glorificar os mortos; é habilitar a iniciativa técnica para melhor servir a povoação futura.

Este voto, escrito, com o amor do Mestre, em 1892, é duma clari-vidência tão penetrante, que, repetido hoje, e por exemplo neste lugar, tem o mesmo valor e a mesma actualidade, pelo incitamento que contém à divulgação da história olisiponense, que muitos e illustres successores continuam promovendo, e, sirva ainda o mesmo voto de manto para cobrir de homenagens os nomes prestigiosos que subscrevem as conferências aqui impressas, precedidas de tão apagado prefácio.

HUGO RAPOSO



Sessão de 14 de Fevereiro

Presidiu o Sr. CORONEL PEREIRA COELHO, secretariado pelos Srs. DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES e HUGO RAPOSO.

Depois de declarar aberta a sessão o Sr. Presidente fez a apresentação dos conferencistas da noite nos seguintes termos:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Já VV. Ex.^{as} sabem, pela circular que lhes foi distribuída, a ideia que, inicialmente, nos inspirou — a Matos Sequeira e a mim — ao propormos a realização da série de conferências que hoje se inicia: proporcionar aos sócios do nosso Grupo a oportunidade de ouvirem em rápidas palestras, feitas por personalidades ilustres, um pouco de história e das inconfundíveis características do pitoresco de Lisboa de que todos somos Amigos.

Muitos dos que aqui estão — a começar por mim — não nasceram em Lisboa. Mas, são tantas as atracções, é tão forte o sortilégio desta formosa cidade — que, segundo os eruditos, era antigamente de mármore e granito, e hoje, embora quase toda de ferro e cimento, ainda continua a ser linda — que a maior parte dos que viemos das mais longínquas terras portuguesas, aqui nos fixámos e aqui ficámos para toda a vida.

Quando em Lisboa não havia água canalizada para todos os domicílios — e eu ainda sou pouco desse tempo — os Galegos que a transportavam para as nossas casas, a vintém o barril, iam à Galiza guardar as economias amealhadas à custa de árduo trabalho, e diziam aos seus patrícios, referindo-se aos alfacinhas: «a água é deles e nós é que lha «bendemos».

Também nós, os provincianos que para cá viemos e cá nos instalámos sem cerimónia, podemos, parodiando os ingénuos homens de Tui, dizer dos Lisboaetas: a terra é deles, mas a gente chama-lhe nossa...

Prova-o o facto de não terem conto as casas regionais espalhadas por toda a cidade: Casa do Alentejo, do Distrito do Porto, de Trás-os-Montes, de Bragança, de Coimbra, de Entre-Douro-e-Minho, do Algarve...

Os aglomerados provincianos procuram assim fixar a sua bandeira dentro desta urbe que escolheram para sua terra adoptiva. Conservarão alguns a pronúncia e os modos e as lembranças da cidade, da vila, da aldeia ou do lugar em que nasceram. Hão-de saborear, muitos ainda, nas suas casas, os pratos favoritos e característicos da sua região: o caldo verde, a açorda de coentros, o ensopado de cabrito, a lampreia de escabeche. Mas nenhum quer separar-se de Lisboa. E todos cabem na legenda que a nossa sociedade adoptou. Porque o nosso Grupo não se chama dos «naturais de Lisboa»... Chama-se dos «Amigos de Lisboa», classificação que não nos inibe, aos que não somos de cá, de termos também amor à terra onde nascemos e de guardarmos dela saudosas recordações. Porque lá diz o ditado: «Amigos amigos e saudades à parte».

Da reunião de todos os elementos das províncias, baralhados com os Lisboetas de origem resulta uma amálgama com suas características definidas, as quais, embora não sejam tão profundas e regionais como as das populações do Porto ou de Viseu, de Elvas ou de Olhão, se apresentam, no entanto, com fisionomia própria. A cidade tem, assim, além do pitoresco dos seus bairros e dos admiráveis panoramas que se descobrem dos pontos elevados e se desenvolvem nos mais imprevistos e variados aspectos, o pitoresco dos habitantes expresso nos seus usos e costumes, na linguagem e no calão no teatro, nas festas e nas anedotas.

São esses os motivos das conferências que sucessivamente se realizarão, consagradas à nossa querida Amiga. E, se cada um dos conferentes ilustres e sabedores, quase todos Lisboetas da gema, dispõe apenas de um quarto de hora, para expor o seu trabalho, não é justo que um modesto Alentejano, que tem a honra de presidir ao início das palestras, demore mais do que uns escassos minutos na justificação da iniciativa.



As conferências abrem com chave de ouro porque as inicia Matos Sequeira. Não pretendo apresentá-lo na opulência espiritual em que todos o conhecem, de homem dos sete talentos, manifestando, em qualquer deles, uma altitude e uma perfeição que muito poucos dos que se consagram só a uma actividade conseguem atingir: como poeta, arqueólogo e historiador, crítico de Arte e de Teatro, jornalista e comediógrafo, autor de realizações como a Lisboa Antiga e como conferencista que VV. Ex.^{as} vão ter o grande prazer de ouvir.

Só desejo agora mostrar, através de pequeninos episódios, numa

síntese de minutos, os contrastes do Matos Sequeira — o Gustavo da minha intimidade, desconhecido de muitos de VV. Ex.^{as}, e com quem mantenho uma desvanecedora amizade desde que, há mais de 60 anos, entrámos ambos para o Colégio Militar.

De compleição aparentemente fraca, julgado pelos médicos, na sua mocidade, como doente que dificilmente teria longa existência, já passou — aqui para nós, que somos todos amigos de Lisboa —, a casa dos 70 e, graças a Deus, é rijo como o aço, trabalha horas consecutivas nas mais diversas actividades mentais, e é pai de cinco filhos, sogro de três noras e dois genros, avô de cinco netos, e bisavô, até à data de hoje — como diz o povo — de dois bisnetos!

Vestindo como um filósofo que é; por vezes desalinhado na «toilette» — usando o mesmo chapéu até que esteja roto e a família lho atire fora (porque lhe dá azar pôr um chapéu novo), tem uma educação tão aprimorada, uma elegância de maneiras e um recorte na figura, que o tornam, naturalmente, o homem de rara distinção.

É fidalgo de nascença e tem brasão. Mas passou a vida a exaltar a República e já sofreu muito por defender a Democracia.

Conhece a Alfama e a Mouraria por dentro e por fora. Já as descreveu muitas vezes em artigos e em livros e desenhou muitos dos seus recantos mais curiosos, porque este camarada, diabólico no complexo das suas aptidões, até desenha bem. Mas, adorando esses bairros onde nasceram e floresceram os fadistas — odeia o fado!

Quando, uma noite, estávamos trabalhando na factura duma das peças que escrevemos em colaboração — A Viagem Maravilhosa, representada pela Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, na Feira Colonial do Palácio de Cristal, no Porto — como eu tivesse proposto que fizéssemos um fado para o Amarante e o Raul de Carvalho — o Gustavo, num dos arrebatamentos das suas intransigências, declarou, categoricamente, que não concordava com a minha ideia:

— «Tem paciência! Com o fado não transijo!».

Mas, vendo que eu tinha ficado agastado e me preparava para interromper o trabalho daquela noite, por entender que a situação se prestava ao que eu propunha, e por saber, pela experiência, que o público gostava do género — o Gustavo, sempre bondoso e diplomata, procurou acalmar-me, dizendo com muita convicção:

— Não me importa que se meta o fado... mas chamando-lhe xácara!...

O número, em que ele colaborou com a alma dum fadista de raça, foi trisado logo na primeira noite. O público nunca soube a classificação que lhe tínhamos dado e que só ficou no conhecimento de nós dois. Mas o Gustavo, repudiando o fado e enaltecendo a xácara, espécie de rimance popular em verso — como a classificaram os antigos — refugiou-se no seu amor pelos clássicos, deu uma satisfação a si próprio,

ficou de bem com a sua consciência e foi coerente com as suas intransigentes opiniões.

Feio como a noite dos trovões, como se vê pela gravura presente — temos passado a vida a indagar qual de nós dois suplanta o outro nesse «record» — é tão insinuante na sua convivência, tão persuasivo nos seus argumentos, tão interessante na conversa, sempre sublinhada de conceitos e de ensinamentos, que chega a tornar-se mais belo do que a *Vénus de Milo!*

Uma vez, passámos uns dias no Monte da Junceira, ao pé de Estremoz, em casa do grande poeta, nosso querido e inesquecível amigo, João de Vasconcellos e Sá, o autor da letra e da música da célebre canção «Margarida vai à Fonte»! E certa manhã fomos a Évora-Monte assistir aos casamentos de trabalhadores — 6 ou 8 — e aos baptizados de pequenitos pobres — perto de uma dezena — apadrinhados pelo casal Vasconcellos e Sá, num dos seus rasgos de incomparável generosidade. No fim das cerimónias, a propósito dumas referências às fortes tradições de Évora-Monte, o oficial do Registo Civil mostrou-nos umas pedras, afirmando que elas eram de grande valor arqueológico, conforme as autorizadas informações que de Lisboa lhe tinha mandado o eminente Presidente da Associação dos Arqueólogos, sr. Matos Sequeira. Como eu e o João Vasconcellos e Sá lhe tivéssemos dito que o Matos Sequeira era aquele senhor que ali estava, o oficial do Registo deu uma gargalhada e respondeu:

— Qual história! Os senhores estão a brincar!

O homem, naturalmente, fazia ideia de que o Matos Sequeira devia ser um cavalheiro bisonho, gordo e anafado, de fraque ou sobrecasaca, de plastrão, grande corrente de ouro e botas de polimento. Imaginava-o, talvez, de bigode e pêra; e por isso não acreditava nem acreditou, que fosse o sujeito tão simples, tão modesto e tão magrinho, que estava ali ao nosso lado. O Gustavo não fez um gesto nem disse uma palavra para se identificar, auxiliando-nos. Com a cara queimada do sol e do ar do monte, sem chapéu, de olhar vivo e penetrante, com os comentários alegres e espirituosos que estava fazendo, não tinha arcaboço de Matos, autor de tantos livros, nem a vaidade de Sequeira, realizador da Lisboa Antiga, nem a imponência de Matos Sequeira, Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses!

E, no entanto, era ele mesmo quem estava ali presente em carne e osso, mais osso do que carne, o Matos Sequeira olisipógrafo, que tem prestado os mais assinalados serviços a Lisboa, cantando-lhe as suas belezas e rememorando a sua história cheia de prestígio.

Mas, embora apreciando — porque é um espírito desempoeirado — a urbanização da Cidade, que a torna moderna e higiênica, sofre verdadeiras torturas quando assiste à ruína, ao desmoronamento, de bairros antigos, à derrocada de relíquias venerandas como o Arco de Santo André, ou de casas brasonadas e de registos de azulejos, e quan-

do sabe que em breve outras desaparecerão como o Arco do Marquês do Alegrete e a Capelinha de Nossa Senhora da Saúde.

Relíquias que, às vezes, servem de exemplo e de lição; escola de Arte em que os novos aprendem; padrões de delicada poesia que caracterizam um local, recordam um feito de armas, evocam um mártir, um apóstolo ou um herói. Relíquias que, afinal, são a alma de uma cidade antiga e que os apaixonados como Gustavo Sequeira gostam de salvar, de conservar para a posteridade.

É este velho rapaz que VV. Ex.^{as} vão ter o prazer de ouvir. Velho no saber e nos seus pergaminhos de escritor ilustre há mais de 50 anos; velho na autoridade das suas opiniões, no valor da sua bibliografia, com mais de 40 volumes publicados, que representam trabalho desvelado e perseverante. Rapaz na alegria de viver, na fé e no entusiasmo com que continua a sua preciosa obra; na frescura que ainda hoje têm os seus versos e as suas crônicas, e na admirável irradiação e na eterna mocidade do seu espírito!

Tem a palavra Gustavo de Matos Sequeira...



Velhos teatros de Lisboa desaparecidos

ANTES de entrar no assunto da minha palestra, cumpre-me um agradecimento. E este tem de ir fora das praxes habituais.

Na Lisboa de há sessenta anos, corria nas suas ruas e vendia-se nos quiosques que já lá vão, um jornal que então era olhado com desconfiança pelos Pater-Famílias, cheio de versos e historietas picantes — picantes para aquele tempo, hoje seria quase ingénuo — e por pouco, poderia ser lido por algumas Meninas. Chamava-se «O Pimpão».

Era proprietário e redactor-chefe da jovial gazeta o espirituoso Morais Pinto — o *Pan-Tarântula*, como ele se assinava. Ora foi esse *Pan-Tarântula*, que um dia escreveu uns versos, em que rematando uma quadra, dizia:

*A amizade é como o Vinho,
quanto mais velha, melhor.*

E tinha inteira razão. A minha amizade com Pereira Coelho, que acaba de fazer a minha apresentação a VV. Ex.^{as}, tem sessenta anos bem contados. Nasceu no velho Colégio Militar, porque ambos fomos, na mesma altura, Meninos da Luz, e desde então temos acamaradado pela vida fora, em todos os terrenos da nossa actividade, na boémia pacata de há meio século, no jornalismo, nos palcos e nas plateias, e nunca em qualquer destas andanças de rapazes, de homens feitos e de velhos, houve barranco ou trincheira que nos separasse. *Pan-Tarântula* tinha razão, repito; mas para que em tudó a tenha, até nos efeitos desse vinho de amizade se manifestou a verdade enunciada. Os vapores da amizade, como os do vinho, perturbam também o cérebro, fazem duplicar o que se vê, dão exuberâncias descompassadas e, assim, Pereira Coelho viu em mim qualidades e faculdades duplicadas, exactamente como um etilizado vê dois candeeiros em vez de um. O fenómeno é semelhante.

Nada disto me impede de agradecer enternecidamente a apresentação, mas acho conveniente dar esta explicação. Os Amigos de

Lisboa devem filtrar por ela os exageros encomiásticos que ele lançou sobre mim. É que não é fácil esquecer sessenta anos de camaradagem afectuosa. E depois, além do mais, fomos colaboradores em muitas tentativas teatrais. Fizemos juntos uma dúzia e meia de peças no tempo em que era possível escrevê-las e representá-las, e foi pela mão dele, mais velho no ofício, que eu entrei, como autor teatral, numa revista que se chamava «A Espiga»; mas, diga-se em abono da verdade, que não foi Espiga nenhuma. Nem para os autores, nem para os empresários.

Agradeço, pois, ao velho amigo as suas palavras, e se eu, alguma vez, tiver de o apresentar, pagarei, então, e com juro, esta dívida que fica em aberto.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Teatros de Lisboa, desaparecidos, é o tema que me foi dado para esta palestra.

Vou ver se consigo, cronològicamente, enumerá-los e dar uma leve ideia de cada um. E peço a ajuda de São Policarpo, advogado e patrono dos artistas do palco, e que, apesar de ter sido comediante, chegou a ser santificado.

O primeiro Teatro Público que houve em Lisboa, foi o do *Pátio das Arcas* ou da *Praça da Palha*. Ficava ali onde hoje corre a Rua da Prata, no seu primeiro quarteirão Oriental, vindo da Praça da Figueira, e assente em parte desse maciço de casas. A reconstrução pombalina arrasou o embrechado de ruelas e becos que por ali havia. Esse pátio (antigamente chamava-se pátio ao recinto dos espectáculos e teatro ao proscénio e ao palco) edificara-o, em 1588, um castelhano, Fernão Dias de la Torre, de acordo com o Hospital Real de Todos os Santos, que, por uma velha fórmula italiana, estava interessado no negócio, revertendo para ele parte dos rendimentos das funções teatrais. Era essencial um Pátio de Comédias em Lisboa. Estava-se no período filipino, e os Filipes não dispensavam as comédias, os coches, e a Neve. E assim entraram em Lisboa estas três modas de Castela. E cá ficaram enraizadas. Descrever esse Pátio, ocuparia largo espaço. Era um recinto descoberto, encravado entre prédios, sem aspecto exterior; não havia bancos ou cadeiras (quem quisesse trazia-as de casa); os camarotes, armados contra as empenas das casas que o limitavam, condecoravam-se com os nomes dos seus proprietários, ou habituais alugadores, e aquilo a que agora se chama plateia tinha uma espécie de «promenoir» a que se chamava «degoladero». Tudo era muito diferente do que é hoje. Pagava-se o lugar à entrada; os camarotes iam receber-se a casa dos fidalgos, e o Hospital Real e os Frades do Carmo intervinham na fiscalização das receitas, como o Senado da Câmara intervinha nos programas, no horário dos espec-

táculos e nas licenças para as funções. Os frades do Carmo eram interessados, e foram-no por muito tempo, porque a viúva do fundador, D. Catarina de Carvajal, instituíra uma capela no seu Convento, a que ficavam obrigadas certas receitas do Pátio. Ainda no século XVIII os carmelitas tinham 16 camarotes cativos. Há quem suponha que isto dos *cativos* é moda moderna.

Anteriormente a 1588, data da construção do Pátio das Arcas, deram-se em Lisboa representações teatrais, mas os Pátios não eram públicos. As funções de comédias davam-se em casas de fidalgos e mercadores ricos, e entrava-se por convites (quando não assaltavam a casa, o que era frequente) ou em pátios de residências particulares, adrede alugados ou cedidos, como foi no Pátio da Casa dos Condes de Monsanto, ao Borratém, a que se chamou o Pátio da Mouraria. A este das Arcas também o povo chamou o Pátio da Betesga, por o recinto ficar perto deste velho arruamento, cujo nome ainda persiste. O Pátio das Arcas ardeu no final do século XVII, e disse-se que o fogo fora posto pelos caixeiros (fabricantes de caixas e arcas) que enxameavam no local. Como o rendimento das Comédias fazia falta ao Hospital, antepassado do de S. José, reconstruiu-se, e funcionou, assim, já coberto, com melhor aspecto interior, até o terremoto de 1755 que o subverteu. O seu tempo áureo foi, porém, o século XVII, período em que ali se representaram as grandes peças de capa e espada do repertório castelhano e andaluz. Os Amigos de Lisboa, quando passarem pela Rua da Prata, em frente da Drogaria Centeno & Neves, lembrem-se do primeiro Teatro de Lisboa.

Quando o grande Filipe veio a Lisboa, em 1619, os governantes pensaram que o La Torre, que se obrigara a construir dois pátios, erguesse outro maior, onde o soberano castelhano fosse, durante a sua estadia na cidade do Tejo. Muito contra a sua vontade, D. Catarina de Carvajal construiu, então, na base do morro de S. Francisco, onde hoje corre a calçada deste nome e parte do Tribunal da Boa Hora, um outro Teatro, que ficou conhecido pelo Pátio das Fargas da Farinha, em referência ao local que assim se chamava. Apesar de ter ficado mais espaçoso e melhor que o das Arcas, o novo Pátio não chegou a durar dez anos. Nem o soberbo Filipe sequer lá foi. O único espectáculo a que assistiu — verdadeira «féerie» pelas descrições que existem — foi o que lhe ofereceram os jesuítas de Santo Antão, num dos pátios da sua casa onde agora é o Hospital de São José. Chamava-se a peça «A Conquista do Oriente», e foi realmente um espectáculo deslumbrador.

O século XVIII, além dos Presépios de Bonecos, acantoados em armazéns e celeiros, em vários recantos da Capital, viu nascer, no começo do segundo quartel, o Teatro do Bairro Alto, onde se representaram as peças do *Judeu* (António José da Silva) interpretadas por Fantoques. Não se sabe, ao certo, onde fosse esta casa de espec-

táculos que desapareceu com o terremoto; mas, na mesma rua, mais ao Norte, onde hoje se chama o Pátio do Conde de Soure, no pátio da casa nobre destes fidalgos, fez-se outro — o segundo Teatro do Bairro Alto — onde se representaram óperas, onde cantou a Luísa Todi (ou Luísa de Aguiar), onde o famoso João Gomes Varela deu largas às suas fantasias de empresário, arrancado aos segredos do receituário da sua Botica, e cuja história daria um volume. Um dia a célebre ópera do Conde de Soure, desapareceu, e, mais tarde, já no novecentismo, veio a montar-se o terceiro Teatro do Bairro Alto, em parte do casarão que fora solar lisboeta dos Condes da Vidigueira, à esquina do actual Largo de São Roque para as Escadinhas do Duque. Ali estiveram os Fantoques, do Roberto Xavier de Matos, tão notáveis que o povo passou a chamar-lhes «os Robertos», ali representaram companhias francesas, inglesas e espanholas, por lá passaram ilusionistas, bailarinos, e ginastas, e, no seu palco, Garrett interpretou, com Joaquim Larcher e outros amigos, furiosos dramáticos, a sua tragédia «Catão».

O Teatro onde foi empresário Simão Sadinós, onde representou a vedeta desse tempo, Josefa Soller, durou de 1815 a 1835. A Marquesa de Nisa tomou posse do casarão que fora palheiro, e que passou a destinar-se a outros fins, não muito afastados da sua primitiva função.

Perto do local, fica o Teatro da Trindade. Exactamente no sítio onde ele está, esteve a Academia da Trindade, uma outra Casa de Ópera. Inaugurada em 1735, funcionou até 1738, nalgum salão grande do palácio dos Monteiros Pains, depois ligados aos Condes de Alva.

Alexandre Paghetti, o empresário, não foi feliz na sua empresa; apesar de pedir lamentosamente, a tudo e a todos, que lhe dessem o monopólio das explorações do género lírico, não o conseguiu. O Pátio do Condes fazia-lhe concorrência, os Presépios abundavam na cidade, e o bolonhês teve que desistir. O moderno Teatro da Trindade, como o seu vizinho do Ginásio, ainda duram, mas só fingem que são teatros de vez em quando.

O boticário João Gomes Varela, quando a ópera do Conde de Soure acabou, veio fundar, no Salitre, ali onde hoje corre a Avenida da Liberdade, em frente ao monumento aos mortos da Guerra, uma outra casa de espectáculos, o Teatro do Salitre.

Inaugurada em 1786, durou até 1879. Era um barracão estreito, só com uma porta para a rua, incómodo e desgracioso. Ostentava ao alto do proscénio a legenda: «O nobre Ócio», inventada pelo imaginoso Varela ou pelo cenógrafo Simão Caetano Nunes, que o construiu. Dezenas e dezenas de empresas se sucederam na sua exploração difícil. Se houve peças que carregaram para o Salitre público entusiasmado, como «As Covas de Salamanca», «A Ave do Paraíso», a «Lotaria do Diabo», a «Coroa de Carlos Magno», houve neste teatro períodos angustiosos. Ginastas, pelotiqueiros, bailarinos, prestímanos,

exibiram-se no barracão de Gomes Varela, intervalando as mágicas, os dramas, os elogios dramáticos e as peças alegóricas, que tiveram o seu período áureo no começo do século passado, pelo que se chamava então Real Teatro do Salitre e depois foi Teatro Nacional do Salitre. Os grandes empresários do novecentismo passaram por aqui, como o António José de Paula, o Arsejas, O Doux, o Costa Braga, o Pinto Bastos e outros. Nas ruínas de papelão doirado, em 1879, para abertura da Avenida da Liberdade, ficaram sepultadas as memórias dos esforços da Associação de Gil Vicente, onde pontificavam Castilho, Midosi e Perini de Lucca, e a Sociedade dos Amadores da Cena Portuguesa, a lembrança dos pleitos teatrais de Bocage e de José Agostinho de Macedo, e a passagem por esse palco de Josefa Soller e de Lucinda Simões.

Perto do malfadado teatro, que tantas crises atravessou, ficava o Tauródromo do Salitre, e a seguir o Chalet do Araújo, outro teatrinho particular que em 1843 já funcionava. Na Praça de Toiros mostraram-se aos lisboetas as maiores celebridades em Tauromaquia. e a teoria dos ginastas, bailarinos e pantomimeiros das companhias do famoso D. José Serrate. O Araújo, que fora ourives, botequineiro, vestimenteiro, actor e empresário, mais conhecido pelo Araújo da Felicidade, viu a sua casa de espectáculos arrasada, também, em 1879. O mesmo sucedeu ao Circo de Tomás Price, fundado em 1860, em frente do actual Café Lisboa, e ocupando parte desta casa, onde se deram espectáculos de teatro, e onde a Zamacois deslumbrou em zarzuelas o público de Lisboa. No bairro ainda houve mais três teatros: o do Morgado de Assentiz, amigo de Bocage, na parte baixa da Praça da Alegria, e os dois Teatros da Alegria, o primeiro um barracão improvisado pelo activo Jacobetty, e o segundo, de madeira e ferro, com portão para a Rua da Alegria (que ainda lá está), onde representou o grande Joaquim de Almeida e onde também se exibiu, com singular êxito de momento, «A Torpeza», uma peça patriótica, de Campos Júnior, alusiva ao Ultimatum de 1890.

Descendo a Avenida, onde agora se ergue o grande imóvel dos Restauradores, junto ao Palácio Foz, edificou-se, sobre o muro do jardim daquela residência, outra casa de espectáculos — Os Recreios Wittoyne. Edificara-a o célebre palhaço do Price, em 1873. Em 1882 inaugurou-se o Teatro Circo, que lhe sucedeu, e em 1887, foi demolido para se construir a Estação do Rossio. Muitas companhias portuguesas e estrangeiras passaram por ali, mas só os octogenários se podem lembrar do teatro e do seu recinto ajardinado, onde agora embarcamos e desembarcamos dos comboios da C. P.

Se teimarmos em descer, não fazendo caso do velho Condes, que data do primeiro terço do século XVIII, e que ainda subsiste, embora não funcionando, de há muito, como casa de espectáculos teatrais, espreitamos, na Rua do Jardim do Regedor, o sítio onde foi o Teatro

Fantástico, com um átrio feito de estalagmites e estalactites, de pasta colorida, por onde passaram alguns artistas que estão hoje na primeira fila; notamos, no Palácio Regaleira, ali a S. Domingos, a lembrança de outro Teatrinho, onde se representaram Revistas populares — o Pálace Rossio — e ainda, na Rua dos Sapateiros, logo a seguir ao Arco do Bandeira, uma pequenina plateia, onde houve Teatro, e onde nos lembramos de aplaudir uma Revista do André Brun, representada por crianças. E já que falámos em teatros infantis, damos um pulo atrás. Esqueceu-nos de falar no Teatro que houve onde está agora a Pastelaria Veneza e onde se estreou Estêvão Amarante, na fantasia de Schwalbach, «História da Carochinha».

Chama-nos a agora a atenção aquele prédio ao fundo Nascente da Rua de Santa Justa onde foi a velha igreja de Santa Justa e Rufina. Na nave do templo, destruído pelo terremoto de 1755, inaugurou-se um Teatro. Chamou-se de «D. Fernando», em homenagem ao Príncipe Consorte. O palco foi armado na capela-mor. Durou apenas dez anos, de 1849 a 1859, ano em que se demoliu. Nesse palco passaram figuras da cena portuguesa — Emília das Neves, Sargedas e outros artistas de nome; representaram-se comédias, dramas, e até zarzuelas por uma «troupe» espanhola, mas o «D. Fernando» nunca foi afortunado. Diziam os católicos que a razão dos desastres estava em ter-se utilizado uma igreja para tais fins.

Se subirmos o Chiado, vamos dar à Abegoaria. Era aí, onde está a casa Barbosa & Costa, que alarmou Lisboa o Café Concerto, depois chamado Casino Lisbonense, onde se vieram a dar as famosas Conferências do Casino, perturbadoras dos Governos do seu tempo. Funcionaram na sala de concertos vários divertimentos teatrais, audições de guitarristas, que escandalizaram os Leões do Lírico, bailes de máscaras, peças pequeninas, interpretadas por artistas modestos, espectáculos de variedades, etc. Fora inaugurado em 1857.

Vamos agora pela Rua da Misericórdia, e lá em cima, ao Moinho de Vento (Rua D. Pedro V), esteve o Teatro do Pátio do Tejolo, que era do cabeleireiro Vilar. Teve escassa duração, apesar dos esforços do velho Chaves, que era o ensaiador. Ali por perto, no Bairro Alto, houve o Teatro dos Inglesinhos, uma plateia de amadores, hoje substituída por uma casa vulgar e o do Arco dos Cardais, inaugurado em 1821 e que durou pouco. Os palcos de amadores têm, em geral, uma duração limitada. Não vivem do capitalismo nem do público; vivem do entusiasmo de momento.

O Teatro envidraçado da Floresta Egípcia — um «divertissement» inaugurado em 1855, ficava na Quinta do Ferreira, à Politénica, com entrada pela actual Rua Raul Cascais. Exploraram-no companhias modestas, contratadas pelo empresário José Osti, um pirotécnico engenheiro, que fundou em Lisboa a primeira fábrica de fósforos.

Logo a seguir ficava o do Rato — onde fui tantas vezes. Passou

por lá a grande Adelina Abranches e o inimitável Joaquim de Almeida, nas Revistas, «sui generis» do Baptista Dinis. Em 1880 chamava-se «Novo Teatro das Variedades». Também já lá vai. O Teatro Joaquim de Almeida, inaugurado em nossos dias e demolido para a abertura da Avenida Pedro Álvares Cabral (tudo isto é de ontem) estreou-se com a *Severa* de Júlio Dantas, desempenhando a protagonista a actriz Palmira Bastos. Os esforços e a carolice de dois actores, à frente Casimiro Tristão, não chegaram para que a nova casa de espectáculos tivesse sido feliz.

Na parte mais ocidental de Lisboa abundaram os teatros pequenos, públicos e de amadores, todos de duração efémera. Os Teatrinhos das Terras de Santana e da Arrábida, ainda são da nossa época, e fizeram felizes muitos «furiosos dramáticos». O das Trinas, esse foi o melhor de todas as salas de amadores, com duas ordens de camarotes, e um especial, à frente, donde assistiam aos espectáculos de todos os Grupos dramáticos que o frequentavam amiúde, o Sr. Gomes e a Sr.^a D. Doroteia, que eram os seus proprietários. Todos os amadores de Lisboa representaram ali. Até eu, por muito que pareça impossível, lá representei. Para desculpa apresento a de ter, então, apenas dezasseis anos. Embora não tivesse sido pròpriamente um «furioso», vi com pena desaparecer este simpático teatrinho.

Na Rua de Buenos Aires, em 1808, havia um teatro, onde chegou a representar a ilustre comediante Catarina Tallasi; no local da Estação de Alcântara-Terra inaugurou-se, em 1872, o Teatro D. Augusto; em 1852 inaugurou-se um outro no Calvário, que tomou o nome do local; na Rua do Alvito, em Alcântara, em 1896, esteve o Teatro Apolo; o da Boa Hora, estava, em 1814, a funcionar e não deixou história; no Largo dos Jerónimos abriu-se ao público, em 1872, o Teatro D. Afonso, que durou apenas dois anos; na Rua da Fábrica da Pólvora houve o Teatro da Ilha dos Amores, que se construiu e abriu em 1867; na Calçada do Livramento, o Teatro Cinco de Outubro, que também não teve sorte, e na Calçada da Ajuda o «Luís de Camões», inaugurado em 1880, quando do centenário camoniano. Todos estes palcos eram filhos do entusiasmo de um momento e da carolice dos actores e dos empresários atacados do amadorismo teatral.

Se olharmos para a parte Norte e Nascente da Cidade, de outras casas de espectáculos encontramos lembrança. Sem falarmos no Teatro Mecânico, que na Rua Oriental do Passeio Público se armava e desarmava para apresentar os seus Fantoques, aí à roda de 1853, há que citar outros. O Teatro da Graça, por exemplo, na calçada deste nome, já existia em 1771. Aí representaram companhias espanholas e portuguesas, e era frequentado por gente de certa ordem. Não há dele o mais ligeiro vestígio. O Teatro Thalia, no Campo de Santa Clara, onde hoje estão os Tribunais Militares, apesar dos preços con-

vidativos que apregoava, nunca teve um período de boa estrela. Também se lhe chamou o Teatro Novo de Alfama.

O Teatro Moderno, aos Anjos, ao qual o público chamava o «Teatro da Preta», por ser de cor a sua proprietária, também não o bafejou a sorte. Durou pouco. Explorou revistas e outras peças ligeiras, sem grande êxito. Em 1910 o sítio ainda era muito arredio. Hoje, que o centro da cidade se tem deslocado para o Norte, o caso muda muito de figura.

Ainda há que fazer uma referência aos Teatros Reais, aos Teatros particulares e à cerimónia dos Convites. Cantaram-se óperas no teatro improvisado, mas de certo luxo, no «Teatro do Forte», que era no torreão do Paço da Ribeira, no primeiro quartel do século XVIII. É de prever o que seriam em fausto e bom gosto essas representações régias. Depois houve a Ópera da Ajuda, no Palácio Real. No reinado de D. José—grande amator de bailados e de picarias—deram-se aí espantosos espectáculos. Gastaram-se largos cabedais, na montagem das óperas, e nos pagamentos dos contratos de cantores e dos bailarinos. Um exame das contas do guarda-roupa e dos adereços, tudo vindo, por encomenda, de Génova e de Nápoles, dá uma ideia do que seriam essas representações. O mesmo sucedia para os teatros reais de Salvaterra e de Queluz. O grande Teatro de Ópera ideado pelo soberano e riscado por Azzolini e Bibiena, assentava onde hoje corre a sala do Risco, no Arsenal, e a sua entrada era, pouco mais ou menos, pelo portão deste antigo estabelecimento do Estado. Acabou-se o pomposo teatro em 1754. Poucos espectáculos pôde dar. O terremoto de 1755 destruiu esta sumptuosa casa de espectáculos, onde a assistência era escolhida e obedecia a um apertado regulamento. Nem todos podiam lá entrar.

O Teatro das Laranjeiras recorda-se pela fachada de colunata, que ainda hoje se vê. Foi inaugurado no ano de 1843, e erguido pela munificência do capitalista Conde de Farrobo, um homem rico e de bom gosto, que são duas coisas que nem sempre se encontram juntas. Foi neste teatro que, pela primeira vez, os Lisboetas puderam admirar a luz do gás. O luxo e a elegância das montagens das operetas, óperas e burletas que aí se deram a um público de escol, não são difíceis de imaginar.

Esse tempo de grandezas passou. A Vida mudou tanto que há verdadeiras inversões nas suas normas. Vive-se o tempo do Barato, da Fancaria, da Sucata. Só se gasta para amanhã, e é impossível guardar para ficar. O dinheiro anda fugidio, e já se não sabe acumular; faz constantes negaças a quem lida com ele. Ora sem dinheiro que coalhe, as empresas desaparecem, os artistas desavêm-se e indisciplinam-se, perde-se a noção das proporções dos ganhos e das perdas, e, assim, a arte dramática encontra-se num gravíssimo período de crise. Crises houve, porém, sempre, e se o panorama teatral é aflitivo,

com cinco teatros mudados em Cinema (S. Luís, Trindade, Ginásio, Politeama e Condes), um à beira do desaparecimento (o Apolo, antigo Príncipe Real), e com um único Teatro de Amadores (o Taborda), e esse mesmo abandonado à ruína, nada nos afirma que amanhã se não dê uma reviravolta na literatura dramática, que outro ambiente venha insuflar novas ideias e dar outras directrizes, e um estilo diferente, formado sobre a tranquilidade dos espíritos, se estabeleça propício ao rejuvenescimento do Teatro Português.

Falei de quarenta e cinco Teatros desaparecidos da face de Lisboa. Dos antigos que se mudaram em Cinemas há ainda a acrescentar o Eden, que também foi Variedades, e que eleva para seis o número a acrescentar a esses quarenta e cinco. Restam os Teatros de S. Carlos, o D. Maria II, o Apolo, o Avenida, o Monumental, o Variedades e o Maria Vitória. Para uma capital de um milhão de habitantes havemos de concordar que é pouco. O Português habituou-se, desde recuados tempos, a contentar-se com a pobreza, na esperança de um dia ainda vir a ser rico. Sejamos, pois, Portugueses. Às vezes é possível...

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA



O sr. Presidente apresentou em seguida o segundo conferencista da noite. E disse:

Vai agora usar da palavra Erico Braga.

Não o apresento a VV. Ex.^{as} porque isso seria um cúmulo, visto que ele passa a vida a apresentar os outros. E a apresentá-los com uma elegância e um à-vontade que me faltariam a mim.

Erico Braga é o animador das melhores realizações espectaculares: No Pavilhão dos Desportos, realizando Concursos de Rainhas de Beleza; numa sala elegante, apresentando modelos franceses; no Coliseu, animando as festas das Costureiras; num teatro, orientando o espectáculo de homenagem a um camarada; na rua, dirigindo a Semana do Chiado, ou nas enfermarias e nas prisões, organizando os programas, fazendo o noticiário, procurando a colaboração dos colegas para essa complicada e generosa iniciativa do Natal dos Hospitais e das Cadeias. Se for preciso, dispensam-se os projectores, porque ele ilumina a sala com a sua alegria; passa-se sem o alto-falante, porque ele amplia as interpretações com os seus comentários oportunos e improvisados; representa-se sem os cenários, porque ele hipnotiza o público, distrai-o, domina-o e penetra-lhe no coração.

Mas além de grande animador de iniciativas, o Erico é um artista português ilustre e popularíssimo, empresário e homem de sociedade internacional. Nasceu no Brasil, que lhe é familiar; vive com uma certa assiduidade em Lisboa; tem casa alugada em Paris — o que acontece a poucos dos nossos patricios —, está relacionado com os melhores artistas franceses, e vai frequentemente a Madrid filmar e fazer contratos como empresário. Em resumo: toda a gente — pode dizer-se que todo o Mundo — o conhece.

Todo o Mundo, não. Porque, há duas ou três semanas, esteve ele de cama no Palácio-Hotel do Estoril — o Erico vive sempre em Palácios — e eu fui visitá-lo. Acompanhava-me um pequeno da Casa Pia, de 14 ou 15 anos, a quem protejo. Quando entrámos no quarto onde o Erico estava de cama, com 38° e um pijama elegantíssimo comprado em Paris, no Boulevard dos Italianos, perguntei ao rapaz que ia comigo se conhecia aquele senhor.

— Não conheço, sr. Coronel.

Esclareci-o de que se tratava do Erico Braga. E perguntei-lhe:

— Sabes quem é?

— Não sei, sr. Coronel!

O Erico ficou esmagado:

— Ó Pereira Coelho: donde veio esse patriota que não me conhece? Pois há alguém que nunca tenha, ao menos, ouvido falar de mim?! Ai, que até sinto a febre a subir!

VV. Ex.^{as} concordarão em que, se algum dos presentes declarasse que o não conhecia, o Erico teria uma síncope, e nós ficaríamos privados de ouvir a sua conferência.

Mas o que é possível é que VV. Ex.^{as} não o conheçam como ele é por dentro: excelente camarada, afectivo, generoso, optimista...

Há anos, quando foi empresário — ainda usava capachinho, era casado com Lucília Simões, que tinha dois netos (filhos de Julieta) — descrevi-o nuns versos, que vou ler:

Eu pouco te conhecia.
Quando passavas, sentia
O teu perfume a Coty...
Achava-te um orgulhoso,
Irritante, audacioso,
E não me chegava a ti...

Olhava-te admirado,
Vendo-te muito pintado,
As unhas todas vermelhas...
E uma linha muito fina,
Feita com tinta da China,
A marcar-te as sobrancelhas...

Na minha imaginação
Vivias como um carvão
Das revistas mundiais...
Eras feito às pinceladas
Como os «pastéis» do Barradas
E os «croquis» do Carvalhais!...

E eu, que sou um revoltado,
Mal vestido e descuidado,
Sentia-me incompatível
Com um homem tão bem posto,
Com tantas tintas no rosto
E uma pose inconcebível...

Afinal — má previsão —
Vi-te de perto, e então
Reconheci a verdade:
Por debaixo dessa «véstia»
Há só bondade e modéstia
E muita simplicidade...

Passas a rir... e és sério,
Falas muito... e tens critério,
Pões carmim... e és valente!...
Armas em «dandy» e em esteta
— Como se fosses pateta —
Sendo muito inteligente!...

Tu mentindo... és verdadeiro,
És artista brasileiro
Tão português... como eu sou!...
És pobre... gastando teca,
Tendo cabelo... és careca,
Não sendo pai... és avô!...

Em resumo: és todo errado,
Empresário... és contratado
Como artista de valor!
De forma que, no final,
No palco... é que és natural,
E na rua... é que és actor!

Tem a palavra Erico Braga:



Anedotas de Teatro

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

As palavras de Pereira Coelho sensibilizaram-me em extremo. Só posso atribuir à sua velha e sempre nova estima tanta generosidade e tanta prodigalidade. E, francamente, um elogio na boca de Pereira Coelho enche-me de vaidade, tanto mais que o sei muito económico neste sistema de enaltecer virtudes.

Muito obrigado, querido Amigo. Que Deus me tivesse inspirado para não perder a confiança que tão generosamente me dispensou.

Não quero, *no mesmo plano*, deixar de agradecer aos «Amigos de Lisboa» o arriscado convite que me fizeram. Neste caso, é de louvar a coragem! Agradeço o admirável estoicismo!

Quero também referir-me à circunstância de me ter encontrado no mesmo programa ao lado de dois companheiros queridos que me recordam os tempos mais agradáveis da minha vida de teatro: Matos Sequeira e Pereira Coelho. Ao lado deles, ao influxo do seu espírito, vivi das horas mais gostosas, dos momentos mais pitorescos, mais engraçados, mais serenos e otimistas. E já que saudosamente o recordo, que o meu espírito se ajoelhe à memória daquele outro companheiro queridíssimo — que completava com tanta dedicação e elegância este grupo de gente brava — o nosso Cristóvão Aires, Senhor e Dono desta Lisboa, onde poderia ter sido tudo, que talento e inteligência e brilho e «panache» não lhe faltavam!

E posto isto à laia de prólogo, entremos na matéria pròpriamente dita — que é como quem diz na anunciada conferência:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Eu não sei de melhor partida do que esta de convidarem uma pessoa a fazer uma conferência.

Não viesse a sugestão dos «Amigos de Lisboa», e eu diria que era perseguição dos — amigos de Peniche.

É que eu sei por experiência — a experiência do espectador — das torturas por que passam as vítimas indefesas, quando um senhor mais ou menos *Duhamel rápa das resmas* para o massacre integral de um cidadão que anda de bem com a sua consciência, que paga pontualmente à mercearia, a renda da casa, e as contribuições, e que nunca disse mal do Estado Novo.

Mas, enfim! Tenho pecado tanto, e ando tão longe do arrependimento que serve de legenda a Maria Madalena, que o crime a que tão fascinadamente me induziram vai servir-me de alívio às penas do Inferno!

Estou em dizer que com mais três conferências corro sérios riscos de me instalar o mais definitivamente possível no «limbo», ao lado dos meninos e dos anjinhos!

Sim, porque afinal eu andei como um anjinho, neste aliciante convite dos «Amigos de Lisboa».

Como VV. Ex.^{as} já se aperceberam, a minha conferência... Não, conferência não. Chamemos-lhe antes uma «palra», parafraseando as «charlas» do genial Garcia Sanchez.

Ora, como ia dizendo, a minha «palra» vai ser o mais intencionalmente possível humorística e optimista.

Para tal — e para não sair do tema — buscarei entretê-los, alguns minutos, com algumas anedotas e episódios de teatro. Todos autênticos, verdadeiros e com *testemunhas oculares*.



Para quem ainda o não sabe — foi uma vocação decidida que me arrastou para o teatro. Estreei-me numa altura em que ainda se podia dizer — Teatro!

Em que havia o Brasão — meu Mestre querido, os Rosas, Lucinda Simões, Ferreira da Silva, Chaby, Ângela Pinto, Lucinda do Carmo, Joaquim Costa, José Ricardo, Augusto de Melo, Inácio Peixoto... para me referir apenas a alguns dos que desapareceram. Em que havia a funcionar como teatros o D. Maria, o D. Amélia — de tradições gloriosas — o Rua dos Condes, o Politeama, o Apolo, o Ginásio, o Trindade, o Avenida, o Eden. À excepção do Apolo, todos os outros estão actualmente transformados em cinemas.

Estreei-me numa época em que havia respeito pelos camaradas mais velhos e disciplina dentro dos bastidores.

Estreei-me numa época em que as «premières» eram árduas batalhas a vencer. Em que o público era o supremo juiz — e nós, actores, tremíamos diante do seu juízo.

Estreei-me numa época em que a crítica servia de ensinamento e quantas vezes de incentivo!

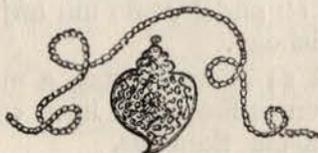
Os actores não se zangavam — diligenciavam fazer melhor.

Estreei-me numa época — em que não havia uma lei de teatro e por isso o teatro ditava leis.

Calculem pois VV. Ex.^{as} há quanto tempo me estreei!!!... Há quanto tempo isto foi! Quer isto dizer que vivi muito, que vivi intensamente e que, como na «Nau Catrineta», trago muito que contar.

ERICO BRAGA

(Erico Braga contou então uma série de anedotas e episódios de teatro que fizeram o delírio da assistência, etc.).



Sessão de 21 de Fevereiro

Presidiu o Sr. DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES, secretariado pelos Srs. PROF. DR. RAUL DE CARVALHO e ENG. ANTÓNIO PEREZ DURÃO.

Depois de declarar aberta a sessão, o Sr. Presidente apresentou, nos seguintes termos, os conferencistas da noite:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Possivelmente inspirado no «agulheiro dos sábios» do nosso Nicola, A NATO também arranjou o conselho dos sábios e nós, os «Amigos de Lisboa», arranjámos agora um escol, senão de sábios, e muitos o são, de especialistas — tal-qual como para a Cor de Lisboa — que vão versar o pitoresco da cidade.

Já tivemos, com o êxito visto e ouvido, o Teatro por dentro e por fora, com o colorido gracioso da prosa literária do consagrado escritor Coronel Pereira Coelho, a meticolosa resenha histórica do académico Matos Sequeira e as espirituosas anedotas de Erico Braga.

Hoje vamos ouvir o musicólogo e académico Mário de Sampaio Ribeiro, meu confrade nos arqueólogos, mas sempre jovem de espírito, que, no seu estilo vernáculo, nos vai dar o panorama retrospectivo das superstições lisboetas; depois, D. Julieta Ferrão, que sempre trabalhando a bem de Lisboa no seu afã profissional quotidiano, nos falará das Procissões de Lisboa, de tanto pitoresco e cor, algumas agora novamente instituídas, mas não em absoluto por terem trajectos novos, porque o trânsito, o grande senhor, não as deixa reproduzir nos antigos, e por fim não há baile, mas quase, porque o publicista, já tão bem conhecido de VV. Ex.^{as}, Sr. Mário Costa, vos falará dos bailaricos desde os do Rossio, nas noites dos Santos populares, até aos ultrapopulares dos bairros excêntricos. Afinal, parafraseando a conhecida cantadeira, que por sinal é também Lisboeta, se a algum de nós nos tivessem perguntado se sabíamos o que era o pitoresco de Lisboa, poderíamos, muitos, ter dito que não, mas mentíamos naquela hora, e hoje, depois de ouvir o pitoresco que os «Amigos» vêm exibindo, poderíamos responder que afinal tudo isto é Lisboa e sempre Lisboa.

Superstições, bruxedos e agoiros

HOJE que a ciência já desbravou quase todos os segredos da vida e que o angustioso mistério das trevas nocturnas deixou de pôr os corações em sobressalto;

Hoje que se vai desenvolvendo cada vez mais o homem predominantemente fisiológico, tendo o estômago por centro de gravitação da existência inteira e um natural horror a pensar, de onde o conseqüente desenvolver da imaginação, que deixou de ter simples asas de andorinha para passar a andar disparada, como se a movesse potente motor de propulsão por jacto;

Hoje que as multidões se acotovelam buscando emoções fortes, resultantes da força bruta e se comprazem em endeusar os corifeus do músculo;

Hoje que o cepticismo das almas só aceita o império do medo físico e despreza em absoluto o temor psíquico, é de ver que, para as mais recentes camadas da população, as superstições são quase inexistentes, revestem caracteres muito especiais e não exercem no ânimo dos «padecentes» nem sombra sequer do discricionário poder de que outrora desfrutavam.

Qual é a senhora de nossos dias que se arrepele toda ante o olhar inquisitorial (e despeitado...) da sua melhor amiga que, tácitamente, se vê obrigada a reconhecer a superioridade da elegância de corte do seu casaco de abafar?

Onde encontrar o sujeito sem consciência que se possa temer das pragas e dos anátemas que lhe roguem ou lancem os desprotegidos a quem porventura explore?

Quem há aí que se compadeça de ouvir espirrar o vizinho, exteriorizando votos para que não seja prelúdio de escarlatina ou outra doença perniciosa?

Ao que suponho, hoje todos se cuidam imunizados para o que quer que seja mediante certo feitiço onnipotente e milagroso, graças ao qual tudo se alcança e contra o qual nada prevalece.

O novo talismã consiste em dizer três vezes consecutivas, batendo com os nós dos dedos algures: *Lagarto, lagarto, lagarto!* E então se se lhe acrescentar: *O Diabo seja cego, surdo e mudo*, pode estar-se absolutamente descansado e enfrentar-se os vaivéns da sorte com sorriso confiante.

Não há figas, cornicho, signo-saimão ou quejando amuleto que lhe valha!

É certo haver quem pague por bom dinheiro os bilhetes capicuas dos «eléctricos» e quem tenha enguiço com tal raça de números, mas não o é menos irem rareando as pessoas que em caso algum se sentam à mesa de jantar (desde que sejam treze os comensais), as que não gostam de ver tinta entornada, as que ficam sem pinga de sangue se acaso deparam com um chapéu aos pés da cama e as que se comprazem em fazer uma salga à porta da casa de terceiro, com quem andem mal-avindos.

Mas noutros tempos, quando as ruas não eram iluminadas e pela calada da noite de breu só os brigões e malfetores se aventuravam a pôr o nariz fora de casa, tudo era diferente, em especial à medida que nos íamos afastando do coração da urbe e entrando no termo da capital, fosse na direcção dos montes, fosse para o lado das hortas, onde, apesar da imensa quantidade de água nativa, muita gente aguardava que passasse o caldeireiro para semear os nabos, pois o clássico tilintar do aço da bigorna portátil trazia chuva dentro de dois a três dias...

Não havia entroncamento de caminhos onde se não erguesse cruzeiro venerando, já para que o viandante pudesse pedir a Deus inspiração a respeito do caminho a seguir, já para evitar que as malditas bruxas lá fossem bailar ao som de pandeiro, aguardando a chegada do Mafarrico, na forma de molosso negro, de rabo alçado e retorcido, para, à semelhança do que fazem os cães entre si, lhe cheirarem o *fim*, antes de abalarem para a hedionda lida de embruxar crianças.

Os cruzeiros, porém, não evitavam que o recinto onde campeavam servisse de espojadouro aos lobisomens — outra espécie de avantesmas, que mantinha em casa durante a noite, fechados a sete chaves, os nossos antepassados.

E os avejões?

E as casas assombradas, onde, a altas horas, almas do outro mundo se davam prazo-dado e penavam seu fadário, arrastando pesados grilhões ou abrindo e fechando portas estrepitosamente com pertinácia digna de maníacos?

Quem há hoje que sinta gelar-se-lhe o sangue quando ouve piar um mocho?

Quero crer que ninguém, até pelo simples facto de nunca na vida ter adregado de escutar a agoireira ave, ou a coruja sua próxima parenta.

Também me convenço que já não há quem exulte por ver um preto quando ainda esteja em jejum. Pois nossos avós tinham o caso como do melhor augúrio — dava sorte, como também a dava o estar perto de algum marreco e ter ensejo de lhe passar a mão pela bossa sem que ele se precatasse.

À mesa de comer as facas postas em cruz arrelivavam toda a gente e a contrariedade subia de ponto se o saleiro se entornava. Em compensação se o vinho se derramasse na toalha não havia inconveniente — era alegria!



Com ser cabeça de vasto império e terra das mais desvairadas gentes, Lisboa fervilhou de usanças supersticiosas, muitas das quais se deliram embora as práticas subsistam sem se saber por quê, nem se lhes conhecer a razão de ser.

Os cravos e os manjericos pelo Santo António, por exemplo, talvez estejam nesse caso.

Alguns actos ligados com a religião também se não podem considerar de todo isentos do seu quê de supersticioso.

Estou que bastará citar o caso da cadeira de São Gens, na ermida de Nossa Senhora do Monte.

Quantas centenas de milhares de futuras mães se têm sentado, através dos tempos, no tosco assento de pedra a pedir uma hora feliz?

Na meia-noite de São João quem deita ainda chumbo derretido num copo com água ou lança nela um ovo partido para, na manhã seguinte, se certificar da profissão do futuro marido?

As alcachofras ainda vão tendo saída para chamuscar e também há quem siga fiel à prática do bochecho de água, mas onde está quem continue a ter confiança na sorte do sapato ou na das favas?

Como pareça ver transparecer nalguns rostos o desconhecimento de tais usos, vou explicá-los resumidamente.

A sorte do sapato consistia em a «consulente» calçar no pé esquerdo um sapato muito maior do que o da sua medida e chegar, depois, ao cimo de uma escada e fazer menção de dar violento pontapé.

É claro que o sapato *voava* e ia cair em determinado degrau. Se caísse para o lado direito, o casamento não seria de amor, mas, sim, por interesse; mas se caísse para o lado esquerdo, então seria ao gosto da pessoa. O número de degraus que faltasse para a raiz da escada marcava o número de anos de espera.

Quanto às favas: escolhia-se uma vagem que tivesse cinco sementes e tomavam-se três delas. A uma tirava-se a pele toda, à outra só metade e a terceira ficava tal-qual. Depois punham-se debaixo do tra-

vesseiro e no dia seguinte, ao acordar, agarrava-se uma, ao calhar. Consoante a que saísse — nua, meio-enroupada ou vestida — assim o futuro marido seria pobre, remediado ou rico.



Os recursos da moderna terapêutica permitiram à Medicina debelar com relativa facilidade muitos dos males que afligiam a humanidade.

Todavia, estou em crer que um dos mais temidos de outrora desapareceu por causas estranhas à ciência de Galeno, de Hipócrates e de Avicena.

Refiro-me ao *quebranto* — o famoso e nunca assaz cantado *quebranto*, em geral filiável nalgum *mau olhado* — que tamanhos estragos fazia entre nossos avoengos, especialmente depois de entrados na adolescência.

Não obstante a eficácia dos misteriosos recursos de que se dispunha, o *quebranto*, às vezes, levava a sua avante e não raro os doentes acabavam por entisicar.

O mais acreditado imunizante contra o *mau olhado* era — indiscutivelmente! — a figa, ou seja: a reprodução em vulto da mão fechada de maneira que a cabeça do polegar assome entre o indicador e o dedo médio.

Havia-as de pau santo, de buxo, de chifre, de marfim, de osso e de coral, mas nenhuma valiam as de azeviche, cuja sensibilidade e cuja virtude eram tais que chegavam a fazer esta coisa espantosa: estalarem por não poderem aguentar a força do *mau olhado*! E por sua via se livrava de morte certa a pessoa que tivesse a ventura de a possuir!

Mas quando, por qualquer circunstância, a figa não bastasse, recorria-se aos esconjuros e a outras práticas das mulheres-de-virtude, que dispunham de verdadeiro arsenal de remédios e antídotos infalíveis, desde o saquinho com terra de cemitério, até o sapo seco ao sol, espetado numa cana, para pendurar ao pescoço; desde a simples reza com as clássicas bolhas de azeite num pires com água, até à benzedura solene, de ritual complexo, mas cujo resultado se podia ter por certo.

Quantos e quantas não recorreram às benzeduras para se libertarem do flagelo que os deprimia tirânicamente, lhes punha um peso esmagador no peito, lhes sulcava fundas olheiras ou lhes amarelecia a tez, como se andassem com maleitas ou adregassem de sofrer de terças!

Não seria difícil surpreender, por então, a mulher-de-virtude sustentando na mão direita um rosário, e a acenar com a esquerda com a cruz terminal para o rosto do doente, como se estivesse a incensá-lo,

fazendo cruces, ao passo que engrolava monòtonamente uma reza no género da seguinte:

«Em nome de Deus e da Virgem Maria, a mão de Deus vá adiante, que a minha não tem valia!

Fulano (ou Fulana — *aqui era o nome da vitima*) Deus te fez e Deus te criou. Perdoe Deus a quem mal te olhou!

Se é da cabeça, São João Baptista; se é dos olhos, Santa Luzia; se é do pescoço, Senhor Jesus do Horto; se é dos dentes, Santa Apolónia; se é dos braços, São Marcos; se é da barriga, Santa Margarida; se é do *estômago*, Santo Inácio; se é das pernas, Santo Amaro; se é dos pés, Santo André; se é das goelas, São Brás; se é da cara, Santa Clara; se é do peito, Nossa Senhora do Leite. Em louvor de Deus e da Virgem Maria: Padre Nosso e Ave Maria».

Mas o *mau olhado* não incidia só sobre as pessoas; podia recair igualmente sobre a fazenda, fosse nas searas ou na horta, fosse no curral ou na arca.

Para de portas adentro nada chegava a uma ferradura pregada na porta, sobretudo se fosse da pata traseira do lado esquerdo.

Para livrar as crianças de peito não havia como defumá-las com arruda e aroeira.



Tão temíveis como o *mau olhado* eram as pragas. Muitas vezes mesmo ele não passava de efeito seu.

Mas sempre que falo em pragas acode-me logo à mente o saboroso quadro da Lisboa do começo de Quinhentos, que Gil Vicente nos conservou a propósito das andanças do escudeiro-mancebo Aires Rosado, na farsa que o vulgo apelidou de *Quem tem farelos?*

A iluminura é sugestiva a mais não ser e reproduz um de tantos episódios amorosos de antanho.

Por sob os balcões da dona de seus pensares o escudeiro arrastalhe a asa tecendo endechas plenas de affectação — ele e ela querendo aparentar o que não são. Vai senão quando surge «A Velha» — a Mãe da cortejada — que desembesta num praguejar tal que abona as velhas lisboetas de começos do Século XVI como precursoras das modernas armas automáticas.

É um louvar a Deus como as pragas lhe borbotam da boca dentada, como se ela fora manancial de alcaçaria!

Só uma amostra:

Rogo à Virgem Maria
que quem me faz erguer da cama
tenha má cama e má dama
e má lama, negra e fria.
Má mazela e má courela,
mau regato e mau ribeiro,
mau silvado e mau outeiro,
má carreira e má portela.
Mau cortiço e mau sumiço,
maus lobos e maus lagartos
nunca de pão sejam fartos!
Mau criado, mau serviço,
má montanha, má companha,
má jornada, má pousada,
má achada, má entrada,
má aranha, má façanha.
Má escreença, má doença,
mau doairo, mau fadairo,
mau vigairo, mau trintairo,
má demanda, má sentença.
Mau amigo e mau abrigo,
mau vinho e mau vizinho,
mau meirinho e mau caminho,
mau trigo e mau castigo.
Irá de morte e de fonte,
irá de serpe e de drago
perigo de dia aziago
em rio de monte em monte.
Má morte, má corte, má sorte,
mau dado, mau fado, mau prado,
mau criado, mau mandado,
mau conforto, te conforte!!!

Uff!!!

Parece que chega e sobra para se aquilatar desta exímia concertista de pragas, que nada ficaria a dever às mais aperfeiçoadas metralhadoras de nossos dias!

Note-se de passagem que nesta farsa existe um verso que deita por terra toda a teoria architectada por um romancista famoso para explicar o temor que na Península se tem pelo que os vizinhos podem dizer a nosso respeito.

Para Blasco Ibañez nenhuma dúvida havia de que a raiz do mal estava na acção do Santo Ofício e no pavor de se ser denunciado à Inquisição.

Ora Gil Vicente encarrega-se de fazer ruir a engenhosa teoria, pois *Quem tem farelos?* é muito anterior ao estabelecimento do Tribunal entre nós e lê-se lá, com todas as letras, o seguinte, numa fala da «Velha» à filha:

— Que dirá a vizinhança?
Dize-me, mulher sem siso!



Voltemos à vaca fria.

Noutros tempos ninguém encetava trabalho ou negócio à sexta-feira, ou à terça, por serem dias aziagos.

Também ninguém se lavava na água já usada por outrem, por temor a desavenças.

Um cão a uivar trazia presságio funesto, e azeite entornado ou vidros partidos também.

Que dizer, então, de galinha que cantasse como o galo? Tinha de se lhe cortar logo o pescoço, quando não adivinhava a morte do dono.

Se o pão caía da mão, quando se ia comê-lo, era sinal de que alguém nos queria falar e não podia.

Varrer a casa à noite e deitar o lixo fora equivalia a deitar fora a fortuna, o mesmo se dando quando se punha termo à existência de uma aranha depois de as luzes estarem acesas — a morte do bicho fazia que a fortuna se escapulisse.

Em compensação ervilhas de nove bagas, nozes de três esquinas e trevos de quatro folhas eram portadores de mil venturas.

Só as almas torvas encaravam a sangue frio o matar um gato, porque a execução do felino trazia sete anos de trabalhos — tantos como os fôlegos do animalzinho.

Quando se sentia uma orelha a *arder* era sinal de que estavam a falar de nós — se era a direita estavam a cortar-nos na casaca, se a esquerda, a dizer bem.

Comichão na palma da mão era prenúncio de dinheiro fresco e andar de guarda-chuva aberto dentro de casa vaticínio de contrariedade iminente.

Se uma varejeira no seu enervante cirandar entrasse em casa era aviso certo da chegada de presente ou de visita. As visitas também eram *previstas* pelos gatos, quando se punham a *lavar a cara*. Por sinal que se, em seu afã, passavam a mão por detrás das orelhas, podia-se estar certo de que se tratava de «visita de toucado».

E os sonhos? Tão grande importância tinham que até as suas explicações se vendiam em livro próprio, onde estavam compendiadas por ordem alfabética.

Sonhar com cabelos era prenúncio de grossa intrigalhada; sonhar com dentes, morte de parentes e com o próprio falecimento sinal de vida. Sonhar com galinhas ou com sapatos era de arrepelar, pois acar-

retava boa carga de trabalhos, fosse com penas (desgostos) fosse por ter de fazer largas caminhadas para conjurar perigos.

Sonhar com riquezas era miséria, mas sonhar com imundícies anunciava prosperidade e fortuna. E, a propósito, contava-se logo de um ou de outro a quem saíra a sorte grande e que na véspera levava toda a noite a sonhar com estrume!...



Já na obra de Gil Vicente se mostra como as ciganas, desde recuados tempos, se dedicavam à quiromância e à cartomância. Contudo muitas mulheres sem gota de sangue zíngaro sempre lhes têm feito concorrência, já lendo a sina na palma da mão, já perscrutando o futuro nas cartas de jogar.

Nada de melhor há para se conhecer antecipadamente a duração do nosso penar neste vale de lágrimas, para se saber da viabilidade das aspirações amorosas.

Falo por experiência própria, pois quando tinha dezoito anos uma cigana profetizou-me que havia de morrer na casa dos trinta e a prova de que se não enganou está, a meu ver, em que ainda vou nos trinta e... vinte e três!

Nem sempre, porém, se recorria aos poderes sobrenaturais das pitonisas para bem dos semelhantes. Em geral o recurso tinha relação mais ou menos directa com travessuras do azougado Cupido.

Se havia quem se desse por contente com enfeitiçar o namorado por meio do furto de qualquer objecto de seu uso — como fosse lenço ou canivete — às vezes ia-se mais além, especialmente quando havia a certeza de que o mais-que-tudo tresvariara e andava metido de manto e gorra com terceira.

Quando tal se dava, a desprezada vinha à consulta e era aconselhada a praticar o ritual seguinte, cuja eficiência o acreditou através dos séculos:

À meia-noite, a interessada (em fralda de camisa, descalça e com os cabelos soltos), devia ajoelhar atrás da porta da rua, segurando na mão direita uma faca de cabo preto, ou uma tesoura, e na esquerda um coração de cortiça forrado de pano vermelho e dizer convictamente:

A esta porta venho bradar
Por nove almas venho chamar:
Três enforcadas, três degoladas
E três mortas a ferro frio.
Todas três, todas seis, todas nove
Da sepultura se levantarão
E ao campo de Judas irão
E um vime apanharão
No coração de Fulano o cravarão.

Nesta altura espetava a faca (ou a tesoura) no coração de cortiça, repetindo tantas vezes a palavra «cravarão» quantas as vezes que espetasse.

Depois prosseguia, cheia de fervor:

Almas! almas! almas!
Que nem uma tenha sossego
Enquanto me não alcançarem este desejo:
Que Fulano não possa comer, nem beber,
Nem dormir, nem descansar
Nem com outra mulher falar
Enquanto para mim não voltar!

E era sabido que, em regra, o tresvariado entrava de secar e entristecer até que, manso qual borreguinho de mês, tornava para junto de aquela de quem andara arredio!



Para alguém se libertar de cortejador importuno e contumaz recorria-se a «desligar amizades», coisa tão necessária como o pão para a boca, em especial para as moçoilas bem parecidas, que se viam assediadas por atrevidos sem escrúpulos, quando não para um ou outro Santo-Antoninho-onde-te-porei a quem os entusiasmos serôdios das que houvessem ficado no rebotalho da sua geração fizessem viver em sobressalto...

Havia várias receitas para o alcançar, mas a mais acreditada, ao que julgo, era o seguinte cozimento, que dou a conhecer na intenção, muito sincera, de ser prestável a qualquer pessoa...

Dois grãos de verbena; duas onças de bagos de romã; onça e meia de raízes de uma trepadeira, que nasce à beira dos caminhos e a que chamam mil-homens e mais uma quarta de mastruços.

Punha-se tudo em água e levava-se ao lume num púcaro novo de barro até ferver e ficar reduzido a meio quartilho. Depois coava-se para uma frigideira de arame e juntava-se-lhe uma quarta de tutano de carneiro e mais meia quarta de unto sem sal.

Uma vez na posse do ingrediente, só havia que deitar uma pequenina porção dele na comida da pessoa detestada, durante oito dias consecutivos, dizendo de cada vez:

Por bem ou por mal e com a ajuda de Deus, a quem adoro de todo o meu coração, *há-des* ir pro-

curar amor a outra parte, longe de mim e enquanto me não deixares que sejas maldito pelo poder mágico da preta carcereira.

No fim de oito dias agarrava-se nas sobras do «filtro», acrescentava-se-lhe carne de carneiro e mexia-se tudo com ovos, dando-se o petisco a comer a um cão, que tivesse um sinal preto na cabeça. Assim que o animalzinho acabasse de comer, batia-se-lhe com um chavelho de carneiro, queimado nas duas extremidades — na ponta e na raiz — até o bicho ganhar três vezes. Nessa altura atirava-se com o chavelho por ares e ventos, dizendo:

— Que Fulano (ou Fulana) fuja de mim com a mesma ligeireza!

E é que fugia mesmo!

Tão certo como dois e três serem cinco!



Mas o âmbito da actividade das mulheres-de-virtude não se limitava a estes campos. Algumas empregavam os seus poderes sobrenaturais na prática de exorcismos.

A esse respeito tenho uma história para contar:

Naquele ano da graça de 1797, conquanto se estivesse quase no Santo António — a folhinha marcava o dia 9 de Junho — e os sinos da Sé já tocassem a Noa, chuviscava água miudinha e de tal modo fria, que parecia penetrar até o tutano dos ossos. Para mais, um *barbeirinho*, que soprava das bandas de Espanha, agravava a inclemência do ambiente ao ponto de se tiritar.

Pois justamente quando todos caminhavam encolhidos, quase a bater o queixo, à força de enregelados, o Rev.^{do} António de Pádua, clérigo do hábito de São Pedro e pároco da freguesia de São João da Praça desta capital, entrou no cartório de roldão — parecia um foguete! — a limpar o suor, que lhe camarinhava na vasta calva rubicunda.

O bom padre prior resfolegava que metia medo e vinha congestionado e furibundo a tal ponto que a língua se lhe entaramelara e não conseguia desengorgomilar duas palavras seguidas.

Por absoluta necessidade de desanuviar a mente atochou as ventas de simonte fresco e (depois de soltar três espirros monumentais, que abalaram o edifício até nos alicerces e pareceram outras tantas salvas de artilharia) assoou-se com estrépito a um alcobaça muito garrido. Acto contínuo, visivelmente aliviado, sentou-se à escrevaninha, encavalitou os óculos no promontório nasal, aparou uma pena de pato

nova e lançou de jacto ao papel a seguinte missiva, endereçada ao Cardeal-Patriarca, D. José Francisco de Mendonça:

«Com ludíbrio da nossa Santa Religião se vê nesta freguesia de São João da Praça, no Beco do Guedes, uma supersticiosa mulher, chamada Rosa Narcisa, casada com Manuel Francisco, que públicamente faz exorcismos a um grande número de pessoas, que, tão cegas como ela, se capacitam da sua virtude falsa e dos embustes que a sua sagacidade sabe descobrir e inventar para as enganar; nascendo de aqui que todas estas pessoas, preocupadas e capacitadas dos seus enganos, concorrem (já com presentes, já com dinheiro) para a sustentação da tal exorcista e seu marido; e este, quando observa que o officio rendeu pouco, se volta contra a mulher e a violenta a que prossiga no seu exercício, sem que baste a admoestação e advertência, que já lhes fiz para que desistam de fazer na sua casa semelhantes exorcismos, onde eu mesmo encontrei mais de vinte pessoas, que todas esperavam pelas suas palavras supersticiosas o restabelecimento da sua saúde.

Concorrem de dia e de noite bandos de pessoas de ambos os sexos, não bastando as diligências e as forças, que tenho feito, para remover desta Paróquia e do meio do Cristianismo esta fanática e supersticiosa exorcista, que (maliciosamente e com desprezo da Autoridade Paroquial) tem iludido as minhas correcções e continua os seus embustes até o ponto de fazer crer aos miseráveis enfermos que o Diabo grita aos seus exorcismos, valendo-se para isto de um pequeno moço que tem, que, industriosamente, em uma casa interior, põe em tortura um cachorrinho a fim de que os seus latidos se acreditem ser do Diabo.

Parece incrível que nos tempos presentes haja quem não conheça semelhantes enganos e loucuras mas é certo que vejo concorrer inumerável gente e que (bem longe de estimar o meu desengano e proibição que lhe fiz) insistem em procurar a dita exorcista, que (ora com certas ervas, ora com água, ora pelo modo dito) estabelece assim o seu modo de vida em desabono da Religião, da Verdade e a Suprema Autoridade de Vossa Eminência, que devia respeitar na prudente admoestação que lhe fiz. E por ver que não produziu efeito o represento a Vossa Eminência para que se digne dar-lhe as providências precisas para se evitar a zombaria, ditérios e escândalo, que resulta da ilusão desta embusteira e dos que a ela recorrem nas suas aflições».

Depois de datar e assinar, o Rev. António de Pádua, evidentemente satisfeito, reviu-se com deleite na sua prosa indignada e sentiu-se quite com a sua consciência e o seu dever de pastor de almas.

Terminada a história, importa salientar que o prior de São João da Praça, em 1797, escrevia cheio de vibração:

Parece incrível que nos tempos presentes haja...

Ora cento e trinta e cinco anos depois ainda volta e meia lemos a frase escrita com a mesma sinceridade por outras pessoas e a respeito de os mais variados assuntos, alguns deles, por sinal, fortemente afins do que motivou o desabafo.

Com efeito, é quase vulgar deparar-se-nos a frase:

Parece incrível que nos tempos presentes...

.....
Mas agora dou fé de que também parece incrível que eu tenha

sido convidado para falar breves minutos e esteja para aqui a moer a paciência a toda a gente há um ror de tempo.

É, pois, natural que neste momento já estejam de «pernas para o ar», atrás de quantas portas há cá em casa, todos os bancos e vassouras, a ver se se consegue que desampare a loja.

Receio que, como justo desforço, algum ouvinte me tenha lançado olhares minazes, na ânsia, muito legítima, de me reduzir ao silêncio.

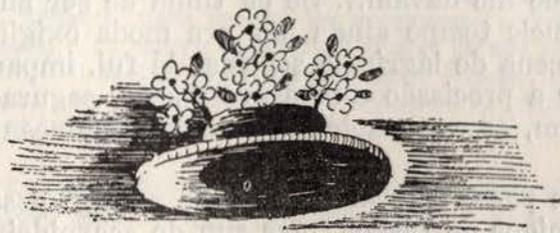
Se assim foi, não se me pode levar a mal que, valendo-me da proximidade da quadra carnavalesca, falte ao respeito que a todos devo e brade do fundo da alma:

— Figas, canhoto!

O mais seguro, porém, será cada um de nós recorrer ao talismã por excelência dos nossos dias, o tal a que aludi ao começar esta desproporcionada arenga. Por isso, vá de dizermos todos em coro, com a veemência e a sinceridade requeridas:

— *Lagarto, lagarto, lagarto!*

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO



Procissões e cultos de Lisboa ⁽¹⁾

FOI a intimação recebida. E cá estou. Mas não vejo a justificação da minha presença aqui no serão desta noite, a não ser por partida de algum... *Amigo de Lisboa* sabedor de que eu já fora em tempos remotos, de anjinho numa procissão, entendesse que por esse motivo eu poderia, com conhecimento de causa, vir perante VV. Ex.^{as} evocar esta faceta do *Pitoresco de Lisboa*.

Evidentemente não vou descrever a minha actuação nessa já longínqua procissão de que fui comparsa e da qual guardo gratas recordações: a vitória de uma birra e um par de meias roxas!

Os meus cinco anos exigiram que, para figurar na procissão, me colocassem sobre a farta cabeleira negra, que sofrera o martírio dos «papelotes», uma bonita e bem confeccionada cabeleira loira. Sim, porque os «anjinhos» eram loiros. Era assim que eu os via nos painéis e nos santinhos que me davam... Se eu tinha de ser anjinho tinha que ser loira, e naquele tempo ainda não era moda oxiginar as crianças. Depois de uma cena de lágrimas sentidas lá fui, impando de alegria e orgulho, a abrir a procissão com a «verónica», segurada pelos irmãos que me ladeavam, saracoteando-me com uma famosa e encaracolada cabeleira loira!

Hoje já não posso figurar de anjinho na «procissão» agora organizada pelos Amigos de Lisboa, mas sim de «carpideira» do pitoresco perdido da minha, da nossa Lisboa, e vou tentar esboçar o mais sucintamente possível as principais procissões lisboetas, aquelas que ainda chegaram aos nossos dias ou de que os ecos ressoaram aos nossos ouvidos, «usanças medievais de muito sabor e poesia e que serviam para entreter e distrair o povo, sem o prejudicar», como afirmou Júlio de Castilho, o grande cronista-poeta da *Lisboa Antiga*.

Para tal recorro à erudição daqueles que se têm dedicado ao estudo dos usos e costumes da nossa Lisboa.

Iniciarei a evocação das procissões por aquela que a Lisboa cristã,

(1) A autora inicia a sua comunicação lendo a circular n.º 124 do Grupo «Amigos de Lisboa», na qual o seu nome de conferencista é indicado.

por determinação de El-Rei D. Afonso Henriques, realizou para comemorar a vitória sobre os Mouros, procissão esta em que se incorporou o próprio Rei, os grandes que com ele pelejaram, os bispos e arcebispos, o povo, e os capitães da armada dos cruzados, acompanhados da população dos arredores e de terras distantes que vieram juntar o seu entusiasmo e devoção aos dos combatentes, irmanando-se todos na mesma alegria esfuziante de bem justificada gratidão.

Deve ter sido esta a primeira grande procissão da Lisboa portuguesa, a procissão da *Conquista*, que, segundo Júlio de Castilho, ainda em 1860, embora já muito alterada, se realizava, indo todo o Cabido da Sé até à Ermida de S. Crispim.

Até agora os anotadores dos fastos da nossa Lisboa não conseguiram averiguar se esta comemoração se manteve ininterruptamente. Apenas se aponta, passados séculos: a carta régia de 23 de Outubro de 1492 determinava que a procissão comemorativa da Tomada de Lisboa se realizasse com solenidade, devendo tomar parte o governo da cidade. Mas apesar da carta régia citada e doutra do ano seguinte em que se insta com os vereadores ordenando que se não esqueçam jamais da solenidade, o facto é que deve ter decaído o entusiasmo e possivelmente anos houve em que a cerimónia não se efectuou, visto em Setembro de 1575 D. Sebastião ordenar à Câmara de Lisboa:

«Pelo que vos encomendo muito mando que daqui em diante ordeneis e façais esta procissão no dia destes Santos Mártires S. Crispim e S. Crispiniano a qual irá da Sé a S. Vicente de Fora, como sempre foi, e a cidade irá nela como vai nas outras procissões solenes e em tudo o mais se fará com aquela solenidade e veneração que se Requere, para que vá em crecimento a lembrança e devoção de tão grandes Santos, e da mercê e benefício que a cidade recebeu em seu dia e para que esta procissão vá tão acompanhada como é razão, escrevo também ao Arcebispo que ordene que vá sempre nela o cabido e se repiquem os sinos de todas as igrejas e se ponham nelas bandeiras».

Porém, apesar dessa determinação, e talvez que interrompida pelo domínio dos Filipes, com o decorrer dos anos, a patriótica cerimónia esqueceu, deixando de se realizar não só a procissão mas até o «Te-Deum» e a própria missa de acção de graças por termos conquistado Lisboa.

Não foi esta a única procissão esquecida, pois folheando os «*Elementos para a História do Município de Lisboa*», obra ordenada com incansável tenacidade por Freire de Oliveira e hoje permanentemente consultada por todos os que pretendem estudar os mais variados aspectos de Lisboa e suas gentes, nós encontramos referências a uma série de procissões situadas no decorrer dos séculos. Além desta da «Conquista» de Lisboa, a que me referi, havia a comemorativa da «Batalha de Aljubarrota», a dos «Ferrolhos» (que, segundo Castilho, foi instituída em Janeiro de 1599, saindo de noite de St.º António da Sé e ia dar à Penha de França; e a gaiatada do acompanhamento

entretinha-se a bater ao ferrolho de todas as portas que enxergava pelas ruas do trajecto); a da «Bula da Cruzada», criada em 1611, a da «Aclamação», a das «Candeias», a das «Ladainhas», a de «N.^a S.^a dos Mártires», a da «Penitência», a de «St.^a Isabel», a de «S. Vicente», a da «Visitação de N.^a S.^a», não esquecendo a de «Corpus Christi», a de «N.^a S.^a da Saúde» e a do «Senhor dos Passos da Graça», que ainda chegaram aos nossos dias. Não falo das esporádicas que a propósito de tudo e de nada se organizavam fosse pelos «bons sucessos» das Rainhas ou melhoras de um Rei ou para afastar as pestes com que amiudadamente a nossa Lisboa era mimoseada. Estas manifestações cívico-religiosas que em certas épocas atingiram o carácter de grandiosos espectáculos públicos, derivaram, com o decorrer do tempo e com a alteração dos usos e costumes a que o enfraquecimento da fé religiosa não deve ser alheia, em cortejos, mais ou menos históricos, até às marchas populares de ontem!

Não devemos, porém, dada a sua importância, deixar de evocar de entre estas procissões de Lisboa, as que se enraizaram e só foram interrompidas pela mudança de regime.

Em primeiro lugar a de «Corpus-Christi», «Corpo de Deus», ou de «S. Jorge», que no reinado de D. João V atingiu uma imponência e originalidade notáveis não só na ostentação litúrgica como nas excentricidades profanas. Com um mês de antecedência iniciavam-se os preparativos nas ruas por onde devia passar a procissão, (e eram quase todas as da baixa) e oito dias antes o «estado» de S. Jorge composto de pretos, de calça branca e vestes vermelhas agaloadas a amarelo de chapéu armado das mesmas cores, tocando tambores e pífanos, percorriam as ruas anunciando a festividade. Cada componente desta guarda usufruía uma pensão anual no montante de cinco réis diários. Na manhã do dia de «Corpo de Deus» a tropa apresentava-se de calça branca e, depois de lhe ser passada a revista no Passeio Público, ia desdobrar-se em alas por todas as ruas do percurso, ruas previamente areadas e juncadas de verdura e flores. No cortejo incorporava-se a Família Real, dignitários da Casa Real, clero e nobreza, o Cardeal-Patriarca sob o Pálio, o Cabido da Sé e respectivas basílicas, todas as irmandades e párocos de Lisboa e S. Jorge a cavalo e o seu «estado», seguido de povo numeroso e reverente.

Dia festivo da cidade era este da procissão do «Corpo de Deus» e de marcado sentimento religioso, embora esfuziante de alegria, de cor e de movimento, só ultrapassado pela de «N.^a S.^a da Saúde e S. Sebastião», que foi considerada como a mais alegre e popular das procissões de Lisboa. Muitos a designavam pela procissão dos Artilheiros, por nela tomarem parte, abrilhantando-a com as suas fardas de grande gala sob capa de seda azul e branca, os regimentos de Artilharia.

Dada a época do ano em que se realizava, logo ao findar da Primavera, a abundância e variedade das flores permitiam a decoração

vistosa das ruas por onde passava. Em coretos armados em vários pontos tocavam bandas e filarmónicas; durante o trajecto, espalhavam folhas soltas com versos alusivos, e das janelas caíam flores sobre as imagens. Andores, lanternas e insígnias eram levados por oficiais superiores da arma de Artilharia, oficiais da Armada e representações da nobreza. À noite havia brilhantes iluminações e um pequeno arraial próximo da Capela.

Com a implantação da República deixou de se realizar a popular e tradicional procissão, mas em 1940 um recrudescimento de fé reatou a tradição, porém já sem a pompa e brilho que a caracterizava outrora, embora o povo acoresse a tomar parte, enchendo as ruas do percurso, que então foram limitadas. Quem hoje for assistir à passagem da procissão da «Senhora da Saúde», pode ajuizar da fé que nas camadas populares continua latente; outro tanto não acontece com a alegria comunicativa — outrora manifestada.

Depois desta procissão, uma das mais concorridas era a que no dia do Coração de Jesus saía da Igreja do antigo Convento de Jesus. Levava 72 anjinhos e 18 irmandades com 18 vistosos andores, destacando-se entre elas a irmandade, em que todos os componentes eram pretos. Pretos os irmãos, pretos os anjos, e até pretas as imagens dos Santos: S. Benedito e St.º António Preto. Era número de grande sensação e despertava a curiosidade do povo, que acoirava em tropel.

Também digna de menção, pelo seu pitoresco, era a de Domingo de Ramos, que saía da Capela do Carmo, e o povo apelidava dos «Nus», por nela figurarem, além do andor de N.ª S.ª das Dores, os que levavam Cristo nas diversas fases da sua paixão, sempre nu, apenas com pequenas tangas roxas.

Não fujo à tentação de evocar, através de Sousa Bastos, a procissão do «Enterro do Senhor», que tinha lugar em sexta-feira Santa e saía de diversas Igrejas. Diz o evocador da *Lisboa Velha*: «Era uma autêntica mascarada a que felizmente, para bem da crença religiosa, foram suprimidas as figuras simbólicas que nela figuravam. Assim, abria a procissão um latagão com grande hábito roxo atado na cintura por grossa corda, com a cabeça completamente tapada por longo capuz penitenciário apenas com dois pequenos orifícios para os olhos. Acompanhavam o pendão duas figuras idênticas conduzindo uma o guião equivalente a um pendão mais pequeno e a outra levando uma corneta em que dava os sinais de parar e avançar. Ladeadas pelos irmãos de capas roxas, vinham então as outras figuras, que eram S. Pedro, com as chaves das portas do céu; Pôncio Pilatos com a toalha a que limpava as mãos; Simão Cirineu ao lado do Senhor dos Passos, que o ajudava a levar a cruz; S. João Baptista levando preso um cordeirinho; o Bom e o Mau ladrão; Maria Madalena com a toalha em que havia de receber o Cristo e menino Isac com o molho de lenha em que havia de ser queimado e logo o Pai Abraão com as suas grandes bar-

bas, erguendo o alfange com que havia de sacrificar o filho. Seguia-se o anjo segurando uma fita que prendia a espada para salvar o inocente. À frente do esquife em que ia o corpo Santo caminhava a mulher da «verónica», que de quando em quando parava, trepava ao banco que conduzia um irmão e começava em voz esganiçada a desentoar «o vós omnes que transitas per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor mea». Atrás do pálio, sob o qual ia o Senhor morto, seguiam todas de preto, fazendo grande berreiro, três carpideiras que o povo chamava as «três Marias do behú».

Porém, a procissão mais venerada, e mais respeitosa acompanhada, era a do Senhor dos Passos da Graça, que se realizava na segunda sexta-feira da Quaresma. Foi esta a minha procissão. Saía da Igreja de S. Roque, para onde na véspera tinha transitado em camarim fechado a Imagem do Senhor dos Passos da Igreja de N.^a S.^a da Graça. Iniciava-se a procissão por numerosos penitentes «tomando rigorosas disciplinas». Seguia-se-lhe o grande pendão de damasco roxo acompanhado de numeroso cortejo de penitentes com as mais variadas mortificações. Novo pendão levado por um irmão, a que se seguia toda a irmandade repartida em duas alas, entre as quais, já vizinho ao andor do Senhor dos Passos, seguiam os sete anjos ricamente vestidos a rigor de roxo com asas de prata, que eram bem pesadas, e que levavam os emblemas da Paixão: a Verónica, os dados e o martelo, os cravos e torquês, o cálix, a lança, a esponja e o dístico da cruz.

Sem me alongar nos festejos e manifestações inerentes à devoção do povo de Lisboa pelos Santos populares, entre os quais avulta Santo António, e sem me querer referir às romarias — mais pagãs — dos arrabaldes, devo citar outras manifestações de carácter religioso que despertaram sempre o interesse da população lisboeta e a arrastava para... fora de portas. Refiro-me aos círios, ou seja, às romarias da cidade, das quais destaco as que mais profundamente interessavam os alfacinhas: o da Senhora do Cabo, da Senhora da Atalaia, da Senhora da Arrábida e da Senhora da Rocha.

Estes círios têm uma origem comum: as peregrinações ocasionadas pela aparição da imagem de Nossa Senhora em qualquer dos locais citados, e a tradição indica como mais antigo o da Senhora do Cabo, pois o situa à volta de 1400. Segundo uma lenda um tanto confusa, uns lenhadores do sítio da Caparica teriam encontrado uma Imagem de Nossa Senhora no local onde hoje ainda está de pé a capelinha da memória erigida pelos Caparicanos no Cabo Espichel. Mas outros afirmam ter sido um velhote de Alcabideche, povoação no termo do concelho de Cascais, quem avistara noites sucessivas uma luz sobre o promontório do Cabo Espichel. Para lá se dirigiu, atravessando o Tejo e contando o prodígio a quem o queria ouvir; na Caparica contagiou da sua fé uma velhota, que o acompanhou até ao local onde

uns lenhadores da Caparica estavam em adoração ante uma pequena imagem de Nossa Senhora. Essa imagem, com todas as características da imaginária anterior ao Séc. XV, ainda hoje se venera na Igreja do Cabo Espichel, onde os círios afluíam desde 1430, pois as gentes da Caparica não deixaram de ir festejar Nossa Senhora todos os primeiros domingos de Maio; seguiram-se círios de várias povoações, incluindo o de Lisboa onde, diz Ribeiro Guimarães, chegaram a ter representação 30 freguesias. Nas arruinadas mas curiosas edificações, dependências da «Casa da Senhora», que enquadram a igreja, ainda hoje se pode ler: «Casa do Círio de Lisboa» numa das habitações do lado da casa do forno e da «Opera» por ele construída.

A origem do antigo círio de Setúbal ou da Arrábida tem sido atribuída pelos investigadores à romaria a uma ermida edificada pelo mercador inglês Haildebrant, que nos princípios do Séc. XVI se viu assediado por terrível temporal ao demandar a barra de Lisboa. Como era devoto e tinha a bordo uma imagem da Virgem Maria, talhada em pedra, que pertencera a uns Beneditinos idos para Inglaterra a doutrinar por mandato de S. Gregório, ao ver-se perdido implorou ferverosamente o auxílio da Virgem. A tempestade amainou, e todos os tripulantes, maravilhados, viram ao dealbar um suave clarão nas escarpas barbáricas. Extasiados ante o prodígio, a que se ligava uma estranha calma das águas, voltam à câmara para agradecer o milagre a Nossa Senhora e verificam que a imagem desaparecera. Logo que podem saltam em terra e correm para o local onde tinham avistado o clarão. Aí, encontraram sobre uma rocha a imagem desaparecida.

Haildebrant distribuiu pelos companheiros todos os seus haveres, reservando apenas o necessário para edificar a ermida que celebra o milagre e um pequeno abrigo onde ficou a viver, pedindo, no entanto, aos companheiros que o visitassem. Estes partiram para Alcântara, em Lisboa, e todos os anos voltavam em romagem à Serra da Arrábida. Esta devoção divulgou-se por todo o reino, começando a afluir os devotos em grandes romarias. Foi então que se fundou o Convento dos Padres Capuchos chamados Arrábidos. Mas isso é... outra história!

No concelho de Aldeia Galega do Ribatejo, no cume do Monte de Atalaia, ergue-se a Capela de N.^a S.^a da Atalaia e um pouco ao norte está a célebre fonte onde a tradição conta ter aparecido a Virgem. Desconhece-se a data do aparecimento, mas há memória de no ano de 1507 todo o País ter sido assolado pela peste. E a lenda tradicional afirma que os oficiais da alfândega, quando viram cair fulminados dois dos seus colegas que assistiam à abertura de volumes procedentes de localidades infeccionadas, fizeram a promessa de irem todos os anos em romagem ao sítio da Atalaia, se escapassem ao terrível flagelo. A promessa foi cumprida, e o Estado, por muitos anos, contribuiu poderosamente para o fausto com que se efectuavam as festas

inerentes à romaria, que teve início do domingo da Santíssima Trindade, no ano de 1507, com a assistência do almoxarife, juiz e oficiais da Alfândega, e assim se repetiram até que em 1833 a reforma das Alfândegas anulou a verba concedida para o culto da venerada Imagem, durante mais de três séculos intitulada a «Protectora das Alfândegas». A festa não deixou, porém, de fazer-se; o círio, embora mais tarde sofresse uma interrupção de alguns anos, continua a realizar-se e a população de Lisboa acorre sempre numerosa e entusiasta à romaria da Senhora da Atalaia.

Para terminar, uma breve referência ao círio que teve origem mais recente, pois a lenda que o justifica se situa em 1822. Nesse ano, uns rapazes folgavam numas terras conhecidas por «Casal da Rocha», em Carnaxide, e viram, anormalmente perto deles, um coelho, Perseguram-no, e o animalito escapou-se-lhes pelo interstício duma rocha. Não querendo desistir de o apresar, foram buscar ferramentas e conseguiram praticar uma abertura por onde, rastejando, puderam entrar. Deparou-se-lhes então uma enorme lapa que abrigava duas caveiras e vários ossos humanos. Divulgada a descoberta, os curiosos começaram a afluír, e um dia, um habitante de Carnaxide viu sobre umas pedras uma Imagem da Virgem, em barro, com um manto de seda muito velho. A descoberta chamou ainda mais curiosos, mas no dia seguinte a Imagem desaparecera para voltar a ser encontrada dias após, a pouca distância, sobre uma oliveira. As autoridades tomaram então conta do caso, e a Imagem, reposta na gruta donde removeram as ossadas, passou a ter guarda. Romeiros sem conta enchiam a lapa de donativos, e em 1822, D. João VI ordenou que a Imagem fosse levada para a Sé e ali venerada sob a invocação de N.^a S.^a da Rocha. O povo de Carnaxide, porém, protestou, mas só em 1882, após renhida luta com o Cabido da Sé, e graças à intervenção do Ministro do Reino, o poeta Tomás Ribeiro, a quem os colegas da Câmara cognominaram pelo «Tomás da Aparecida», conseguiu que a Imagem voltasse a Carnaxide, em procissão solene, e ficasse na igreja paroquial até à conclusão daquela que ainda hoje lhe abriga o culto e foi edificada com os donativos dos seus devotos. A inauguração, em 28 de Maio de 1893, teve grande luzimento e a assistência da Rainha e dos Príncipes. Desde então, todos os anos se realiza com maior ou menor pompa a festividade religiosa, acompanhada de arraial, que leva sempre grande afluência de romeiros à pitoresca povoação.

E aqui têm VV. Ex.^{as} uma das romarias lisboetas que ainda se mantém com dobrada Fé, apesar do Vale do Jamor ter proporcionado, não só à população de Lisboa, mas à de todo o País, uma outra «romaria» bem característica da época actual... a do futebol.

JULIETA FERRÃO

BIBLIOGRAFIA

- P.^o ERNESTO SALES — *Nosso Senhor dos Passos da Graça* (de Lisboa) — Lisboa, 1925.
- FIALHO D'ALMEIDA — *À Esquina* — 4.^a ed., Lisboa, 1921.
- FILIPPE NERY DE FARIA E SILVA — *Nossa Senhora do Restelo — Os freires de Cristo e a Igreja da Conceição Velha* — Lisboa.
- FREIRE DE OLIVEIRA — *Elementos para a História do Município de Lisboa* — 17 vol., Lisboa, 1882.
- GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA — *Tempo Passado* (Crónicas alfacinhas), Lisboa, 1924.
— *Relação de vários casos notáveis e curiosos sucedidos em tempo na cidade de Lisboa e em outras terras de Portugal, agora reunidos, commentados e dados à luz por...* — Coimbra, 1925.
- HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA — *Notícia histórica acerca da Procissão de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião* — Lisboa, 1946.
- JAIME LOPES DIAS — *Festas e divertimentos da cidade de Lisboa* — Lisboa, 1940.
- JÚLIO DE CASTILHO — *Lisboa Antiga* — Bairros Orientais — 2.^a ed., 1935.
— *A Ribeira de Lisboa* — Descrição histórica da margem do Tejo desde a Madre-de-Deus até Santos-o-Velho — 1.^a ed., Lisboa, 1893.
- LUÍS MOITA — *A Ermida de Santo Amaro* — Lisboa, 1938.
- LUÍS PASTOR DE MACEDO — *Notas na 2.^a ed. de «A Ribeira de Lisboa»*, por Júlio de Castilho — Lisboa, 1941.
- RIBEIRO GUIMARÃES — *Sumário de Vária História* — Lisboa, 1872 — Vol. I.
- SOUSA BASTOS — *Lisboa Velha — Sessenta anos de Recordações* (1850 a 1910) — Lisboa, 1947.



Bailes e bailaricos

BAILES e bailaricos! Aqui está um tema, rico e sugestivo, prenúncio de vistoso panorama, mas de que eu, pobre de mim, e no escasso quarto de hora fixado para a exposição, não saberei tirar a tonalidade nem os contornos, mal podendo fazer vislumbrar assombreadas perspectivas!

Como um bom autor, por sua natureza impressionista, de delicada sensibilidade, descreveria ao vivo esses alegres divertimentos, umas vezes grandiosos, outras exuberantes de poesia e simplicidade! Como um grande pintor, em traços firmes, coloridos, vivos, planificaria esses incomparáveis passatempos, pondo lado a lado a *féerie* e o pitoresco, o convencionalismo e a naturalidade, a etiqueta e a delicadeza rude, a preparação cautelosa e o espontâneamente belo e garrido!



Dançar e bailar tiveram até certo tempo o mesmo significado.

Uma e outra modalidades, quando realizadas com elegância e arte, são dos melhores exercícios físicos, tidos como dos mais belos espetáculos plásticos, recreando os espectadores e servindo de passatempo aos intérpretes.

A dança, essencialmente própria da mocidade, também é apetecida pelos que, tendo já ultrapassado essa saudosa meta, ainda gostam de rodopiar nos braços da mulher amada... ou desejada.

Dançou-se sempre, com mais ou menos arte, mais ou menos entusiasmo, com maior ou menor intenção reservada ou maliciosa...

Dançaram os Moiros na presença dos nossos primeiros reis, dançou D. Pedro I nas praças públicas e terreiros, em perfeita comunidade com o povo anónimo e folião, dançou D. João I nas suas bodas, dançaram daí em diante todos os nossos soberanos de testa coroadas.

Dançou-se nos haréns, nos templos, nos conventos, nas procissões, em muitos lugares sagrados. Dança-se ainda nos paços, nos salões, nas salas, nos teatros, nos clubes, nos *cabarets*, nos bares, em toda a parte,

em suma, onde se juntam elementos dos dois sexos e onde a música surge, alegre, estonteante.

Hoje, o baile é de fácil improvisação, graças aos agentes mecânicos, que levam a radiofonia na vanguarda. Noutros tempos, a animação musical dependia das meninas prendadas, pois poucas eram as que não sabiam tocar piano. Em tais casos, a satisfação dos furiosos dançarinos era o desespero dos vizinhos. Havendo um «Gaveau» ou um «Pleyel»... e uns bolinhos para o chá, o baile romperia na altura própria.



É evidente que a Sociedade, estando tradicionalmente dividida por castas, graus ou hierarquias, também havia de dar ao baile as suas classes, de acordo com a categoria dos indivíduos que nele participam.

O baile nos salões é medido, compassado, protocolar. A profusão das luzes, o luxo das *toilettes*, o acerto da orquestra, o enlaçamento com apresentação — e, até, a finura da ceia — tudo pautado, afinado, pujante de grandeza, galantaria, arte e deslumbramento, em que o *flirt* se faz às escondidas, procurando o desvão das janelas, os terraços solitários ou os jardins à meia luz, são manifestações que não seduzem, que não prendem suficientemente os espíritos ávidos de sensações fortes. O espectador sente-se esmagado, entontecido pela grandeza, mas não vibra.

Nesses ambientes de sonho, em que reina o luxo e domina a preocupação de fazer boa figura, em que tudo é previsto, calculado, pensado, ensaiado, pode parecer que nada esqueceu, mas falta sempre qualquer coisa, que é muito, que é tudo, e que não pode adquirir-se na mais chique e bem fornecida loja de comércio: a graça natural, o à-vontade, a ausência de preconceitos, a franqueza, de que se repletam os bailes das camadas populares.

Os bailes das sociedades de recreio, dos pátios dos quintalinhos, dos arraiais improvisados em travessas e becos; os bailes à luz frouxa do petróleo, das tijelinhas de azeite, da acetilene ou dos balões multicores; os bailes decorados com festões de buxo e folhas de palmeira entrelaçadas, argolas e bandeirinhas de papel de seda de todas as cores; os bailes em que todos se conhecem, e que são alegrados pelas gargalhadas francas e estridentes dos assistentes, que estabelecem entre si um verdadeiro duelo de piadas e dichotes; os bailes de carnaval nos teatros públicos; e ainda os bailes em casa das manas *Soisas* e das *Pires*: esses é que, pela sua simplicidade, pela animação, pelo decorativo ou pelo grotesco, naturalmente se impunham, alacres, gaiatos, gritantes, reflectindo beleza; esses sim, é que cabem no *Pitoresco de Lisboa!*

Como tinham colorido os *bailes campestres* que, há mais de 70 anos, já toucavam e davam cor a esta encantada e encantadora Lisboa!

A sua frequência era, geralmente boa, porque havia o propósito de afastar os de mau porte. Dos bailariqueiros fazia parte gente de trabalho, artífices e caixeiros, na maior parte; soldados e marinheiros à mistura, e um ou outro *pinoca*, que se infiltrava com o engodo na conquista dalguma ingénua costureirinha.

São dignas de *moldura* essas simpáticas e gaiatas raparigas, graciosas na indumentária simples e modesta, a que coube uma vida amargurada. Sem limite de horas de trabalho, percorriam a pé todo o caminho, desde casa, em bairros distantes, até ao *atelier*, na Baixa; carregavam com o almoço que transportavam em pequenos cabazes e regressavam a casa, pelo braço do seu amado, já noite fora, depois de prolongado serão. Com a sua *coquetterie*, faziam séria concorrência às outras frequentadoras, formadas na maior parte por operárias fabris, engomadeiras e criadas de servir.

Os bailes campestres de 1.^a classe eram frequentados por rapaziada fina, empregados de escritório, funcionários públicos e alunos da Escola do Exército. Estes, afluíam aí em procura de costureiras de nacionalidade francesa, convivência que, no dizer de Homem Cristo, nas suas *Memórias*, além doutras vantagens, permitia aos futuros oficiais praticarem na língua de Molière.

O Padre Manuel Bernardes, notável linguista dos séculos XVII-XVIII, detestava os arraiais e também não simpatizava com os bailaricos. Ao contrário, o conde de Sabugosa, fidalgo de raça e escritor erudito, enalteceu uns e outros e lamentou a sua decadência.

Chamemos até nós um desses recintos de baile, alegres e ruidosos, para tentar esboçar o quadro.

É domingo. Noite quente e de luar espelhento. Casa à cunha.

No postigo de entrada compra-se o bilhete de ingresso, pelo módico preço de três vinténs, e, com ele à vista, podemos entrar na parte reservada.

O espaço para dançar é de pequenos limites, mas a decoração é atraente. O piso, de terra solta, foi regado há pouco, porque também há pouco terminou o bailarico da tarde. Ao centro, destaca-se um palanque, cuja parte superior serve de coreto para a música, e nele se vêem, alegres e bem dispostos, escarlates com a *pinga* que já beberam: o Chico *sapateiro*, soprando galhardamente no trombone; o Manuel *cortador*, que, num grande esforço, faz ouvir as notas agudas do clarinete; o João *funileiro*, fleumático, agarrado ao cornetim; o Domingos *serralheiro*, imponente, dedilhando na flauta; e o Zé da *Micas*, solene e marcial, fazendo o acompanhamento no toque dos *fer-rinhos*.

Como eram populares e garridos todos esses *sol-e-dós*, *fanfarras*,

fungágás, charangas e cavalinhos, que abrilhantavam os antigos bailaricos, também chamados balancés e salsifrés!

As filarmónicas, das muitas sociedades e academias *euterpes, incríveis, fraternidades, harmonias e timbres*, era um gosto vê-las!... Nos dias de saída, os músicos apresentavam-se com *linha*. Fardamentos bem tratados, os bonés mostrando a alvura das suas capas brancas, os instrumentos reluzentes. Como, porém, quase todos eles sofriam de doença *copofónica*, o regresso à sede era um desastre. Vinham todos *pingados*... E grande sorte era se não havia encontro ou competição com a sociedade rival porque, nesses casos, nem os instrumentos se salvavam...

A esses agrupamentos, que ao desaparecer levaram consigo um dos mais ricos pitorescos da cidade, chamou Alfredo Mesquita a «mais viva, mais vibrante expressão da alegria portuguesa».

Tudo também lá vai, envolvido na sombra do tempo!

Voltemos a examinar o palanque. Em baixo funciona o bufete, obrigatoriamente visitado nos intervalos, e que, a par do *roxo*, de superior qualidade, tem à venda pãezinhos com rodas de chouriço, que só custam um vintém, azeitonas das boas, pastelinhos de bacalhau, ovos cozidos, bolos, cerveja, sangria e capilé de cavalinho. Nos bailaricos dos grandes dias também há peixe frito, carneiro com batatas e iscas.

Muitas das raparigas levaram de casa o seu farnel que, à hora própria, estendem sobre o colo e comem e repartem com os namorados ou vizinhos.

Ao lado do bufete, porque não foi possível dar-lhe outro lugar mais adequado, funciona a quermesse, com rifas ou *sortes*, que se vendem a dez réis. Olhemos para as prateleiras e vejamos como são lindos os prémios: ganchos para o cabelo, copos para água com a vista da Torre de Belém, palmatórias, castiçais, figuras de louça das Caldas, pregos para chapéus, etc., etc.

É a altura de observarmos os assistentes, muitos dos quais trazem fatos novos, que estreiam neste bailarico.

Eles, de bigodes fartos e bem frizados, alguns de melenas e sinal na cara, muito retorcido, vestem calça de bombazina apertadinha, à boca de sino, cinta alta, à espanhola, casaco justo e subido, botas de grandes biqueiras, chapéu de coco ou à Mazantini, de cor alvadia, lenço de assoar no pescoço, dobrado em bico, pendente sobre as costas. Elas, estão vestidas de chita ou de cassa baratinha, chale franjado posto com graça, e, nos cabelos bem penteados e brilhantes com o unto do óleo de amêndoas doces ou azeite virgem, sobressai uma fita ou uma flor. Os caracóis moldados a ferro, as pastas bem cavadas e as franjinhas encaracoladas, compõem e embelezam os rostos das morenas, de

olheiras pronunciadas, irradiando sentimento, e a expressão atraente das lourinhas, volúveis e desprendidas.

— A menina *brinca*? — diz o *marialva* pimpão, em ar de galanteio, acercando-se da sua preferida, ao mesmo tempo que dá o clássico piparote na aba do chapéu, fazendo-o descair sobre a nuca. Acto contínuo, num gesto rápido, traz o polegar da mão direita à altura da testa e cruza as pernas, tocando no chão com a biqueira da bota do pé direito.

Seguidamente a estas contumélias, tão ricas de graça e de pitoresco, que podem considerar-se a mais requintada réplica aos salamaques palacianos do século XVIII, a cancanista, envaidecida, levanta-se, e entrega um lenço branco ao par que a distinguiu, que este conserva na mão direita, para evitar que, durante o contacto, o vestido se manche de suor.

Ei-los, ligeiros, rodopiando o ordinário da abertura, depois a valsa a dois tempos, mais a polca janota, a seguir a mazurca, todo o vasto reportório, e até o aristocrático *pas-de-quatze*, o melhor pretexto para a risota, pelo costumado desacerto. No final, a tradicional quadrilha.

Há bailariqueiros especialistas nas valsas rasteiras, outros nas puladinhas e ainda uns terceiros que se pelam pelas valsas e mazurcas a prémio, números de interesse, que prendem a atenção da assistência.

As cachopas de olhos gaiatos e peitos roliços põem a andar à roda as cabeças dos mais predestinados ao amor, e as mais acessíveis são disputadas com redobrado interesse, quase a murro, numa *maratona* que não passa despercebida.

Aqui, o *flirt*, e as *ligações* ou mancebias, que do primeiro tantas vezes resultam, têm um vocabulário próprio, demasiadamente expressivo, e bem conhecido na gíria popular.

São muitos os namoros a sério e deles disse Alfredo de Mesquita: «Ajustava-se o casamento, passava-se a lua de mel, e quantas vezes não acontecia a esposa dar ali mesmo à luz, no intervalo de duas danças, o fruto de seu lícito amor! Aparecer no baile com o seu menino ao colo, pô-lo aos peitos diante de todos, era gala que não se trocava por nenhuma outra».



Os *bailes campestres* prendiam o operário honesto, desviando-o da taberna e do vício do jogo. Já nos nossos dias, foram substituídos pelos *bailes das sopeiras*, que bem podem pôr-se a par dos antigos *bailes do fanico*, faltando àqueles o carácter que nos primeiros abundava.

Nos da actualidade também se distinguem duas classes: os muito ordinários, frequentados pela mais baixa ralé, a escumalha da cidade,

conhecida da polícia, vivendo de expedientes e à margem da lei; e aqueles onde aparece gente honesta e de trabalho.

Analise as figuras dos seus principais *habitués*, cuja indumentária, muitas vezes, pouco difere da dos que vivem uma esfera de condição social menos rasteira.

Vemos lá a *sopeira* género parola, de figurino reles, a querer ser moderna, os lábios pintados, excessiva *rouge* nas faces, que não dispensa as *estôparentas permanentes* no cabelo; e, sem que consiga libertar-se do cheirinho a cebola, continua a cultivar o chamado *sovaquinho concentrado*. A seu lado, a galdéria, tipo «Alto do Pina» ou «Picheleira», esgrouviada, de blusa e saia muito curta e rodada, avental de riscado ou popelina, folho em volta, que vende limões, cartas de alfinetes, pentes para o cabelo, esticadores para o colarinho... e as mais inconcebíveis bugigangas...

Entre os do outro sexo, militam o *magala* besuntão e patudo, o *marujo* afadistado, feição característica da maioria dos elementos dessa corporação; o caixeirote, o aprendiz de oficina, o engraxador, o cauteleiro, o *ardina*, o vendedor ambulante, o funileiro à *porta*, e os *pendurados*, cujo modo de vida não se conhece, gingões, atrevidos, de grandes *trunfas*, rijas do fixador, caindo sobre a gola do casaco, patilhas enormes, unhas compridas e cheias de lixo, *beata* ao canto da boca, que só calçam sapatos de camurça, de cores exuberantes e não dispensam relógio de pulso e grosso anel de ouro com grande pedra vermelha.

Feito o *convite à valsa*, a distância e com o dedo indicador em sinal de chamada, dançam agarradinhos, pernas enlaçadas, testa com testa ou face com face.

Foram banidas as danças clássicas. Imperam agora os *swings*, os foxes, os sambas, as rumbas, os *steps* e a *raspa*.

Quando menos se precatam, aparece-lhes um terceiro, a pedir uma *buchinha* e a *dulcineia* passa para os braços do intruso, continuando a *dar à perna*. Esse pedido-intimativa também se usa fazer por meio de palmada nas costas e a ele tem o *camaradinho* que obedecer, quando não o caso é sério...

Os grupos musicais que abrilhantavam estes bailes tocavam bandedolim, viola, cavaquinho, banjo e flauta. Na infância do *jazz-band* inventaram um novo instrumento, composto de bilha e abano. Hoje é *jazz-band* mesmo, a que dão as denominações mais extravagantes. Dentre os que são mais conhecidos, lembramos *Os Diabos do Jazz*, *Os Faíscas*, *Os Teimosos*, *Os Fatalistas*, *Os Trocistas*, *Os Pinóquios*, *Os Renitentes*, *Os Canários*, *Os Companheiros do Luar*, *Os Amigos da Selva*, *Os X. P. T. O.*, *Os Príncipes do Luar*, etc., etc.

São frequentes as zaragatas. Se não entra a facada, tudo se resolve com algumas *trolhas*, *cabeçadas* e *rasteiras*.

Quase sempre se evita a entrada da polícia, porque o mestre-sala, rapaz bem falante... e de barba feita, intervém a tempo e impõe a ordem.



Voltando ao passado distante, recordamos os antigos bailes das sociedades de recreio, com as tão típicas quermesses e *valsas a prêmio*, que terminavam de manhãzinha, com almoçarada de fava-rica.

Desse tempo, o que resta está estilizado, posto ao gosto da época. Foram-se os *rambóias*, cedendo o lugar aos *papos-secos* ou *pipis*. Destronada a valsa, promovem-se *foxes* e *tangos a prêmio* e faz-se a eleição da *rainha* de beleza, alternando com os concursos de fado.

Foram-se também, nas noites dos Santos populares, no Rossio e em S. Pedro de Alcântara, as danças e descantes, que duravam até ao alvorecer do dia, e em que predominavam moços de padeiro e varinas, nas voltas do vira, à saída do arraial da Praça da Figueira. Este, o mais barulhento de todos, decorria num ambiente alegre, bandeiras e balões pendendo garridamente, muitos vasos de manjericos e cravos de papel com quadras ingénuas, trasbordantes de amor. Era acompanhado pela chinfrineira dos rouxinóis de barro, o cheirinho a iscas e a sardinha assada, petiscos tão da simpatia do povo, que competiam com o caldo verde fumegante, temperado de azeite fino e com os pirezinhos de arroz doce, polvilhado de canela, formando letras e desenhos.

O Rossio, centro de arruaças e de manifestações festivas, que ainda conserva os seus pombos vadios — fiéis aos seus hábitos e desobedientes a possíveis mandados de despejo — é um feixe de recordações! Com os bailaricos foram-se os bancos e quiosques, as tipóias e os seus curiosos cocheiros, os moços de fretes, o vistoso empedrado da praça, de que ficou uma pequena amostra; os bandos de perus na quadra do Natal, os vendedores de água fresca e capilé, e, nas noites de inverno, as mulheres a apregoar mexilhão de caldeirada e gamboas e marmelos assados, e mais os *pirilampos* com *groggs*, cafés e outras mistelas quentes e asquerosas, de mistura com aguardente passada aos direitos. Constituía tudo isto um encanto e uma atracção para a mocidade estúrdia que passou, nas pândegas por altas horas.

E as fogueiras dos arraiais, o gargarejo e a queima de alcachofras? E as desordenadas marchas *aux-flambeaux*, arcos enfeitados, os pares abraçados, a caminho da fonte, o balão na *ponta do pauzinho*, marchas que iluminavam e alvoroçavam as ruas do percurso, confraternizando buliçosamente com os moradores dos bairros mais tradicionais?

Com música ou sem ela, a animação nunca afrouxava; bailava-se sempre, ao som de cantigas, com versos de ocasião, parodiando o último acontecimento político ou social, versos que rematavam com

este conhecido estribilho, que era o símbolo gritante dessas marchas de gente moça: *ai-ló! ai-ló!*

Tudo fumo! Tudo recordação! Tudo saudade!



Antes que seja *chamado à pedra*, pois já ultrapassei o tempo limite prèviamente estabelecido, dou por finda esta pálida e sensaborona evocação, com a qual vim marcar a presença deste airoso sector do *Pitoresco de Lisboa*, no decorrente ciclo de palestras.

Este meu trabalho, falho de brilho e insuficiente de interesse, não teria jus a figurar ao lado dos interessantes e valiosos descritivos que já ouvi e daqueles que vão seguir-se, de que tão bons prognósticos se estão fazendo.

Mas a Ex.^{ma} Junta Directiva desta Casa assim o quis. E a amabilidade de VV. Ex.^{as} o permitiu, tornando-os credores da minha profunda gratidão, pelo ar expressivo de resignação com que me ouviram.

Tenho dito.

MÁRIO COSTA



Sessão de 28 de Fevereiro

Presidiu o Sr. HUGO RAPOSO, secretariado pela Sr.^a D. JULIETA FERRÃO e ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO.

O Sr. Presidente, depois de declarar aberta a sessão, apresentou os conferencistas da noite, nos seguintes termos:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A conferência sobre o pitoresco da cidade foi, por feliz acaso, a minha última organização como Secretário Geral do Grupo. Esperava por isso que houvesse um ensejo para que na sessão final pudesse pronunciar uma palavra de encómio e de justiça ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo Neves, meu digníssimo e ilustre sucessor no cargo, pela devoção e desvelo com que se entregou à realização, com o êxito que todos VV. Ex.^{as} têm verificado, desde a primeira sessão da conferência. Afinal, ontem à noite, recém-chegado a Lisboa, vindo de fora do país, fui surpreendido com o seu distinto convite para presidir à conferência de hoje, devido a um impedimento eventual do nosso muito querido Vice-Presidente Ex.^{mo} Sr. Matos Sequeira.

Se é verdade que de maneira nenhuma eu possa substituir neste lugar o infatigável investigador olisiponense, e nem de longe possa igualar o brilho da sua palavra, sempre interessante e sempre erudita, tenho de confessar que me é imensamente agradável, quanto honroso também, assistir desta mesa à recitação ansiosamente aguardada, dos Ex.^{mos} Srs. Acúrcio Pereira, Alfredo Lopes, Dr. Paulo Cantos e Norberto Araújo.

Antes de proceder à apresentação dos Senhores conferentes, que, como formalidade, é protocolar, mas que no meu caso é um acto de amizade, que cumpro com o mais vivo regozijo e emoção, seja-me permitido congratular-me com a entusiástica repercussão que estas conferências obtiveram no seio dos Amigos de Lisboa.

Na Direcção do Grupo lamenta-se que a sala não comporte todas as pessoas que desejam ouvir tão ilustres oradores; sentimos também

que outras tenham de se acomodar em salas donde não vêem os conferentes e deplora-se ainda aqueles que por falta absoluta de lugar tiveram, nas sessões anteriores, de se retirar. Chegou a pensar-se em efectuar a conferência fora do Grupo, mas prevaleceu a decisão de fazer tudo dentro da nossa casa, que, acanhada embora, e modesta, sem dúvida, é daqui que tem partido e tomado vulto esse grande movimento da cultura olisiponense que o Grupo orienta, apoiado hoje numa pléiade de Amigos da Cidade que anda a caminho de dois milhares de sócios.

Vai pois aqui uma explicação para aqueles que se encontrem mal acomodados, que estão ouvindo, mas não nos vêem. Convicto estou, porém, de que o interesse da matéria que vão ouvir os compensará da má acomodação em que se encontrem.

Sentindo que não devo alongar demasiadamente as minhas palavras de preâmbulo à conferência e tendo, como tenho, a perfeita noção de que os oradores da noite são quem VV. Ex.^{as} vieram ouvir, quero todavia cumprir um dever de justiça para com os Ex.^{mos} Srs. Coronel Pereira Coelho e Gustavo de Matos Sequeira, ambos membros da Direcção do Grupo, a quem se deve a ideia mestra desta conferência, e a eles se deve ainda o carinho e o superior conselho com que acompanharam a organização, de forma tal, que se tornou num dos mais retumbantes acontecimentos da vida desta agremiação.

Vou entretanto proceder à apresentação dos Senhores conferentes, deplorando desde já que me não seja lícito fazê-lo com o desenvolvimento que desejava, e que não possa, por consequência, ocupar-me da sua personalidade literária, com a minúcia que os seus méritos impunham, mas na certeza declarada de que todos, e cada um no âmbito da sua especialidade, têm já prestado às letras olisiponenses assinalados contributos, que hoje ficarão acrescentados, sem dúvida, com mais um êxito.



Calão Gíria popular

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

À *lá minute*... diziam outrora os fotógrafos ambulantes, quando apregoavam o seu comércio, e diz-se hoje, sempre que se faz uma coisa à pressa.

À *lá minute*... vou eu fazer esta palestra, que não pode ir além de 15 minutos.

O tempo é pouco, mas eu procurarei ser breve, não sem dizer a VV. Ex.^{as} que este trabalho tem 215 páginas, representando quase 10.000 vocábulos e frases, e tem 20 anos de cuidados constantes.

Algumas pessoas fazem uma ideia errada da palavra calão, pois se o calão tem palavras ordinárias, tem outras muito engraçadas e com uma certa analogia com as pessoas e coisas a que se referem, e, era até de grande conveniência para muitas pessoas, conhecerem o calão ou gíria popular, embora não o usassem.

E, quanto a mim, acho preferível ouvir falar calão ou gíria, mesmo do mais puro, a ouvir uma linguagem, agora muito usada entre nós, isto é, em Lisboa, mas que noutro tempo era exclusiva da cidade do Porto. No entanto, não noto reclamações, nem intervenção da polícia, como sucedia noutro tempo, em que, certo magistrado, applicava às pessoas que tinham tanta liberdade na linguagem, uma multa de 900 macacos, ou seja, 900 manguços, quero dizer, 900 escudos. E lembrar-se a gente que houve tempo em que, muitas pessoas se ruborizavam de vergonha quando ouviam as inocentes pragas dos carroceiros, que a gasolina queimou...

Mas adiante, que o tempo passa veloz.

Há algumas espécies de calão, entre elas uma usada pelos escolares, que consiste em acrescentar a cada sílaba de uma palavra, uma outra constituída por um P seguido da vogal daquela sílaba, assim:

Vou-pou fa-pa-zer-per u-pu-ma-pa pa-pa-les-pes-tra-pa no-po
Gru-pu-po-po A-pa-mi-pi-gos-pos de-pe Lis-pis-bo-po-a-pa.

Quase todas as pessoas conhecem este calão, mas para as pessoas que não o conhecem, farei a tradução, que é esta:

Vou fazer uma palestra no Grupo Amigos de Lisboa.

Outro calão, mas mais complicado (não muito), é o que segue:

Consiste numa inversão de consoantes, de que resulta falar-se assim:

Dota a tenge dope lafar ainse, asm emt equ adremper a lafar lacão.

Ou seja:

Toda a gente pode falar assim, mas tem que aprender a falar calão.

Alguém escreveu que esta gíria ou calão, era usada outrora, pelos caixeiros da Baixa de Lisboa. Claro que não usavam esta linguagem, falando com os clientes, pois que, se assim fosse, VV. Ex.^{as} estão a ver o resultado.

Estas duas maneiras de dizer as coisas, são facilímas, mas há outra maneira, que nunca está completa, pois dia a dia, novos elementos vão aparecendo, não se resolvendo pois com o acrescentar de letras ou inverter consoantes, mas em dar às pessoas, coisas, etc., nomes diferentes, sem que as outras pessoas, pesquem népia, quer dizer, cerpebam dana, ou seja, compreendam qualquer coisa.

Alguns estudiosos, chamaram à gíria ou calão, linguagem de ladrões, e outros afirmaram, e a meu ver com muita razão, que essa linguagem, é de toda a gente, assim a queira usar. Há de facto uma linguagem própria de ladrões, e que, embora a vá usar de mistura com outra, não tenho tempo de a estremar, visto que isto vai, como já disse: *À lá minute...*

Mas antes de começar a exposição, vou contar a VV. Ex.^{as} um facto que presenciei há anos.

Foi em Carcavelos, próximo da praia. Passava uma senhora com um menino, que devia ser filho, o qual ia maçando a mãe, com qualquer pedido ou outra razão.

Em dada altura, a mamã, que não estaria bem disposta, parou, olhou para o pequeno, e muito agitada, diz-lhe:

— O que é? Queres mais dinheiro?!...

Ao ouvir isto, quase caí redondo... mas retomando forças, parei também, esfreguei os olhos, olhei, fixei bem a vista, analisei melhor, e concluí:

Não há dúvida, é uma senhora.

Mas a frase, era autêntica Alto do Pina, Casal Ventoso ou Rua dos Canos.

E exposto o intróito, vou começar, dando apenas uma pequena amostra do assunto que me trouxe aqui, a maçã VV. Ex.^{as}.

ALGUMAS MANEIRAS DE CUMPRIMENTAR:

Olá e tal...
Ora viva a brilhante sociedade...
Ora viva quem é uma flor...
Adeus ó minha...
Adeus ó mai lindo...
Adeus ó tu, como tás tu?...
Tás tu ó pá?...
Tás tu ó Mota?
Tás tu? Lá em casa?...

ALGUMAS MANEIRAS DE SAUDAR:

Bom-dia aí...
Boa-tarde aí...
Boa-noite aí...
Deus te salve aí...
Etc., etc., etc.

ACÇÕES OU GESTOS:

Agarrar.
Ter ou possuir.
Jogar.
Deitar fora.
Pedir esmola.
Mandar embora.
Mentir.
Roubar ou furtar.
Dedicar-se ao roubo ou furto.
Fugir.

*Abarbatar. Deitar a luva.
Abelar. Assinar.
Folgar.
Arrear.
Espadeirar. Andar na espada.
Dar o expiante. Dar sopa de espanador.
Meter a escova. Meter o urso.
Gamar. Fanar. Afanar.
Andar no gamanço.
Cavar. Cavanir. Dar o foguete, etc.*

ANIMAIS:

Cabra.
Cão.
Cão de guarda.
Carneiro.
Coelho.
Gato.
Porco.

*Saltante.
Belfo. Ladrante.
Alamista.
Méco.
Harmónio. Pulinhos.
Carocho. Ladrão.
Balaucho. Grunho.*

AUTORIDADES, ETC.:

Polícia.

G. N. R.
G. Nocturno.
Legionário.
Guarda Fiscal.

*Árbitro. Azul. Atapula. Barbudo. Bófia.
Bufo. Cadorra. Cana. Carga. Chuí.
Churra. Domador. Filante. Guardilha.
Guarduncha. Issa. Macaco. Magarefe.
Mastim. Matrimónio. Pasma. Pé de
chumbo. Pensativo. Pula. Russa. Tira.
Caldo verde. Feijão verde. Verdilhão.
Serenio. Norte. Coruja. Guarda-choros.
Leonardo. Canário. Azulejo. Ladrilho.
Guarda chouriços. Pica chouriços. Fi-
lante.*

Soldado.
Soldado clarim .
Marinheiro.
Sargento.
Agente da Polícia Judiciária.
Advogado.
Juiz.

Galário. Tarata.
Moca.
Ói... ói...
Sorja.
Júcio. Bufo. Parda.
Advoga. Falante. Rato de cadeia.
Curioso. Corroio.

AVES:

Galinha.
Galo.
Perú.

Guima. Guimosa. Penosa.
Cantante. Chefe da banda. Músico.
Grulho.

BEBIDAS:

Vinho.
Aguardente.
Café.
Água.
Cono de cerveja preta e branca.
Cerveja, vinho tinto e açúcar.
Um litro de vinho.
Meio litro de vinho.
Três decilitros de vinho.

Fomada. Resmongo.
Murrinha. Gasolina. Penicilina.
Água de azeitonas. Água de castanhas.
Ânsia. Lureta. Manha.
Négus.
Champarrian de polícia.
Jazeu. Lata.
Balde. Meia lata.
Balde de três.

CALÇADO:

Botas ou sapatos.
Polainas.

Calcantes. Faluas.
Meios litros.

CASAS:

Habitação.
Janela.
Porta.
Escada.
Casa só.

Mosqueiro. Cardanho. Construçoso.
Claranta.
Búrdia. Drofa.
Escadunfa.
Solena. Deserta.

COMIDAS:

Ameijoas.
Arroz.
Bacalhau.
Feijões.
Grão.
Sardinhas.
Caranaus grandes.
Caranaus pequenos.
Arroz guisado c/ grão ou feijão
branco
Ervilhas.
Uvas pretas.
Uvas brancas.

Aeróstatos marinhos.
Alpista.
Aranhoto. Faniesse. Fiel amigo.
Bailarotes.
Bicos de papagaio.
Bailarinas. Bifes de cabeça chata.
Bifes de alto mergulho.
Jaquinzinhos.
Cal e areia.
Contas.
Crepes.
Lágrimas.



Sopa de massa.
Pão de milho.
Pimentos.
Pão.

Vontade de comer.

Comer.

Comer à custa de outrem.

Mangas de capote.
Pasta p'ra dentes.
Pimpões.

Bóia. Brete. Bucha. Corveta. Corcunda.
Coveca. Cotidiano. Esponja. Fronha,
Gadacha. Gimbolo. Obeleira. Faiante.
Santa. Sêmea. Susto.

Apitos. Frio. Laberca. Laraita. Laverca.
Larica. Lázara. Lazeira. Peneira.
Raku. Tosse. Traça. Zala.

Encher a malvada. Encher a mula. En-
cher a pá. Encher a padiola. Machis-
car. Mancar. Manducar. Manjar. Man-
jêr. Rufar. Rufanhir.

Alancar. Atrombar. Deitar a escada. Es-
tender a manga. Estender a man-
gueira.

CORES:

Branco.
Amarelo.

Branqueles.
Amarelejo.

CORPO HUMANO:

Mãos.

Batas. Batosas. Batinas. Fateixas. Ga-
dunhas.

Orelhas.

Abanos. Abanadores. Asas. Búzios. Ca-
bides.

Dedos.

Baios. Balins. Bastarêus. Gatázios.

Pés.

Amendois. Cachimbos. Quinhames. Tor-
pedos.

Rosto.

Chaveta. Corneta. Coronha. Escracho.
Faza.

Dentes.

Alhos. Cadeirinhas. Cravantes. Crema-
lheira.

Cabeça.

Bóia. Cachola. Caixa craniana. Mechela.
Mocha. Morteiro. Noz. Pinha. Tonta.
Torre dos piolhos. Torre do tombo.

DATAS E ERAS:

Nunca.

Semana dos nove dias.
Dia de São Nunca.
Dia de São Nunca à tarde.

DEFEITOS FISICOS:

Cego dum olho.
Estrábico.
Coxo.
Corcunda.
Se tem um braço ao peito.

Camões.
Olha contra o governo.
Se te apanho, se te agarro.
Zangou-se com a família.
Está a tocar guitarra.

DESARMONIAS E AGRESSÕES:

Discussão.
Repreender.
Ralhar.
Apanhar pancada.

Dar pancada.
Dar muita pancada.
Desordem.
Agressão mútua.
Dar pancada na esposa.
Bofetada.
Sova.
Soco.
Facada.
Tiro.
Cacetada.
Pontapé.
Agressão com a cabeça.

Há roupa na corda.
Pisar o rabo.
Pintar a macaca. Pintar a manta.
Beber pela medida grande. Comer do rico. Levar poucas no crânio.
Arriar baril.
Encher a barretina.
Pé de vento.
Juntar os coletes.
Dar corda ao relógio.
Lamira. Narceja. Solha. Fláqui-báqui.
Apertar os arcos.
Boléu. Borracho. Bréque.
Chinaço. Chinada. Risco.
Crestadela.
Traulitada.
Pêzada.
Marrada.

DESCANSO.

Dormir.
Não ter vontade de trabalhar.

Bater pilha. Bater pilhosa. Choinar.
Lazeira. Ranço. Cobra. Repolho.

DINHEIRO:

Cinco réis ou meio centavo.
Dez réis ou um centavo.
Um vintém ou dois centavos.

Meio tostão ou cinco centavos.
Um tostão ou dez centavos.

Cinco tostões ou cinquenta centavos.
Um escudo.

Libra.

Cem escudos.
Duzentos escudos.
Mil escudos.
Contos.
Dinheiro em notas.

Arame. Bagaço. Bagalhoça. Bago. Cacaú. Capim. Capital. Caraminguazes. Carcanhóis. Carço. Cardos. Cartos. Cascalho. Chalebre. Chapeco. Charabecos. Chumbos. Cobres. Estaleca. Estilha. Fanfan. Fanfas. Faz-me rir. Gabilé. Gadé. Grana. Guita. Lanura. Larjan. Larjan cantante. Lecas. Luz. Mascábio. Massa. Massaroca. Milho. Mineral. Pasta. Pastança. Pastarel. Pastel. Pilim. Restolho. Sebo. Teca. Tinta. Vento.
Guínes. Guífes.
Labajo. Laverco. Lépes.
Chêta. Chêto. Jêto. Pé de carneiro.
Piasco.
Meia léca. Meio camocho. Meio tusto.
Camica. Camocho. Léca. Mosco. Nicolau.
Tusto.
Caliça. Carinha. Coroa. Fachola, etc.
Baubau. Caravela. Cascudo. Fango. Ganço, etc.
Enfeite. Lamira. Loira. Macaca em sorna, etc.
Meio saco. Nota. Pinto. Pintor, etc.
Saco.
Luca. Pacote. Quilo.
Pacotada.
Falépias. Filhoses. Lençóis. Paléfias, etc.

DIVERTIMENTOS:

Passear.	<i>Dar à perna. Dar ar à pluma. Laurear.</i>
Romaria.	<i>Romela.</i>
Feira.	<i>Jarda.</i>
Cinema.	<i>Menino António. Animas.</i>
Geral do Coliseu.	<i>Foutelho de pontapé nas costas.</i>
Espectadores da geral — Coliseu.	<i>Pessoal das Escadinhas do Duque.</i>
Corredor por detrás da geral.	<i>Avenida das lírias ou das tílias.</i>
Para chamar o vend. da água.	<i>Ó pá da auga... Ó pá da auga...</i>
Quando não começa o espectáculo.	<i>Tá da hora... Tá da hora...</i>
Diz outra voz da geral.	<i>Cala a boca urso...</i>

EMBRÍAGUEZ:

O que resiste a muito vinho.	<i>Esponja. Odre. Casco.</i>
Levemente embriagado.	<i>Ardose. Jorca. Grog. Noé. Piela. Pés inchados.</i>
Muito embriagado.	<i>Casco. Grossura. Perua. Cega.</i>

ESTABELECIMENTOS:

Casa de Penhores.	<i>Arca de Noé. Cabide. Gaiola. Invejoso. Pinho.</i>
Taberna.	<i>Capela. Currela. Farmácia. Talão.</i>
Ourivesaria.	<i>Ostra.</i>
Casa de jogo.	<i>Capela.</i>
Loja de fazendas ou fanqueiro.	<i>Perua.</i>
Balcão de estabelecimento.	<i>Cavalo sem pernas.</i>
Gaveta de balcão.	<i>Gávea.</i>

FALAR:

Mentir.	<i>Meter a escova. Meter o urso.</i>
Mentira.	<i>Balúrdio. Bitate. Bucha. Palonga. Pau.</i>
Falar demais.	<i>Armar ó efeito. Armar ó pim. Armar ó pinga. Armar ó pingarelho.</i>
Falar para convencer outrem.	<i>Ter grande patuá. Atirar o barro à parede.</i>
Criticar com azedume.	<i>Cantar macareno. Cantar o fado. Cons-pirar.</i>
Gabar-se.	<i>Ter garganta. Anda cá, Constância...</i>
Conversa que não interessa.	<i>Eu digo a ele... Eu digo à gorda...</i>
Não atender uma conversa.	<i>Não ligar bóia. Não ligar meia.</i>
Impor silêncio.	<i>Pouca guita... Xui. Xitó.</i>

FAMÍLIA:

Pai.	<i>Criado. Velho. Velhote.</i>
Mãe.	<i>Criada. Velha. Velhota.</i>
Irmã.	<i>Iрма.</i>
Cunhado.	<i>Cunha.</i>
Sogra.	<i>Fera. Nem de barro à porta.</i>
Filha ou filho.	<i>Lhifa ou lhifo.</i>
Esposa.	<i>Bicicleta. Dona da casa. Patroa. Prima. Grafonola. Telefonía.</i>

IMPRESA:

Jornal.	<i>Alcoviteiro. Folhoso. Jorna. Sopa de letras.</i>
Livro.	<i>Folhoso.</i>
Almanaque.	<i>Bisbilhoteiro. Linguareiro. Livro de santos.</i>
Papel.	<i>Palefe.</i>

INSTRUMENTOS DE MÚSICA:

Guitarra.	<i>Líria sonora. Lirosa. Pianinho. Piano.</i>
Harmónio.	<i>Paulino.</i>
Viola.	<i>Oito.</i>
Saxofone.	<i>Cachimbo.</i>

INSTRUMENTOS PARA AGREDIR:

Bala de pistola ou revólver	<i>Açónico. Ameixa. Azeitona.</i>
Bomba de dinamite.	<i>Laranja ou laranjinha.</i>
Canivete.	<i>Canife. Chino.</i>
Esnada.	<i>Barbeira. Escova de paisano. Ripa.</i>
Espingarda.	<i>Caneta de tinta permanente.</i>
Navalha.	<i>Derrubadora. Espinha. Naifa. Sardinha.</i>
Pistola.	<i>Porta-açónicos. Boca negra.</i>
Revólver.	<i>Fusco. Fujante. João Meia Dúzia.</i>
Pedra.	<i>Brasa. Moço. Pombos sem asas.</i>

LOCALIDADES, ETC.:

Lisboa.	<i>Mata grande. Lisbia. Lisbia amada.</i>
Porto.	<i>Mata das tripas. Drofo. Nortada.</i>
Coimbra.	<i>Mata linda.</i>
Alentejo.	<i>Alente.</i>
Estrada.	<i>Esteira.</i>

LOCALIDADES QUE SÓ EXISTEM NA GÍRIA MAS DE QUE SE USAM MUITO OS SEUS NOMES:

*Alguidares de Baixo.
Cafeteiras de Bico.
São Filipe de Rosca.
Carvalho de Espada ao Ombro.*

LUGARES:

Aqui.	<i>Aquimes.</i>
Ali.	<i>Alines.</i>
Atrás de.	<i>Atroços.</i>
Em cima. Acima. Por cima.	<i>Arribates. Ribaites. Cimaites.</i>
Em baixo. Abaixo. Por baixo.	<i>Baixames. Baixeles. Baixareles. Baguines.</i>

LUGARES DE LISBOA:

Terreiro do Paço.	<i>Cemitério dos brancos,</i>
Rossio.	<i>Galheteiro.</i>

Campo Grande.
Belém.
Bairro Altó.
Bairro Camões.
Mouraria.

Grande parada.
A grande Catedral.
Bairro Bife.
Bairro Alto Chic.
Moirama.

MORRER:

Adormecer. Arrefecer o céu da boca. Bater a bota. Estar marado. Estar paginado. Esticar o pernil. Ir desta para melhor. Ir fazer tijolo. Ir p'ró estaleiro. Ir p'ró major. Ir p'ró maneta. Virar as costas p'rá outra banda.

CEMITÉRIO:

Cemintendes. Coruja. Muro branco. Quinta das tabuletas. Zé do sacho.

CAIXAO:

Gabardine de pau. Sobretudo de pau.

MÓVEIS:

Cofre.
Banco.
Caixa.
Mesa de três pés.

Chofre. Malmota. Recalcitrante.
Bancuncho.
Tamposa.
Espiritista.

NATUREZA:

Dia.
Noite.
Tarde.
Mês.
Frio.

Luzeiro.
Choina. Serena.
Tarduncha.
Mesango.
Cavalo branco. Taró.

OURO E JOÍAS, ETC.:

Relógio.
Corrente de ouro.
Anel.
Anel com brilhantes.
Alfinete de ouro.
Alfinete com brilhantes.
Prata.
Ouro.

Cantante. Cigarra. Cochicho. Grilo.
Amarra. Marrana. Soga. Tirante. Tralha.
Arco. Arcoso.
Cegante. Cachucho.
Pincho. Prego.
Prego de brilhas.
Laia. Lama.
Lodo. Sorna.

PESSOAS:

Homem.
Mulher.

Asque. Bregelim. Bijago. Brelim. Manégo. Manês.
Agá. Agachim. Agachis. Minestra.

Mulher que agrada.	<i>Lasca. Palmo de cara. Matulona. Boneoa. É de gritos.</i>
Mulher que não agrada.	<i>Bera. Pileca. Pingente. Purgante. Estorjo. Camafeu.</i>
Mulher feia.	<i>Madame ou misse canhão. É mais feia que cuspir na sopa. É mais feia que bater na mãe.</i>
Mulher muito feia.	<i>É mais feia que bater na família toda.</i>
Mulher que fala muito.	<i>Grafonola. Telefonía.</i>
Pessoa que não merece consideração.	<i>Bera como a ferrugem.</i>

ROUPAS, ETC.:

Fato.	<i>Arranjinho. Fardilha. Verga.</i>
Calças.	<i>Galdras. Galdrinas. Mimosas. Tiras.</i>
Colete.	<i>Estreito. Filo. Justo.</i>
Capa alentejana.	<i>Claustro.</i>
Chaile.	<i>Chalame. Esteira.</i>
Gabardina.	<i>Garbosa. Jabarda.</i>
Lenço pequeno de assoar.	<i>Marotinho.</i>
Lençol.	<i>Barbeado.</i>
Sobretudo.	<i>Atrigo. Bata. Bibe. Sobre. Tapa misérias.</i>
Chapéu de homem.	<i>Penante.</i>
Chapéu de senhora.	<i>Quico. Jardim. Gaiola.</i>

TABACO:

Cigarro caro.	<i>Fadista de calça branca.</i>
Cigarro ordinário.	<i>Abdula de Xabregas.</i>
Cigarro delgado.	<i>Estica malvado.</i>
Charuto.	<i>Apoio. Barão. Estaca. Tranca.</i>
Tabaco.	<i>Macanho. Tabujo.</i>

UTENSÍLIOS, ETC.:

Corda.	<i>Apertante.</i>
Cesto de padeiro.	<i>Altar.</i>
Fechadura.	<i>Bainha.</i>
Lima.	<i>Mordente.</i>
Serra.	<i>Dentosa.</i>
Chave de agulhas dos «eléctricos».	<i>Colher de manteiga.</i>
Caneta de tinta permanente.	<i>Fresca.</i>
Chave falsa.	<i>Espada. Filha.</i>
Pé de cabra.	<i>Charuto. Chipanço.</i>
Luz.	<i>Ardente.</i>
Sabão.	<i>Espumante.</i>
Sabonete.	<i>Espumoso. Cheirante. Espumante cheirroso.</i>
Carta anónima.	<i>Carta envenenada.</i>

VEÍCULOS, ETC.:

Automóvel barato.	<i>Auto lata.</i>
Automóvel caro.	<i>Espada.</i>
Automóvel antigo.	<i>Dona Elvira.</i>
Charrete.	<i>Quebra costas.</i>

Carro eléctrico.
Comboio.
Comboios.
Estação de Caminho de Ferro.
Chefe de estação de comboios.
Cocheiro.
Ter o automóvel de noite na rua.

*Estimbre. Gaiola.
Estrinhe. Trulho. Ferros.
Trulhada.
Estalo.
Mirone.
Pescante.
Garagem Estrela.*

ALGUMAS FRASES MUITO USADAS:

Simpatizar com alguém.
A pessoa que espera mas não consegue o que pretende.
Não fazer negócio ou não ter trabalho, ou ainda, não ter feito o que é uso fazer.

Ê gramá-la aos molhos.

Espera aí que já cospes.

Andar a pé.
Andar bem vestido.
Ser mal recebido pela pessoa que procura.
Não trabalhar e viver à custa dos pais.
Indivíduo casado, que está com a família, em casa dos sogros.
Pessoa que é pouco amiga de dar.
Estar de acordo com duas opiniões contrárias.
Pessoa que está presa.
A pessoa a que se não liga importância.
Pessoa que não cumpre bem.
Pessoa que não está de acordo com um pedido, oferta ou proposta.

*Ainda não matei o borrego.
Ainda não vi o padeiro.
Anda a apanhar bonés.
Anda a dar água aos fregueses.
Andar na camioneta das duas
Anda todo tirado das canelas!*

Levou uma corrida em osso.

Está empregado na C. P.

*Hospensado na Pensão Pais.
Coça p'ra dentro.*

*Faz dominó para os dois lados.
Está a ver o sol aos quadradinhos*

*Não te passo cartão.
Está a pisar o risco.*

*Qual João?!
Já não corre a foguetes...
Já não vai em futebóis...*

Mandar embora pessoa que nos aborrece, ou maça.

*Vai à fava enquanto a ervilha enche...
Vai à mãe, que o pai está grosso...
Vai à mãe que te dê mama...*

Mandar embora um indivíduo que merece o nosso desprezo.

*Vai cortar o cabelo...
Vai cortar o cabelo, gatuno...
Vai-te matar...
Vai pintar o tecto ao Rossio...*

A pessoa que provoca ou ameaça outra.
Aquele que espalha uma mentira, na qual não se acredita.
Pessoa que fala, e a que não se liga importância.
Pessoa que pensa em coisas irrealizáveis.

Vai dormir, que o teu mal é sono...

Vai vender essa aos mortos...

Está a falar p'ró boneco.

Julga que as pulgas comem alface, ou está a sonhar com ladrões,

Aquele que nos conta uma coisa que nos causa admiração.

A pessoa que tem muita maldade, a que também é uso chamar-se judeu.

A pessoa que não foi atendida, num nedido que fez.

Aquele que esperava uma coisa como certa, e que lhe falhou.

A pessoa que procura sempre os seus interesses.

Encharcar com amoníaco a gravata dum embriagado, para o obrigar a respirar o líquido, que lhe atenua os efeitos da embriaguez.

E por fim, frases duma peixeira, a quem não agradou a oferta ao seu peixe, ou não recebeu bem uma graça ou madrigal:

E se pára muita gente a assistir.

E por hoje basta, minhas senhoras e meus senhores, e desculpem-me por eu pisar o risco...

Os meus sinceros agradecimentos e queiram perdoar-me.

Não me digais semelhantes isso...

Tem mais buracos que uma flauta ou que um assador.

Levou rôlos.

Ficou com uma grande cachola.

Tu o que queres é lulas...

É limpar-lhe as nódoas da gravata.

Ist'é que vai um ano...

Ai o q'a gente vê...

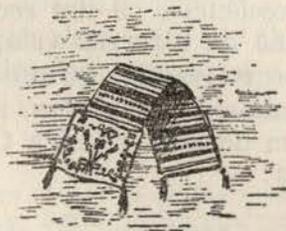
Ai o que m'a'parece...

Ist'é que são fitas...

Toc'andar. Pontapé n'alcofa...

Mãos nas ancas e... Pariu aqui a galega?!... Andor...

ALFREDO AUGUSTO LOPES



Entrudo d'ontem, Carne...aval d'hoje

(na avenida mais ancha do mundo)

MOBILIZADOS inesperadamente para estas alegres manobras-do-Inverno, sonhámos uma noite destas termos sido incorporados no Serviço da Artilharia Pesadíssima, e que em vez de estarmos para aqui a chiadar, andávamos já lá fora de nariz no ar, a avenirar.

Objectivo bem marcado? Voz de trovão grã-capitão: — *Épi* zero Norte magnético, alça mil e sem metros! Preparar!! Fogo!!!

(Ai, não se assustem, queridas almas de Deus. Trata-se apenas das penas que todos nós temos, saudades penadas desses bons tempos, e... esperanças noutros talvez ainda melhores).

Quereis a verídica narrativa do sonho bem mal sonhado? Ou o sono não fosse irmão gémeo da Morte ⁽¹⁾ e o sonho não seja o colação da Vida, talvez por terem mamado ambos do mesmo leite de cabra. Nossa comadre Ida até compara a quintessência do sonho à «borboleta libertada do casulo da realidade» ⁽²⁾.

Mas... para onde teria ido parar a granada de 320, qual borboleta-zona-a-jacto de gases hilariantes? Rebutaria logo ao princípio da Avenida, avenida por excelência, há um *seculum seculorum* chamada da Liberdade, na acepção de alforria (ria, ria) onde se pulou bem pulada a dança-da-bica, e se jogou a piramidal dança-da-luta?

Pois estamos precisamente às portas, não de inferneira mais ou menos dantesca, mas sim de uma rítmica Comédia Divina, menos ou mais momesca, pitoresca:

Lasciate ogni tristezza, voi ch'entrate! ⁽³⁾

Era aqui, antes das duas grandes guerras, o local do sinistro das batalhas de flores, flores e tremoços, favas e farinhas, carvão e águas,

⁽¹⁾ Dichote atribuído ao cèguinho de nascença Homero.

⁽²⁾ Ida Bertoft, linda pequena, ida e... volte.

⁽³⁾ Palanfrório torcido mas não retorcido do Dante (*Inferno*, C. III, V. 9).

mel e ovos chocos, tudo bem arremessado às ventas do próximo e da próxima, com gana e garbo, mesmo nas barbas dos majestáticos batalhões montados ou a pé-de-chumbo — o da Ajuda, Campo de Ourique, Alfama, e Marujinhos — armados de vassouras até aos dentes, lutando à porfia entre intermináveis e ardorosas filas de traquitanas, em que as damíssimas ao serem trespassadas em seus ternos corações por armas pouco brancas, disparavam sacos e saquinhos de lambarices, e muito esguicho à mistura.

— Ó Entrudo de antigamente! Quem há aí que se não lembre de ti com mal disfarçada nostalgia? Ó, as tuas cheirosas seringadelas!... (4) Rabo leva (5) do Chiado à Praça Bela.

Mas tudo isto são franjas já desbotadas, cor-de-rosa murcha. Antes contar-lhes o episódio mais vivo das brumas visionadas no subconsciente, tom de rosa claro ...clarinete (6).

Era à trdinha, hora sagrada do pecado. Casalzinho de turistas pasma em frente ao obelisco dos Restauradores (7). Será a simbólica quebra de grilhetas do Génio da Independência que atrai seus «olhos tão boquiabertos?» Não, porque estacionam do lado oposto, face Norte, mirando e remirando o Génio da Vitória (muito bom génio, por sinal). Ei-los, os espantados espampanantes forasteiros: Ele, grandalhão cor de cenoura, aspirante de Marinha em farda branca, talvez à solta de qualquer esquadra naval suíça, mexi-cana ou neo-luxem-burguesa surta no Tejo. Ela, dependurada do braço dele, mimosa de carnichas, olhinhos luminosos e buliçosos como faróis pisca-pisca, e vozita de tropical sereia:

— *Daqui nan sais, daqui ninguém nos tira,
P'ra onde é que tu vais mórà?...*

What? (8) — larga ele ao intérprete, apontando o rico bronze.

— *Beautiful memorial, Liberty's Avenue.*

— *Liberty? O!... K. Model alive, sister of the lighting worlds?* (9).

Nada de resposta. Cicerone oficial não tem culpa de nunca ter ido

(4) Há palavrinha linda que só por si define o estado d'alma. É «soidade», mas com cousa séria nan se brinca. Assim pensa confrade ministro Ferr. d'Almeida, omitindo-a no Dicionário Excêntrico.

(5) O rabo leva as tripas entufadas (*Castilho*).

(6) In Virgílio, Egloga IV, V. I: «Paulo majora canamus».

(7) Não dizemos «da Restauração da Liberdade em Portugal» com receio d'ofender os «Amigos de Olivença».

(8) Tradução marca Avenida da Liberdade, isto é, fora da letra: — Onde estamos?

(9) Liberdade, hem? E o modelo-vivo está ainda arrebitado, como a que de Nova Iorque ilumina o mundo?

à primeira cidade dos arranha-céus. E o Zé Povinho em volta começa a caçar:

— É boa lasca, lá isso é, mas quem é?

Intervimos então, discretamente: — A boa lasca é apenas «a mais bela estátua de mulher de toda a escultura portuguesa»⁽¹⁰⁾ não ficando a dever nadinha à monstruosa cabeça oca com que Bartholdi pretendeu ofuscar as massas do Orbe, quando é certo que tal clarão não passa de *Wall Street*⁽¹¹⁾ lamentavelmente perto.

Depois desta tirada posta em *slang*⁽¹²⁾ de alto mar, o polícia de giro faz a continência e regulariza o trânsito, o cicerone eclipsa-se, mas o casalório parece não querer largar-nos. Boa vai ela...

— *Came on, came on, Mister Ca...moes*⁽¹³⁾.

— Avenidando, de «escaxa e raxa, pa'riba e pa'baxo»?! — chasqueámos em voz alta, supondo que nenhum dos dois compreendia a entrudada. E, apontando-lhes o dístico «*Siga pela direita*», traduzimo-lo à menina dos holofotes (caladinha como rata). Mas a matreirona, sem dúvida para arrelhar o Governo⁽¹⁴⁾ reboca-nos com um irresistível — *fáçà fávô!*... — et lá seguimos os três da vida airada *pela esquerda*, em curto *walking*⁽¹⁵⁾.

— *Fáçà fávô! A Calçada da Glória é mesmo, di Glórià?*

Tento explicar as três manas, esta que mete elevador e as duas descalças (a atravessada e a Conceição). Logo a morena murmura com vòzinha de açúcar mascavado:

— *Vámos no bóndè?* — E para o marujo: — *Boy, Glory's Mountain, came on, my boy?*

Mas o matulão arregala o lúzio para o machibombo, abanando logo com as orelhas: — *Nô*. E como o bom turista regista tudo, e por tudo, rapa do *bloc-notes*, *fountain pen*⁽¹⁶⁾ e garatuja rápido:

A Glória calçada.

Depois declara ter sede, muita sede, deplora o regime semi-seco que leva a bordo do porta-aviões gigante, e faz-nos mergulhar numa cervejaria.

(10) Certidão selada e reconhecida por bom entendedor do género belo-sexo. (Registo em *Peregrinações* 3.º V. p. 16, Norberto de Araújo, notário por direito de conquista, aqui presente em tamanho natural).

(11) Rua da alta finança na *Down Town* (Baixa, não por ser baixa, pois toda a cidade é plana, mas por ficar logo à entrada do porto).

(12) Calão pesadão.

(13) Vamos d'aí, seu ginja garrafal!

(14) *Gavroche* parisiense, quando em pleno *boulevard* rasga qualquer papel, vai lesto procurar o cesto próprio, mas deita-os cuidadosamente fora deste e ao pé, para *embêter le Gouvernement et amerder la police*...

(15) Passeio ameno para estender-o-pernil.

(16) Livrito d'apuntes e caneta-tinteiro.

A sereia breve fica melancólica. — Em que pensa, cardeala?

— Ó, como é diferente o Cárnavà lá no Brási! Já viù?

Que sim. Pomos os olhos em alvo para articular frases sacramentais:

— *Cárnavà no Rio é cousà locà! É o Bumba, mê boi!...*

Distingamos o Entrudo europeu do *Cárnavà cáriocà* (17).

Brasileirinha encaixa o golpe e nós deliramos: — Onde é que se viu algures uma avenida assim tão marratível no Entrudo? Isto é outra louça, coisa de arromba! — Ó, como sabe marrar a gente portuguesa!...

Mocinha gosta muito, e o *boy*, bumba, embezerrou.

Para *remembrance* da antiga Glória, apressa-se a rabiscar um V, acima e ao lado da primeira inicial:

Velha Conceição (18)

A

Ele, já com um grão na asa, prossegue: — *Look, Alegria, what means?*

— Pois não sabe? Alegria é o Sol no coração, a «alma do Universo» (19) aqui topónimo seiscentista «Alegria de Cima», ali nas esplanadas das constipações «Alegria de Baixo» (Praça das Hervas ou do Verde) o primitivo Feirão da Ladra.

— *Ládrà, quem?* — inquire *di lá* a cálida boneca.

Indicamos-lhe o sítio onde se erguia o cadafalso para enforcar os ladrões.

— Ó, q'hórròr, isto em Pórtugà?!

— Hoje, Alegria tesa é acolá. Reflecte a psique de um povo. A

(17) Carnaval é italianismo oriundo de *carnavale* (por antonomásia): Carne, vale. Fr. e Ing. *Carnival*, Al. *Karneval*, Russo d'má-pêlo Макарнавал и Jap. *nikú nikúya*. Entrudo é canja mais fundeira, vem do latinório *introitu*, significando rapioca que precede a 4.ª feira de cinzas. Mais. Na antiguidade clássica teve origem religiosa, e deu em bacanal. Na Idade Média era o bobo. Gargalhada sádia em Mestre Gil. Guloseima na corte do Venturoso, ficaria apenas teatral por muito tempo. Mesmo após a Restauração não houve *Entrudo Faceira* (à D. João V) ou *Entrudo Peralta* (à D. José). Sécias e casquilhos refugiavam-se nas arcádias ou salões. O 1.º Baile de Máscaras escandalizou Lisboa em 1822, no Teatro do Bairro Alto (o do Pátio do Patriarca). A máscara entrou ao serviço do amor, mas teve de ser abolida e permitida alternadamente. O *Entrudo Romântico* começara nas aventuras de D. Miguel entre as bailarinas de S. Carlos, mas saiu desordeiro. O *Entrudo Liberal* chamou *ché-ché* ao anterior que o reprimiu à Intendente, Inquisição e forca. Finalmente no fim do séc. 19 abichámos Entrudo Janota, fontista, cócò, *Entrudo Carne Viva!*

(18) Não confundir com Conceição Velha, mãe da Misericórdia, N'hôra a todos os respetos digna de admiração.

(19) Análise de Casti.

dois passos de dança, fundo de vegetação exótica única na Europa «jóia enclausurada»⁽²⁰⁾ onde estudantas e estu... dantes, de capa e batina ou mesmo sem mais aquelas, catrapiscam à valentona «entre sorrisos e matemáticas de amor». Eia, Alegria!

— *Vivò, Álégrão!...*

Boy concede pequeno armistício a nova série de cervejames, e aponta:

Eia, Alegria!

V

A

Por um triz somos atropelados no Poço de Jericó⁽²¹⁾.

Mais arriba, trabalhadeira para traduzir Salitre, mas como tem conhecimentos de química, estrofia no canhenho o significado de *Nitrate*:

Nitrato (Salitre ou Só... litro)

E

V

A

— *Giló, quimbombó! E Horta da Cera pórquê?* — inquire a danadinha ao ver grandes estragos causados aqui, pela granada de protóxido de nitrogénio — pim, pam, pum!

— Da Cera, pois. Quem manda às vezes também faz cera, não mandando retirar para longe cortiços e abelhas que são a vergonha-mor desta cidade à beira-rio (rio...) plantada de estaca.

— *Nan gruda, seu beija-flô, gastà cera com ruins defuntas... Dé-mais, sêgundó meu Diz-Tudò, Ávèndà é «conjunto di casas piquenas com única saidà para à ruà»*⁽²²⁾.

Seremos desmancha prazeres. — Seu *tupi-jacaré* está longe de *tudò* dizer⁽²³⁾. Havemos de nos matar por isso, ou por outra sisma-dela qualquer, como fez acolá o delicado poeta Júlio César, degolando-se à navalha de barba.

— *Crúzès cànhôtò! Êscòrréu sánguè?*

(20) Jardim Botânico da Faculdade de Ciências ou Cemitério das Formigas.

(21) Poçoca da Travessa do Salitre. Com a entrada d'esguêlha no prédio à esquina da Alegria, perdeu-se há pouco a ocasião d'acabar de vez com a camelídea corcova.

(22) Dicionario Popular, Bahya, 1880. (E cada charabià estadual, cada sentença).

(23) Avenida vem do *franciú* Avenue, q'os *bifes* nem tugem nem mugem, e os *hoches* vertem *Zugang*, italianos *Viale*, e russos d'má pêlo *аппеж*.

Acepções: — «Entrada para onde vão as forças?» D. F.^{co} M.^{el} de Melo fala em «tomar as Avenidas» (Cartas II, n.º 15) e Rebelo da Silva «Avenida do Paço» (Casa dos Fantasmas II, p. 229).

— Sim. Feio gesto, aliás logo imitado pela sua própria mulherzinha.

— *Mórrèu também?!*

— Se não consegui seu funesto intento, foi por mera falta de prática no barbeiral ofício.

Sinhazinha faz uma cena. *Boy* chama-lhe o mais *eruptive vulcano* do Rio, *dog brier* ⁽²⁴⁾ nega-se a registar a respectiva inicial, e só retoma a caneta quando nos referimos ao ínclito coração de pomba mansa:

Inclita Baratinha.

N
E
V
A

Um palmo adiante da penca, cá temos o busto do pai e padrinho deste grande Avenidão. — Olha o Gre-gó-rio!

— *Who?* ⁽²⁵⁾ *Gre...gó...r...i...o...*

— Rosa.

— *Di cheirò?* — garganteia a diva.

— Não. Cócó. Ave, nida, nasceu menos da barriga da mãe do que da cachimónia e bolsa do heróico e benfazejo pasteleiro. E lá tivemos de lhe desfiar a meada das hortas de Valverde, tão Entru...dantes pestiqueiras, sob parreiras.

Boy não quer saber de histórias ⁽²⁶⁾ e regista muito a sério:

⁽²⁴⁾ Rebenta-bois?!

⁽²⁵⁾ Quem é o bicho? (José Gregório, o maior gorducho do seu tempo, só por si é um Entrudo: dormia de pé porque deitado rebentaria o teto c'o a pansa, não via jamais os pés (por causa da dita pansa), quando fazia anos os edis reuniam-se dando as mãos uns aos outros para todos juntos lhe poderem dar um abraço pela cinta, e um elefante do Coliseu, com medo de rebentar a pele por ter comido muito, veste umas calças do grosso presidente e ajustam-se-lhe como umas luvas!

⁽²⁶⁾ Restauradores arriba era tudo hortas. Passeio Público abre em 1764, terraplano em 1882. O advento de Rosa Araújo, inventor dos pastéis cócó e carola da Avenida, data de 1879. A 25 de Maio baptiza a neófita *da Liberdade*, botando Parada Militar integrada nos festejos da boda príncipe D. Carlos e Amelinha dos Condes de Paris. Em 1887 enxerta-se a Estação do Rossio no estilo manuelino (nada Pombanino, Raúl Lino, caixotino, etc.) crucificando D. Sebastião entre ferraduras feitas portas. Em 1892 macaqueia-se dum francinote o Avenida Palace, frente à quina do Regedor das Justiças, antiga mancebia dos entrudantes do Mestre d'Avis, poiso das «mulheres mundanais». Em 1897, 1907, 1927, 1947, são já possíveis as festanças que as gravuras respectivamente documentam: Os lobos descem ao povoado! O Rei Imperador Entrudo I.º. Dança dos Pratos Engraixados. Corte enfarinhada...

Dom Rosa Cócó!

I
N
E
V
A

Pouco adiante do marco municipal que atesta o quilómetro já calcurreado, o vulcão sul-americano expele lava incandescente para aquecer o patrono da última rua, aqui à bica prantado em Arte: — *Apèsá do bom climà, précisà ele di siembrulhà no cápôtão?!*

Boy, muito terno, cambaleia. Tem ela de lhe pegar na caneta, *pen*, pró anotango:

Alexandre-o-Grande sorvete.

D
I
N
E
V
A

Chegámos à Rotunda das Traulitadas, e bumba! mê boi, crisma-a de... *Lion's Man Circus!* (Leia: «Laianes Man Circâs» Praça do Homem do Leão).

Dona Sinhà quer saber se o Marquês realmente passeava o bicho por aqui nas horas de ócio, levando sempre à espalda o feroz rei dos animais. Afirmamos-lhe que esteja descansadinha, trata-se do símbolo da tesura brava, pois o Cabeleira nunca teve ocasião, durante sua tão longa vida, de lobrigar sequer um bicharoco assim.

Ela repenica: — *Bem se rosna q'ingrês é lingueta em q's'escreve chá, si lê café, significando chócólâtê. Mas consola-te boy, português é pior, escrevemos Sêbástião di Cárvalho e Melro, e lemos todos Marquês di Pombà!*

Proponho regressarmos, não vá ela inquirir do espaço reservado ⁽²⁷⁾ para uma «das Fábricas que falecem à cidade de Lisboa» arranhaa-céus pró Mistério, ou Ministério, ou Fadistério do Ar (Mal por mal antes Pombal?).

Siga a rusga! Agora para trás, «pa'baxo e sempre d'escaxa e raxa pessegueiro». Depois de pararmos no prolongamento do Cara-dura-friorento, lamenta-se Garrett, também a sofrer de frio entre plátanos chaguentos (Liberalismo é política romântica; romantismo, arte libertada; reumatismo, arte privada). E a diabinha ao passar pelo Alcácer Mou-

⁽²⁷⁾ Entre Fontes e Duque de Loulé a natura não tem *horror vacui* (εως ηύστερος).

risco ⁽²⁸⁾ não pergunta ingenuamente quando prolongam também para Leste o arruamento do florido Araújo?

Respondemos frouxo: — Que nem nisso se fala...

— *Pórquê? Ó, este Incrível Tápumè!*

Consolamo-la bem consolada, afirmando que há cá bem piores segredos dos deuses, e para a distrair mostra-se-lhe o apêndice baratucho da Rua do Barata-mãos-rotas:

A — da — Prolongamento Alexandrino.
D Incrível tapume?
I Apêndice Baratíssimo.
N
E
V
A

Pia? Pia quê? Pia quem? Agora é o Bumba-mê-boi a querer saber, estremunhado, se Jesus Coelho era parente próximo ou afastado do Salvador do Mundo imundo.

Ela elucida: — *Nô báni bárou, bāt litle rabi* ⁽²⁹⁾ *sem ser doce rabi da Galileia.* E recomenda: — *Raite, raite raite, raite, raite auei!* ⁽³⁰⁾.

Mas como ele parece entorpecido, grafa com mãozinha ultra suave:

A — da — P
D I
I A
N
E
V
A Do Jesus, coelhinho.

— *Ólha ali à Pretas!?* — foi outra bèstada, ao ler o dístico da Rua Negróide, das muletinhas.

Boy é que já não vê nada, fracote das gâmbias, a pedir *sub-way* ⁽³¹⁾ esse tal Metropolitano de lata, só para brancos das dúzias...

⁽²⁸⁾ Aero Club (ou Clúbio mouriscò-aero-dinâmico).

⁽²⁹⁾ Não coelheira, *bunny-burrow*, mas coelhinho, *little rabbit*.

⁽³⁰⁾ Desenganchado, escreve direito, em termos, e depressa! (*Wright, write right right, right away!*).

⁽³¹⁾ Em Paris é *Metro* porque pára de metro em metro, em Londres *tube* porque é canudo carote, embora *very comfortable*, em N. Y. o *sub* é rápido, acessível mas chincalhante como bombas-voadoras *V²*.

A — da — P
 D I
 I A
 N
 E . D
 V
 A Olha, ali à Pretas!

Ainda mais abaixo, sob os olmos ramosos ⁽³²⁾ sentamos majestaticamente o *boy*, autêntico Rei da Paródia, *King's pelican Carnival!* E enquanto os pardais chilreiam, a pajem reinadia dispara-nos à queima roupa adivinhadela sabida:

— *Qual é a ave, qual é ela, qui nan tem penas e tem pêlo* ⁽³³⁾?

Boa vai ela... Ripostámos-lhe: — E qual é a ave de maior envergadura do mundo?

— *Oh, digà, digà meu bem!*

Meu bem?! Empertigámo-nos todo, caramba, como é bom sonhar... E bradámos: — *Annuntio*, ou melhor, *ad-nuntio vobis gaudium magnum*, mas vá rabiscando — Na Anunciada:

A — da — P
 D I
 I A
 N
 E . D
 V O
 A Na Anunciadela.

— *Abre-t'núncio! Mas qui ànuncià, seu ànunciântê?*

— *Anunciamos*, simples e unicamente, *que esta Ave Nida é a mais larga do mundo inteiro!* Apesar do seu quilômetrozinho e 8888,8888 milímetros de comprida, abichou logo ao nascer, e ostenta galhardamente a todos os ventos da Fama: cem metros de largura, cousa até hoje nunca vista *urbi et orbi!*

— *Vêrdádhà mesmo? Ó válentès pôrtuguêses, sou irmã di vocês!*

Atirai números à càrà deste pêlicano duma figá, q'ele só prova tudo (e o contrário) com estatísticas.

— Está tísica à farta ⁽³⁴⁾. Ele sabe que a *Broadway* (Gran Via) de N. Y. (embora 33 km. d'comprida e floresta de *sky-scrapers* à mis-

⁽³²⁾ Não confundir c'o Umbigo de Vénus (*Cotyledon Umbilicus*, de *Lineu*).

⁽³³⁾ Avelã.

⁽³⁴⁾ Campos Elíseos no Paris de França 90 m. e pico, *Under der Leiden* em Berlim 71 m. de caliça, *via dei Fori Imperiale* em Roma 60 m.; na Londres há *Parks* mas não *Avenues*, em *Camberra* (Austrália) não berram por causa do aperto d'uretra no trânsito citadino) e a 9 de Julho (Buenos Aires) sim, mas está ainda uma criança loira...

tura c'os prédios d'um só piso, escadas enferrujadas na fachada, chamando-lhes d'salvação mas q'podem ser d'enrrascação) mesmo a celebrada 5.^a Avenida, mede menos de metade da largura desta.

— *Bumba, boy, que dizes a isto? Nem a do Rio Branco, lá no mê q'rido Rio, rio, rio...* Mas amigo Boi, repimpado no seu trono, ressona sob a chuva excrescencial da pardalada mal criada, entretida a sara-pintar o bonèzito branco do novo Terror-dos-Mares.

O rapazio troça: — Bêu, bêu, tira o chapéu!...

— *Oh, boy, quèrò ficar portuguêsà!*

Chegamos ao final da passeiata, Rua dos Condes e Condessos ⁽³⁵⁾: AVE nida ou nada? A Via-Sacra mais consagrada às Batalhas de... Flores.

A-da-P
D I
I A...
N D
E O
V N
»→ A A dos Condes e Condessos

7 ruelas canhotas
7 » direitíssimas
4 pequerruchas tem-te nan caias

Prédios monumentais SOMA 18 noves fora NADA!
Bumba-mê-boi levanta-se aos bordos e de cabeça ao léu, indo declamar junto à brônzea efigie da Morgadinha duma Cana Só:

*It's a long way to hip, hip, hurrah!
It's more long way than Broadway... (36)*

Mas o caso complica-se. Definitivamente *grog* ⁽³⁷⁾ e esquecendo os *right men in the right places* ⁽³⁸⁾, nosso simpático *boy* vai-se das pernas abaixo, junta-se povolêu, vem uma patrulha naval, deitam-lhe a luva. Limpinho. Lá vai ele para bordo, num grande camião, despachado como bagagem. — Não lamentos, ó *cow-boy*, o teu eestado! ⁽³⁹⁾.

⁽³⁵⁾ Maridos morganáticos de Condessinhas de verdade.

⁽³⁶⁾ «Mas que grande estirão! Realmente parece mais compridota que a Broadway».

⁽³⁷⁾ Ésbódégadó, na opinião da menina brázuca.

⁽³⁸⁾ Hòmes tesos em situações tesíssimas!...

⁽³⁹⁾ Cow-boy: vaca-rapaz, vaqueiro.

A brasa-brasilica lança-nos uns olhares mais perfurantes que Raios X, e tenta enfiar a braçoca, sem cerimónia, cá no rapazinho.

Lançamos um grito de — Salve-se quem puder! E acordamos a trautear a:

*Liberdade, liberdade,
Quem a tem chama-lhe sua...*

— «Salve-se quem puder», repete-se neste momento, tanto mais que a hora vai adiantada, ainda que «meia noute, com vagar» não sou.

Senhoras e Snr.s — Isto foi apenas Sonho-di-Cárnava, ou melhor, d' Entrud' antes ⁽⁴⁰⁾. Sonhos passam, realidades ficam. As nossas liberais esplanadas, esplanadíssimas praias-lêpes no Verão, sòlheiras termas no Inverno, pista para corridas e garraçadas mais-de-100-à-hora todo o ano, couto de caça-mansa aos domingos, poderá permitir-nos reviver aguerridas lutas floridas na Primavera e Outono, mormente no Entrudo (que diabo, este Entrudo da Vida são 2 dias!) armando até em Praça-de-Toiros com marradinhas, pégas de cara sem máscara, e tudo à antiga portuguesa!

Quase a terminar, poder-se-á oferecer a VV. Ex.^{as} serpentinas vistosas (serpentes em especial) ou papelinhos d'cor (não é preciso dizer *confetti*) o...

Resumo das principais «carapuças» onomásticas que têm sido talhadas para a PIA...DONA, amiga n.º 1 dos Amigos pró *pedibus calcantibus* da boa Lisboa, ou melhor, Lisótima ⁽⁴¹⁾.

Alcance social? — Na antiga *Oxyrynchus* do antiquíssimo Egipto,

⁽⁴⁰⁾ Assente-se pois *certant grammatici* que até no folclore Adeus, carne! *Carnaval* é exótico, comum a todas as saturnais greco-romanas, com reminiscências em Nice (*très jambage à la Côte-d'Azur*) e em Veneza (apesar das gôndolas terem passado à reserva e até algumas serem promovidas a mortas).

Entrudo é nosso, bem nosso. «Para descobrirmos as nascentes do Entrudo é necessário surpreendermos os antigos navegadores portugueses. Esta festa celebrava-se anualmente no Pegu». (Melo Morais Filho, *Antologia do Carnaval*, p. 128). «A honrada (?) festa do Entruido (forma arcaica beiroa) onde a gula com a luxúria têm particular assistência». *Seropita*.

⁽⁴¹⁾ *Libertà è Scienza*, não muita, mas muito estralejante girândola final das Liberdades:

A rtéria aorta da cidade de Ulisses. — *Miguel Bombarda*.

V ia Appia lisboeta — *Júlio de Castilho*.

E spinha dorsal da nova Lisbia amada — *Ramalho*.

N efando corredor dos espirros. — *Sousa Martins*.

I nfeliz carreira de tiro, entre trogloditas da Direita e destravados da Esquerda.

D e tantas av. q' beneficia Lx., só esta a transforma radicalmente — *J. Chagas*.

A praia de quem não pode ir as praias. — *Souso Lopes*.

DA

foi recentemente descoberto papy³ro escrito há muitos séculos e contendo senfenças lógicas (42). A 7.^a delas reza assim: «Cidade consruída em cume de colina e transbordando para outras e seus vales, nunca poderá enchê-los nem ser jamais escondida».

Tem razão o avozinho velho-mocho-faraónico. Arborizemos densamente o Parque da Cidade, desde a Praça do Homem-do-Leão Façanhudo, pelo Condestável (montado ou apeiado, não sabemos também «se VV. Ex.^{as} são pelo cavalicoque» ou não) até aos carrapitos de Belos Ares! E assim com cortina pára-choques da ventania dominante, deixariam de chamar à Avenida — O Paraíso das Pneumonias (43).

— E quanto a futurismos ardentes, vivinhos da costa, a saltar como sardinhas?

— O futuro à Senhora Câmara pertence. Já há quem esteja a ver (44) a nova Biblioteca Municipal com 33 andares multiplicáveis (45) e a contemporânea Pinacoteca Nacional mais a Gliptoteca Ultramarina (dos Padrões dispersos, pedras preciosas de Dayton) etc.

Impecilhos, impecilhentos e impecilhões, não parecem ser só os «nomes feios» impostos a uma ou outra artéria da Urbe, ou os beliscões dados por todo o bicho-careta nesta ou naquela matrona Pia, mas sim a intolerância direitista ou canhotista d'aqueles que amam tanto a Liberdade (pobrezita!) que querem ser donos até da alheia (46).

Piedade sim, ou haverá liberdade de nascer, vivo ou morto, macho ou fêmea? — *Ffxxxxt...*

Inviolabilidade domiciliária... quando temos d'abrir ferrolhos a todo o fiel fiscal d'Águas e Luz? *Tá.*

A Liberdade não será filha de pais incógnitos, e mãe da Liberdade da Censura à *Imprensa?* *Tá.*

Direito de Liberdade de Trabalho! Mesmo entre grevistas? *F... f... tá, tá. Estralitótó!*

O lha lá, mesmo o Papa será livre... d'ir lá dentro, quando lhe der na pontifícia gana? *Pum!*

Não haverá então outra... Ri Verdade, além da que nos permite ser atropelado? *Catapum!*

As liberdadezinhas não morrem muita vez, mais da maleita que da cura? — *Pum!!! Pum.*

Segurai lá uma pulga pelo cachaço! A própria Liberdade-de-Pensamento, a mais íntima, morre c'os efeitos do actual scoro-da-Verdade. Lata até Almeida...

(42) *Oxyrynchus Logia*, AGRAPHHA.

(43) E o caminho é para o mar... talassa, talassa! (*ταλασσα*), Xenofonte, *Anabasi*, L. IV, cap. 4 § 24).

Bastará portanto plantar árvores desde a Praça do Cavalo q'faz chi-chi quando chove (a Praça do Comércio sem comércio) pela Ribeira das Naus até S. Julião da Barra, etc. (Já na dita praça houve amostras de verdura, mas veio Herodes e degolou as inocentes, deixando tudo careca, pior do q' o deserto do Sahará e «sem o pitoresco dos camelos».

(44) Por um canudíssimo, à braguês?

(45) Mais 13 q'a já velha Catedral do Livro, em S. Paulinho.

(46) Pio conceito do compadre Montesquieu. Pois se numa época de crise

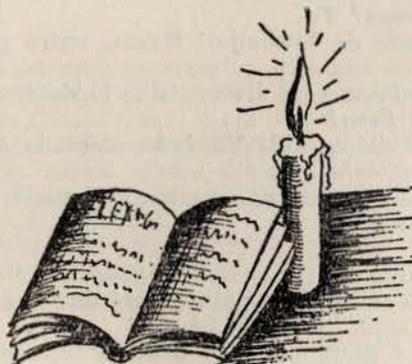
*Quem tem saúde e Pia...dade,
É rico e nan no sabe!*

Apologia dum ideal superior — Já que em Lisboa «sobre todas as cidades e vilas de Portugal excelente e maior» (47) no Entrudo tudo se pode pedir logo que não arda demais nas peles ou peis sensíveis (o q'arde cura) e a rir tudo se pode dizer mesmo que caia neve ou fogo nos toutiços, porque a quem tem frio dá-se-lhe roupa e a quem tem febre atira-se-lhe água do Alviela (boa ainda vai ela!) — o que nos leva a crer que se o Entrudo nesta *Lactuca virosa*, de Lineu (48) já não é o que foi, pode muito bem vir a ser melhor ainda se os Amigos de Lisboa quiserem — façamos sinceros votos para que diferendos (tanto a nomes de cousas) e interesses (quanto a pessoas ou animais) possam ser todos resolvidos em família. Antes galhardas Batalhas-de-Flores, como outrora, do que à laia de auto-bombas cruentas como pretendem. Antes a folia prazenteira dos cartuchos-d'pós-d'arroz e o delírio das musicatas estridentes! Embora lhe chamássemos «Entrudo gordurento, porcalhão e nauseabundo» vinha a 4.^a feira d' cinzas, ou da barrela, e tudo entrava nos eixos...

Enfim, urremos até se quiserem, à maneira do simpatiquíssimo boy:

— *Por um Entrudo Maior, hip, hip!*
Por um Entrudo melhor, hurrah!!

PAULO CANTOS



casamenteira como a nossa, à falta d'Entrudo, até mudaram o amoroso rótulo da R. dos Bemcasadinhos...

(47) Palavras q' s' a Memória nos nan falha, foram ditadas pelo Rei da Boa dita.

(48) Alface brava maior, absolutamente pouco colheada nas 7+n colinas.

Os Arcos de Lisboa e a sua nostalgia

O pitoresco é um privilégio das cidades contemplativas, que mergulham as raízes da sua alma no aral fecundo da sua história.

O monumental não precisa de história, nem carece de se encostar às sombras luarentas do passado. Uma catedral, um palácio, uma universidade, tecidas hoje por um fio arquitectónico de grandeza, integram-se no monumental.

Com o pitoresco não pode suceder assim: nada do que nasceu ontem pode ter pitoresco.

Falta-lhe o ambiente natural, a poesia original contemplativa. Fala mas não se ouve. E quando nos murmura qualquer coisa — é por efeito do eco do passado, da cópia ou da assimilação servil.

Numa cidade, como Lisboa, onde o pitoresco borbulha por toda a parte, esparso e suspenso, mercê da disposição alcantilada da urbe, ou pela vizinhança ribeirinha ou panorâmica do rio — a gracilidade que nesse pitoresco se enflora é uma espécie de sentimento criado como certos arbustos peregrinos em estufa cálida de cristal.

É mister distinguir: o pitoresco não é a sujidade nem o negrume que escorre das chuvas dos séculos. O pitoresco é a saúde espiritual feita poesia de romanceiro e convertida em cenário maravilhoso que a respiração humana vivifica.

O pitoresco é saudade. É humildade de beleza subjectiva. O pitoresco — é mistério.

De entre os mil motivos de pitoresco nostálgico desta romântica Lisboa — os Arcos que teimam em persistir, como os pinheiros reais em matas olímpicas, dão-nos meia dúzia de motivos para tecer uma crónica, que eu converto em palestra.

Os Arcos de Lisboa — vão longe. Quantos desertaram! Quantos se deixaram sumir à superfície dos pergaminhos marfim dos ciclos históricos!

Quantos o homem, obedecendo a um conceito oportunista de urbanismo, levou atrás de si, sem que o nome do homem ficasse, mas ficando nos tombos e nos livros o nome e quase o apelido desses Arcos!

O beco, o pátio, a alfurja possuem — admitamos — um pitoresco que vive apenas a certas horas da comparsaria humana, com o estendal da roupa e as janelinhas de reixa. É um pitoresco aguarela, alheio quase ao ar livre, aos beijos do Sol, aos afagos do luar. Toda ele é intimidade.

Os Arcos são permanentemente contemplativos, órbitas doces escancaradas para verem mais para além, e enfiarem no quadro azul da sua volta redonda o extenso panorama do sítio e do homem.

Eles foram criados, como passadiços, para ligarem casas e palácios, para unirem disposições arquitectónicas de recurso, mas deixaram uma serventia livre.

— Passem vocês por debaixo de mim...

E o que tem passado sob os Arcos de Lisboa!

Um dos mais velhos e mais pobrezinhos de tessitura — e nos Arcos, sob o prisma do seu pitoresco evocativo, não há que cuidar se a arte neles se enflora ou não — um dos mais venerandos e mais lisboetas é o Arco da Mouraria, dito do Marquês do Alegrete. Está ali por um fio, condenado à morte pelo camartelo, e em breve irá fazer companhia ao Arco de Santo André.

Ele viu desfilar sob a sua sombra fernandina, durante cinco séculos, centenas de gerações, com todo o pitoresco ambulante de uma porta de entrada da cidade, vazante de Alvalade e de Arroios. Ainda há poucos anos era na velha Mouraria da Guia e da Saúde, do passo da procissão e das betesgas dos Canos e do Outeirinho — uma bem simpática sentinela de pitoresco.

E agora, que está ali ainda de pé como um tropeço, a quem se diga «chega-te para lá que eu quero passar» — o velho Arco mostra uma expressão simbólica de sacrificado, pois até o alacre enfiamento da Rua do Arco do Marquês do Alegrete lhe arrebataram.

A nostalgia, esse sentimento deleitoso da alma humana, já o Arco da Mouraria não a pode inspirar, senão àqueles raros que têm o poder de recompor coisas espirituais perenes através da miséria contingente do que é material.

Demos um salto. Há porventura por esse mundo de Cristo alguma coisa que se assemelhe ao infinito pitoresco casto e nostálgico dos Arcos da Alfama?

São órbitas rasgadas na fisionomia tisonada do velho bairro. O Arco Escuro ressuma o pitoresco natural das grutas coroadas pelas estalactites da história; o Postigo, que foi da Rua das Canastras, não é coevo da conquista de Lisboa e envolve-se de documentos materiais seiscentistas e setecentistas. Mas infunde uma ternura saudosista, na qual a nostalgia, suor quente do pitoresco, se enrosca subtilmente.

O Arco das Portas do Mar é mais aguarela do que água-forte. O

seu pitoresco é assim diluído, mas nós podemos adivinhar através dele os dédalos da Alfama, com a sua respiração marinha dos tempos do Terreiro do Sal.

O Arco de Jesus, ainda que transfigurado, corresponde a uma das portas da Cerca Moura; o seu pitoresco reside na envolvência tumultuária daquilo que foi um dia. Já lá não está a imagem do Menino Jesus, mas, como acontece nos frascos que tiveram perfume, que se evolou, o líquido foi-se mas o perfume persiste...

Mais pobre, mas infinitamente mais nostálgico, é o Arco, ou meio Arco do Rosário. Lá está a velha Judiaria, lá está a Torre de Alfama, os muros da Cerca, as janelas manuelinas do solar de João Vogado, com seu mirante de cachorrada. O pitoresco aqui tem uma transpiração saturada de arcaísmo, e chega a parecer que o luar existe só para o inundar de prata líquida nas noites tranquilas em que os fantasmas da história são tu cá tu lá com quem passa.

E o Arco do Salvador? Modesto, quase escondido, abrindo de S. Tomé para o eirado exterior do palácio do Azambuja, que acabou nos Condes dos Arcos — onde encontrar um pitoresco tão inocente, nesta Lisboa saudosa de si própria? Aqui nem sequer há bulício, essa respiração dos aglomerados ambulatórios, que caracterizaram a Porta da Mouraria, e outras, e os Arcos desaparecidos, que eram na sua ingenuidade grandes e generosas cancelas da cidade. Tudo é silencioso, e só lá para baixo, para a Regueira e Castelo Picão, anda a agitação humana à solta.

Agora, e lá em cima — está o Arco de S. Vicente. Não quer ter história. Data de há século e meio. Mas ele é o único desta série de «ex-libris» de poetas anónimos cujo pitoresco é feito de contemplação, das saudades do amor humilde de cem gerações. Liga S. Vicente a Santa Clara, e chamam-lhe o Arco Grande para o distinguir de um Pequeno, que se foi embora, sem se despedir da gente.

Do Arco de S. Vicente, enevoadado de beleza, surpreende-se o rio, com suas velas brancas. Caem nele as badaladas do Mosteiro dos Agostinhos; ouve-se a respiração da Graça e Santa Marinha. É um pitoresco lavado, dilatado, panorâmico, feliz de ser assim. Já não desfilam sob ele os coches do Patriarca, a caminho da Mitra, que foi no Palácio de Barbacena, nem as berlindas do velho Conde do Lavradio. Mas passam as sombras das cigarreiras das fábricas de Xabregas e dos Barbadinhos, os vultos dos antiquários oportunistas da Feira da Ladra, que também vai desaparecer, e o perfil amorável de uma rapariga que, logo cedinho, com uma companhia indispensável ao lado, vai para o seu emprego.

Ao cabo — o Arco de S. Vicente é uma redondilha.

Os outros Arcos que restam são utilitários. Não os olhemos, porém, de sobrolho. O Arco de Xabregas é somente trânsito e tumulto fabril. E, no Ocidente, o Arco do Carvalhão é apenas contemplativo, sem o

pitoresco que não seja o da Cascalheira e Sete Moinhos, mas um pitoresco de miséria, onde só se topa um ou outro retalho de pomar, que ficasse do tempo do «Carvalhão», que não era outro senão o senhor Sebastião José de Carvalho e Melo.

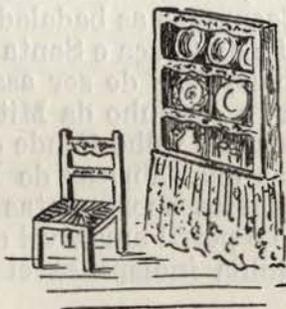
O Arco de S. Bento — expressão apenas architectónica de Setecentos — dorme no Quartel dos Bombeiros da Esperança. Mas subsiste o das Amoreiras, simples aqueduto, com a envolvência do que foi o Pátio do Biagi, os jardins do Vestimonteiro, a ermida de Monserrate, e o enfiamento da Rua do Portal de S. João. O seu pitoresco fica-se na velha praça dos fabricantes da seda; é alacre mas não penetrante.

O Arco da Rua Augusta é um monumento, triunfal na expressão, mas não sabe falar a linguagem que nos comove, essa dialéctica suave e nostálgica dos pequenos arcos, senhores na hierarquia do pitoresco lisboeta. Apenas no fundo Sul anda o rio a balouçar, conforme a maré, e as gaivotas sem anilha volitam à roda do cavalo de raça Alter, passado a bronze pelo escopro peregrino de Machado de Castro.

Nesta síntese — onde o pitoresco de que falei não faz rir, e é quase um pitoresco de presépio alfacinha — os Arcos são pouco mais do que um elemento decorativo e vago. O verdadeiro gosto por esse pitoresco é que o cria e engrinalda.

Da mesma maneira que as belas estátuas nuas não são para ser entendidas pelos sentidos mas pelo espírito, assim o pitoresco nostálgico dos Arcos de Lisboa não é para ser compreendido pelos nossos olhos, mas pelos nossos corações, teimosa e religiosamente alfacinhas.

NORBERTO DE ARAÚJO



O Boato

(Um disco reproduz a ária da *Calúnia*, do *Barbeiro de Sevilha*. Depois:)

VV. Ex.^{as} perguntarão, certamente, por que motivo devendo eu falar do Boato, o Boato em Lisboa ou de Lisboa, comecei por lhes fazer ouvir, pela voz poderosa do baixo Paséro, a ária da *Calúnia*, que D. Basílio canta no 2.º acto do *Barbeiro de Sevilha*, a ópera *buffa* testemunho sem confronto da mocidade eterna do génio de Rossini. Trazido ao campo esquemático o argumento do libreto, isto é, colocando-o fora do tempo e reduzindo-o apenas à essência dos sentimentos, tudo nele é verdadeiro e humano. O prodígio está em que o era muito antes de ser escrito, e continua e continuará a ser humano. A *Calúnia*, a «aureta» bastante gentil que, insensível, subtil, começa a sussurrar, devagarinho, terra a terra, se vai instilando nos ouvidos das gentes e acaba por reduzir a farrapos o infeliz que é seu alvo, tem luminosamente, na ária cantada milhares de vezes em palcos de todo o Mundo, a sua definição e a explanação da sua técnica. Quer dizer, não há o Boato em Lisboa ou de Lisboa; há o Boato de todas as latitudes e de todos os climas, e a técnica de o expandir é sempre a mesma.

O saudoso Eduardo Schwalbach, que deixou a brilhar em plena luz o seu talento criador, escreveu para uma revista do ano—quando havia revistas, e — porque não? — quando havia anos, e a gargalhada, hoje desaparecida e esquecida, era a mais justa expressão da saúde do espírito —, Schwalbach escreveu, para a revista *Verdades e Mentiras*, um número que contém as verdades profundas e eternas da ária do *Barbeiro de Sevilha* a que reportei VV. Ex.^{as}. É de crer que uns, os mais velhos, se não recordem. Os outros, os mais novos, nem lhe ouviram o eco. Entrava o *Diz-se* e recitava, com acompanhamento musical:

Todo o país fica sabendo
Mas sorri-se a bisbilhotice
quando dos meus lábios desprendo
um atrevido e falso diz-se.

Com um diz-se hábil, oportuno,
jogado de certa maneira,
faço do mais probo um gatuno,
da mais honesta uma rameira.

Um diz-se a tempo
é galinha
Lá vai p'lo ar
a badalar
qual campainha!
Tlim, tlim, tlim
de Lisboa até Pequim!

Tlim, tlim, tlim
Diz-se
Diz-se, diz-se, diz-se...
Quem foi que disse?
Vão lá saber!
Diz-se está dito
e fica escrito
para o mundo inteiro
muito ligeiro
percorrer.

Diz-se que a mulher do Chico Abrantes
— deixou-a cair de forma arteira —
namorou uns cinco estudantes
em seu bom tempo de solteira...
Basta este diz-se soprar
p'ra mulher do Chico Abrantes
pela cidade se espalhar
que tem p'lo menos dez amantes

Digam-me VV. Ex.^{as} se, na sua forma despreocupada e popular, Schwabach não interpretou, atiladamente, em português, com o seu *Diz-se*, a estrutura e a técnica da *Calúnia*, do libretista italiano.



O Boato reveste-se de mil aspectos. Procuremos classificá-lo com o mesmo cuidado que Augusto Comte pôs na sua classificação das Ciências, ou os grandes sacerdotes da zoologia, Lineu e Cuvier, empregaram quanto às espécies animais. Primeiro, o campo de Lisboa onde normalmente o Boato surge, se insinua e toma corpo. As centrais lisboetas do Boato são, de uma maneira geral, o Rossio e o Chiado, mesmo os passeios do Chiado e do Rossio e, sobretudo, os deste, visto que a Polícia não nos deixa parar nos do Chiado mais do que o tempo preciso para sabermos se um amigo vai melhor da bronquite ou para beijarmos as pontas dos dedos enluvados em pelica ou camurça, perturbadoramente cheirando a benzina, de uma dama da nossa amizade. Ora, pois, os Cafés do Rossio e do Chiado e os passeios do Rossio ocidental são os grandes incubadores do Boato.

O Boato pode ser involuntário ou propositado e, dentro de cada um destes dois aspectos, político, artístico, literário ou caseiro. Fundamentalmente, qualquer daqueles aspectos pode ter resultados desastrosos e a sua tendência é sempre maléfica. O Boato nunca é lisonjeiro. Creio que jamais qualquer pessoa atirou à laia de Boato — «o Meneses é bom rapaz»; «o Teixeira é honesto»; «o Fonseca, trabalhador». Quando se pronunciam estas frases, aliás muito simples, contêm sempre uma afirmativa. Não é impossível, porém, ouvir depois um «Sim, mas...». E começa aqui o Boato de que o Meneses, sem deixar de ser bom rapaz, vai de tempos a tempos divertir-se com o pano verde do Estoril; de que o Teixeira, sem dúvida alguma honesto, o é porque tem dinheiro, e nada mais fácil do que ser honesto com a *bolsa recheada*. Quanto ao Fonseca, não é tão trabalhador quanto se diz. Ele sabe levar a água ao seu moinho...

Vejamos como pode nascer o Boato involuntário. O Geraldês sai da repartição enfastiado com o papel-de-ofício, o tiquetaque da máquina de escrever da Luizinha e o maçador do público que bate ao *guichet* para lhe pedir uma informação. Lentamente, aspirando o fumo de um *Três-Vinte*, sobe a Rua do Ouro, pára nesta ou naquela montra. Sem querer, chegam-lhe aos ouvidos, distraidamente, pedaços de um cavaco.

— Fulano! Ah! coitado! Não sabia! Está perdido!

Ora, Fulano é um homem que toda a Lisboa conhece — escritor, advogado, banqueiro, médico. O Geraldês ignora por que está ele perdido. Mas a verdade é que, com certo ar de importância pela pseudo-intimidade com um homem em destaque, pode dizer que ele está perdido.

— Perdido porquê? — perguntam-lhe.

Aqui, o Geraldês não quer dar parte de fraco. Seria um falhanço. Ràpidamente inventa. E atira: — Os médicos não sabem o que ele tem!... Se até não quiseram operá-lo!...

Meia hora mais tarde, ali mesmo, no Rossio, diz-se que Fulano agoniza; e, decorrida outra meia hora, Fulano já está morto... graças a Deus!

Foi pouco mais ou menos assim que o Boato fez que há anos um jornal matasse o Gualdino Gomes, gentil como um verdadeiro fidalgo de Luís XIV, diáfano como uma fantasia que cubra a Verdade, e mordaz como um lisboeta da mais genuína cepa.

Dentro do rigor científico da minha despreziosa classificação e recorrendo ao exemplo, para VV. Ex.^{as} me compreenderem melhor:

Boato político.

Talvez algum de VV. Ex.^{as} tivesse conhecido o Barbosa Colen. Pequenininho, gordito como um pardal, os olhos espertos engradecidos pelas

espessas lentes dos óculos, Barbosa Colen pontificava nas *Novidades*, que Emídio Navarro fundara, jornal monárquico, ali em baixo na esquina do Chiado — Rua Ivens, no primeiro andar do prédio onde a Kodak anuncia as excelências da última objectiva americana ou dos rolos de películas fotográficas de uma grande marca. *Novidades* surgia nas ruas quando, ao fim da tarde, as equipagens das grandes damas subiam faustosamente a Rua Garrett e os janotas, de sobrecasaca e bengala de castão de ouro, lhes tiravam, sorrindo, a solenidade cumprimentadeira dos chapéus altos.

Foi o próprio Colen quem me contou que, por vezes, lhe faltava assunto, palpitante, vivo, assunto que os *ardinas* gritassem para arrancar os negros dez réis ao leitor confiante. E o jornal tinha de sair à hora! Então, Colen erguia-se pesadamente da sua cadeira, soltava muda gargalhada, os olhinhos fuzilhavam-lhe de malícia, arrumava o côco na cabeça, e, no seu passito miúdo, descia à Arcada. Se o jornal estava na oposição, a manobra era mais fácil. Colen achegava-se a um grupo de políticos, e, no meio de um cavaco, deixava escorregar dos lábios:

— Olhem lá! Já ouviram dizer que o Ministro da Justiça quer demitir-se?

— O Ministro da Justiça?... — interrogavam algumas vozes, com surpresa.

— Sim, o Ministro da Justiça!...

— Mas porquê? Porquê?

— Porquê?! Não sei! Dizem que teve uma turra com o ministro do Reino. E até quer abandonar o partido!...

Mais adiante, noutra grupo, com inteligente variação de palavras, Colen matizava o seu tema. O Boato estava no forno! E Colen, certo do êxito, retirava-se para as *Novidades* e esperava. Claro, não esperava muito tempo. Logo, açodado, bufando, radiante, entrava um amigo.

— Ó Colen! Ó Colen! tu já sabes?

Com o coração em festa e a surpresa na voz: — Já sei? O quê?

— Oh! a Arcada está cheia!... O ministro da Justiça encontrou-se com o do Reino e tiveram discussão brava!

— Mas porquê?

— Bem! O que se diz é que o do Reino nomeou governador civil de Braga um professor do liceu que reprovou um filho do ministro da Justiça. O rapaz é burro como um cepo, mas o pai... o pai não gostou! Olha, o que te sei dizer é que discussão foi ela que o do Reino chegou a levantar a mão para assentar uma bofetada... (*Rebolando-se de contentamento*) Vamos ter pendência, Colen! Uma pendenciazinha! Já se fala nos padrinhos...

E o raposo-jornalista, para puxar a fantasia do visitante:

— Ora!, ora! Uma destas manhãs, na estrada da Ameixoeira, duas balas que se perdem, um apêrto de mão, e almoço no Tavares ou no Silva!...

— Estás enganado! Um duelo a valer! Eu conheço bem o ministro da Justiça!

— *Novidades!* Cá estão as *Novidades!* Grande crise ministerial!

— Pst! Pst! Oh rapaz!

— Pronto, patrão! Olhe que, hoje, vem bom! Vale um vintém!

E, à luz dos candeeiros de gás da rua ou de uma montra, o leitor, bisbilhoteiro, ia lendo e saboreando o escandalozinho político... que não existia.



O Boato literário pode ser o diz-se sussurrante de um plágio que não é plágio, mas apenas uma fortuita aproximação de ideias, a revivescência involuntária do resíduo de uma leitura. Sai do Café, do cavaco de rua, passa às montras das livrarias, e... acabou-se! Então, se o escritor é de polpa e se morreu, a coisa ainda tem mais retumbância. Os pareceres dividem-se, há punhadas nas mesas de mármore com rodela pegajosa de licores. Os berros dos antagonistas cruzam o espaço. Mas, para muitos, certamente da melhor vontade, o grande romancista X fez um honesto palmanço a Balzac ou Flaubert. E preciso arranjar como vitrina um daqueles nomes que enchem uma época ou uma literatura.



Agora, o Boato caseiro, bonacheirão, mas ardiloso como todo o Boato. Noite de bailarico e refrescos na Sociedade Musical Minerva. Eu dou apenas uma sugestão, e, como se diz em certos filmes, se algum de VV. Ex.^{as} encontrar semelhança de episódios ou de figuras com quaisquer episódios ou figuras verdadeiras, é tudo mero acaso.

Pela milionésima vez, D. Gertrudes apresenta-se no salsifré com Julinha, que, lentamente, vai endurecendo solteira à medida que os anos avançam para os últimos trinta e tal. Um namorico, outro namorico, um empregado de escritório, um estudante de medicina, um aspirante da Escola do Exército... enfim, um regimento. Aquilo é pegar e largar. E não pega nem à quinta facada! A D. Gertrudes tem uma esperançazinha no Viegas, com uma lojeca de retroseiro próximo da casa onde ela mora. Aos olhos do Viegas salta uma réstea de felicidade quando vê a Julinha. A pequena pensava ser esposa de um capitão, de um advogado, de um... Mas também receia ficar tia sem sobrinhos. E, quando o Viegas a fita com mais demora, Julinha baixa os olhos púdicamente e desata a respirar com pressas para que o peitinho de rola

lhe arfe. Mas o tímido Viegas não se decide. A D. Gertrudes é que quer ver se resolve a batalha. Então, no intervalo de duas valsas, enquanto no *buffete* estoiram rolhas de gasosas, desliza, negligentemente, a uma matrona sua amiga, de modo que o Viegas oiça: — À minha Julinha não lhe faltam noivos! Mas os contos de réis que o meu Chico ganhou no Brasil, não são para os dentes de gulosos!

O Viegas ficou sabendo, talvez, uma mentira: o pai de Julinha tem nos Bancos alguns contos de réis. E a melancólica retrosaria de uma rua pelintra pode ser a origem de um grande estabelecimento na Baixa. E, às vezes, pega!



Um último exemplo — o Boato malévolo. O Pessoa gosta tanto da sogra como os judeus de toicinho e o diabo da Cruz. A veneranda e quesilenta Dona Basalisa, 65 anos anafados, com bons prédios de renda e um brilhante depósito no Montepio Geral, já ia marchando com uma pneumonia, e teimou em viver. O médico da casa recomendou os maiores cuidados com o coração da respeitável Dona Basalisa.

— Um choque brusco pode ser-lhe fatal! Muito cuidado! Muito cuidado! Nada de desgostos!

O Pessoa rói as unhas de expectativa.

Ora, numa tarde, entra em casa, arfante, cansado, o ar aflito. Corre para D. Basalisa.

— Mamãzinha, mamãzinha! Venho a deitar os bofes pela boca fora!

A veneranda, com surpresa: — Ora essa! Porquê?

— Ouvi passarem os carros dos bombeiros e disseram que o fogo era na Rua do Patrocínio!

D. Basalisa acomoda os óculos: — Hein!

— Sim, mamãzinha! Não é na Rua do Patrocínio que a mamãzinha tem dois prédios?

D. Basalisa, retomando calmamente o *tricot*: — Nem pense nisso! A sorte grande só sai aos outros! Quem me dera! Estão no seguro quase pelo dobro!

Desculpem VV. Ex.^{as} que lhes tenha mostrado os esconsos de algumas almas ao falar-lhes do *Boato Lisboaeta*; mas, se o homem não é o lobo do homem, ao contrário da frase do clássico, também não é irmão do homem. E o burro tinha razão. Não sei se VV. Ex.^{as} conhecem o *Aviso importante* que se encontra no livro *Burro através dos Séculos*, de Augusto Joltrois, que, traduzido, se publicou em Lisboa na última metade do derradeiro século. O Burro, filósofo, circunspecto,

observador da vida; o Burro, com uma ampla e forte consciência da sua qualidade de Burro, avisava solenemente os da sua espécie:

«Acabo de ler no *Dicionário da História Natural*, de Valmont de Bomeau, que os burros vivem muito honradamente em Maturat.

«É tal a consideração de que ali gozam, que a casta do rei pretende, notai a palavra *pretende*, descender directamente dos burros, e faz tudo para legitimar esta pretensão.

«Eis aqui, verdadeiramente, meus irmãos, o nosso país afortunado, e eu cuido que vós tareis, como eu, isto é, que partireis para lá.

Escutai bem. Maturat é uma Ilha da Malásia, no Arquipélago da Sonda.

Tem 160 quilómetros de comprimento e 40 de largura, e será talvez difícil caberem ali todos os burros. Mas não importa! Vivemos mais apertados. Onde há prazer e felicidade, ninguém se aflige.

Partamos, pois, o mais depressa possível!

Ah! mas não... um instante de reflexão! Não tinha notado a última linha destas informações: dizem que, em Maturat, os habitantes tratam os burros absolutamente como irmãos.

«Como irmãos!»! Será bom pedir mais claras e positivas informações.

Até então, ninguém parte!

Nós, irmãos dos homens! Cautela!»

ACÚRCIO PEREIRA



Sessão de 6 de Março

Presidiu o Sr. PROF. DR. A. CELESTINO DA COSTA, secretariado pelos Srs. PROF. DR. RAUL DE CARVALHO e HUGO RAPOSO.

O presidente, abrindo a sessão, começa por se penitenciar de não ter assistido às outras sessões desta série, pois os seus afazeres não lhe permitiram esse prazer e esse proveito.

Hoje cabe-lhe a honra de apresentar as quatro últimas conferências da série, que são, por ordem alfabética: 1.º Dr. Eduardo Neves, actual secretário geral do Grupo, que continua a obra prestantíssima de Luís Pastor de Macedo e de Hugo Raposo. A este último se deve principalmente a organização destas conferências, mas foi já ao Dr. Eduardo Neves que pertenceu efectuá-las.

Da dedicação a Lisboa do Dr. Neves é garantia o seu passado, quer profissional, quer de Amigo de Lisboa. Foi um dos fundadores do Grupo. A sua designação para o lugar de secretário-geral estava indicada. Dos seus méritos de conferente haverá hoje uma prova.

2.º O Dr. Francisco Cancio é bem conhecido dos eruditos e do público amador de história da cidade. Por esta e pelo Ribatejo divide o Dr. Cancio o seu interesse. A sua compreensão do pitoresco de Lisboa será certamente lúcida e justificará a merecida reputação de conferente.

3.º O Dr. Luís Chaves é arqueólogo e etnólogo distintíssimo e especialista peritíssimo em todos os assuntos em que tem trabalhado e sobre que tem publicado. Membro duma direcção passada, deve-lhe o Grupo os maiores agradecimentos por lhe ter consagrado um pouco do tempo que dedica às suas múltiplas obrigações.

4.º É o Dr. Luís Oliveira Guimarães humorista apreciado, contista e jornalista. Acumula estas qualidades brilhantes com as suas ocupações no Estado. A tudo atende, mas nós, que nos vamos deliciar com as «histórias» do Dr. Oliveira Guimarães, devemos manifestar-lhe a nossa gratidão por ter aceite o nosso convite. Dentro de pouco tempo nos estaremos deliciando com o seu humorismo.

Figuras Populares de Lisboa

PARA o efeito cénico da noite, que, por mercê do meu cargo, tenho que organizar, era-me grato que «A Graça de Lisboa» fechasse o ciclo das conferências; porém o facto do seu autor não ser ainda nosso con sócio e portanto visita, obrigava-me a dar-lhe o primeiro lugar.

Concordou S. Ex.^a de motu próprio em ser o último; todos temos a certeza que costuma ser sempre o primeiro e hoje — dia dos doutores — excepto eu, todos serão primeiros. Assim, escravos da ordem alfabética, que evita melindres e susceptibilidades, começo eu, que sou *Eduardo*, e seguirão os Drs. *Francisco Câncio*, *Luís Chaves* e *Luís de Oliveira Guimarães*. Não irei só contar anedotas, nem terei sinfonia de abertura e estou em absoluto de acordo com o dito de Norberto de Araújo: que o Pitoresco não «é sujidade nem negrume; é beleza subjectiva». Embora haja que tudo registar para a História, não é mister lembrar o mau a toda a hora.



Falar-vos, em quinze minutos, das figuras populares de Lisboa, para quem, como eu, tenha mais de cinquenta anos, tenha nascido e vivido intensamente a vida quotidiana de Lisboa e saiba ver e ouvir, e tenha boa memória, é quase impossível. Só legendas elucidativas.

É o que farei, dividindo o quarto de hora em três períodos, dedicado cada um, respectivamente, ao clero, nobreza e povo, segundo a velha e boa hermenêutica. Serei fiel às instruções recebidas — quinze minutos e seis páginas dactilografadas.

Antes de tudo, não devemos esquecer, neste particular, para principiar por onde de dever, a popular e simpática figura de Sua Alteza o Senhor Infante D. Afonso, o «Arreda», nas suas correrias hipo-e automóveis pela cidade, com a sua bonomia, de que se contam várias anedotas como a referida creio que pelo Conde de Mafra, nas suas *Memórias*, em que diz: que recolhendo o Infante ao palácio, ao passar diante de um velho servo, que se dizia ser filho natural de seu avô, lhe dissera:

«sua bênção, meu tio», ao que o velho servo lhe respondeu, traçando no ar com a mão o sinal da cruz: «sua bênção, meu sobrinho».

Entre o clero três figuras avultam, populares, do nosso tempo: o Bispo de Trajanópolis, o padre Farinha e o padre Napoleão, além de dois dos nossos dias: o padre Cruz e o padre Francisco.

O Bispo D. Henrique Read da Silva, filho de um particular de D. Fernando, de longa barba, *sempre* preta, de velho e antigo missionário que foi, vivendo primeiro no Altinho, à Junqueira, e depois no Hotel Borges, aqui vizinho, onde faleceu, ia a todas as bênções e inaugurações, era frequentador habitual de reuniões elegantes e muito dado a jogos de vasa.

O padre Farinha, formado pela Universidade de Coimbra, natural de Lisboa, notável orador sagrado, pontificando na Ordem Terceira do Carmo, morreu prior de Santa Isabel, em cuja cripta jaz. Baixo, atarracado, pernas tortas, esqueçiamo-nos dos seus defeitos físicos ao ouvi-lo falar.

Recordo a sua notável conferência «Igreja livre», pronunciada na Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a presidência do Dr. Afonso Costa, seu contemporâneo em Coimbra, em plena efervescência republicana de 1911.

O padre Napoleão, poeta, filósofo e dado a ideias liberais.

Os padres Cruz e Francisco da Silva, o primeiro em toda a cidade e o último em Benfica e Campo de Ourique, onde faleceu, são dos nossos dias. Modelos sublimados de benemerência.

Da nobreza, lembra-me, para não falar já no Duque de Albuquerque, morador para o Calhariz, no seu rico e espalhafatoso coche, com grandes requintes de «toilette» e bigode pintado, de quem se diz que ao descer o Chiado, perguntava ao cocheiro: «Elas olham?», referindo-se às damas elegantes, para quem se derretia, apesar da sua protracta idade.

O Marquês de Franco e Almodôvar, com o seu trem velho, com cavalos velhos e dormitantes e o cocheiro da mesma idade, estacionando na Rua de El-Rei, entre o Banco de Portugal e a igreja de S. Julião, onde, nos baixos, tinha o escritório. Com a sua enorme dupla capa, presenteando lautamente as actrizes e cantoras de S. Carlos, e indo lanchar, com grande aborrecimento dos seus frequentadores, à Pastelaria Inglesa, no Largo de S. Julião.

Senão na nobreza de família e apelidos, pelo menos na de espírito e posição social, lembrarei neste capítulo os médicos afamados Dr. João Barral, com o seu trem aturado e o Prof. Silva Amado, também no seu trem fornecido pelo velho armador Milheiro, da Rua de S. Lázaro, e no passado mais recuado o Dr. Evaristo, com o consultório e posto médico na Rua do Ouro, que, enquanto esperava doentes, tocava guitarra, e os Dr. Zófimo Pedroso, antigo presidente da Câmara Municipal

de Lisboa, nos Caminhos de Ferro; o Dr. Marques Cardoso, na Graça e o Dr. Salgueiro de Almeida, sempre de sobrecasaca e chapéu alto.

Vultos queridos, populares e respeitados nos seus bairros e da sua população.

No intervalo, entre estes dois períodos, lembrarei o exótico Daupias, com os seus trajos meio masculinos e meio femininos e sempre com muitos botões, frequentando teatros e restaurantes, lendo nos intervalos todos os jornais da noite, comendo e portando-se sempre correctamente, às vezes com pequenos solilóquios. Conta-se que uma vez, no velho «Suíço», agora demolido, um estudante teria deitado na canja, uma mosca, enquanto Daupias tinha ido lavar as mãos, mas, apercebendo-se perfeitamente do facto, aproximou-se correctamente do estudante e empunhando discretamente um lindo revólver de cabo de marfim, lhe disse, com voz intimativa: «E agora tem que comer», o que estudante, embora constrangido, mas atendendo às qualidades mentais do mandante, cumpriu solícitamente.

No povo o capítulo era enorme — o *Rei da Madureza*, imitador popular do Bocage, sempre a falar em verso, antecessor remoto do actual condutor poeta; o José Augusto dos sermões, natural da Ajuda, fazia sermões pelo Entrudo, nas feiras e romarias, sobre um trem ou carroça em que se deslocava, ladrilhador de profissão, tendo até, ao que se diz, feito uma interessante miniatura de ladrilho-mosaico, para um alfinete de peito, que ofereceu ao Senhor D. Luís.

As «Manas perliquitetes», o «Pinheiro maluco», antigo comerciante com mercearia em Lisboa, o «Capitão Traga-balas» e o «Anti-comunismo», que ainda hoje anda pelas ruas gritando contra o comunismo, sobraçando muitos papéis e agitando a bengala, e que foi antigo caixeiro no grande armazém de mercearia de Sebastião Saraiva Lima, que foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa.

O «Tlim das Flores», que ultimamente tinha um imitador que aparecia sempre nos funerais e festas particulares a oferecer um ramo de flores.

Do meu tempo de natural da Baixa, havia dois tipos curiosos: o «Martins das Carnes», com escritório na Rua do Arsenal, no primeiro andar do número 60, do prédio onde nasci e onde, no segundo andar, em 1823, nasceu também a douta Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, de que sou actualmente director-tesoureiro; como há pouco disse a VV. Ex.^{as}, neste ano da graça de 1952 todos os lugares rendosos, como devem calcular, embora honrosos como os considero, são meu exclusivo. Nesse segundo andar houve uma agência de publicidade do Sr. Torcato, que editava ou distribuía o «Almanaque das Lembranças Luso-Brasileiro», e onde iam jogar o dominó, entre outros, o poeta António Feliciano de Castilho (por acaso possuo actualmente, herdado de meu pai, o dominó, de ébano e marfim, que servia para as competições). Esse Martins, proprietário no Montijo, era o arrematante das

carnes e do lixo e as suas numerosas fragatas para o transporte do lixo para a outra margem do Tejo tinham todas o nome do Diabo: Diabo, Averno, Demo, Mafarrico, Satanás, etc.

O outro era o Comendador Baptista, de Setúbal, que sempre de sobrecasaca e chapéu alto, ia todas as manhãs do Corpo Santo para a Ribeira Nova, de jornal desdobrado na mão dando ordens e conversando com o seu pessoal de um lado para o outro da rua, sempre em grande gritaria.

Quanto mais haveria a falar em todos os capítulos, no do povo: «O Santa Casa está roubada», o «Menino do Castelo», o «Pó de perlimpimpim», prestidigitador com habilidade e reclamista no Rossio.

Muitos se lembrarão de verem primeiro de trem e depois de automóvel, dois moradores da Junqueira a que o público chamava Sebastião e esposa, cuja história pitoresca se contava, e faziam vida larga e abastada, embora isolados da sociedade.

Notório era também, num rés-do-chão da Rua do Alecrim, uma digna senhora, que ao lado seu esposo, discretamente sentada no vão da janela, exhibia a sua larga decoração pilosa tratada e nada dissimulada.

Na *élite* da cidade o capitão Dias, da Polícia, que por sinal era major, façanhudo, gritador, mas coração de pomba, morto no exercício do seu dever; o Marquês de Borba e o Dr. Manuel Ferreira Cardoso, miguelistas e apaixonados pela música; o primeiro fundador e creio que até regente da Academia dos Amadores de Música, que gratuitamente iam substituir os músicos nas Igrejas — só pelo prazer de tocar — o último conhecido pelo *Cardoso da flauta*, instrumento que tocava e que sempre trazia consigo, médico correcto, finíssimo, foi meu professor no Liceu do Carmo e morador no Chiado, por cima da Mundial, onde faleceu.

O Marquês, sempre de sobretudo, com a gola de veludo levantada, foi vogal da Junta do Crédito Público e pai do conhecido artista lírico Chico Redondo.

Este Chiado — cheio de recordações e pitoresco — desde a porta da Brasileira até à da Bertrand, com a ilha dos «galegos» que depois de ser de Neptuno foi tomada por o poeta chocarreiro homónimo da rua, dava um livro só com a referência aos seus frequentadores.

O Juiz Taborda, que pela sua pequenina estatura era conhecido pelo Tabordinha, o Conde de Paço do Lumiar, o Dr. Brito Camacho, Gualdino Gomes, o Dr. Simões Ratola, sempre de chapéu de côco e luneta de fitas, proprietário em Pedrouços, onde nasceu, o Dr. Alfredo Pimenta com a sua capa e luvas amarelas, e o «O João Franco» sempre solícito a servir café na Brasileira.

Uns pelo esmerado do traje, outros pelo desalinho da indumen-

tária, alguns pelas feições agrestes, tinham cunho, sabor local e apreço literário.

Numa revista dizia-se e a propósito repete-se: *tout casse, tout passe, tout lasse tolíce...* E afinal foi só o que ficou... Que saudade.

Da *élite* intelectual de antanho lembrarei os nomes de Latino Coelho, que fugia dos gatos pretos, mania que os alunos da Escola Politécnica, de que era professor e os adversários políticos, visto que era republicano, sabiam explorar para não haver aulas e não fazer anunciadas conferências; o poeta Gomes Leal, deambulando pela cidade, primeiro *dandy* recitando elegantemente os seus poemas, depois arrasando a sua miséria e a sua demência, e o presidente Teófilo Braga, professor do Curso Superior de Letras, sempre de chapéu de chuva — a célebre *malva* — e usando mesmo, quando Presidente, o carro do *Chora* ou o carro «eléctrico».

Ao falar de intelectuais quero referir — quem deambula pela cidade, no seu afã profissional e sabe ver e ouvir, estereotipa por vezes cenas de gravura — que uma vez, num carro da Estrela-Camões, subindo a calçada da Estrela assisti a um dueto entre Antero de Figueiredo, o escritor nortenho, forte e robusto de estilo e pessoa, e Paiva Couceiro, alto, magro e ascético, ao ir o primeiro visitar Eduardo Schwalbach. O escritor homenageava o herói de África e este agradecia, e as figuras eram tão respeitáveis e as atitudes tão de ver, que o carro demorou um pouco na paragem, com o assentimento tácito do condutor, do guarda-freio e dos passageiros, contagiados talvez, pelo embevecimento e interesse deste casual espectáculo.

Como se vê, o espiritual também, por vezes, senão muita vez, prende a atenção do povo. Há dias tive ensejo, também de eléctrico, de contracenar com o notável botânico Prof. Rui Teles Palinha, que, com vista bastante deficiente, me agradecia ter-lhe falado e me dizia: «Fale-me sempre; ainda me lembro de ter sido seu professor, e no Liceu», e eu lhe retorquia: «são passados 45 anos». Ao que o Mestre disse: «você para mim é ainda uma criança».

Houve sempre nas ruas e nos eléctricos muita materialidade e egoísmo. Sirvam as evocações do espiritual de linitivo à vida de hoje. E Deus seja louvado, embora tal já se não use.

Até nas especialidades alimentares e guloseimas houve tipos curiosos, não falando no famoso edil que delineou a Avenida da Liberdade, conhecido pelo *Cóco*, nome das apetitosas guloseimas do fabrico da sua casa; o *Torrão de Alicante*, antecessor do *Bolacha Americana* e sucessor dos *Judeus das Tâmaras* e do *Riquinha Alfeola* que com as *Quentes e Boas*, de cesto fumegante, fizeram as delícias da minha mocidade.

Uns loucos, outros exóticos, muitos sòmente excêntricos, todos deram vida e ambiente a esta velha cidade, que, com a morte dos excêntricos e assíduos frequentadores notáveis e as demolições dos anti-

gos e evocadores recantos, está em risco de ficar uma cidade como outra qualquer, cosmopolita, anacrônica e por si mesmo exótica e abastardada.

E a cidade que foi dos seus naturais e teve os seus tipos, passará a ser de todos e sobretudo dos seus carros, que o que anda a pé não conta e daqui a pouco, possivelmente, nem mesmo terá que contar.

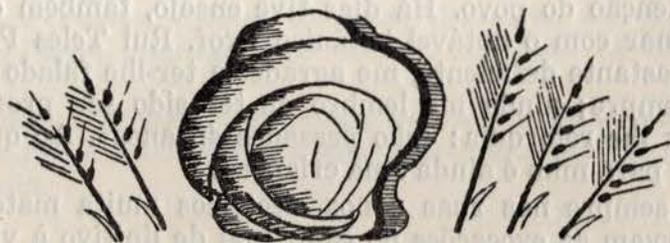
Mera opinião ou talvez, perrice de velho... Para que me foram buscar?



É tempo de terminar. Vão passados 15 minutos. Mesmo nos altos e baixos de erudição e interesse, tal qual no relevo das colinas e vales da cidade, está o seu pitoresco. Óxalá que, também, nesta descida ocasional de agora, haja interesse; se não brilha nas alturas literárias com que outros a ilustram, traz a boa intenção, de quem mais não pode.

Disse.

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES



Feiras e Romarias

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

NADO e criado numa terra da Borda d'Água, eu sou, como tantos outros provincianos, um sincero amigo de Lisboa.

E nessa terra ribeirinha do Tejo, onde nasci, fronteira à lezíria imensa que se desabrocha em frutos e se desentranha em pão, quando aparecia alguém de recursos mais modestos a figurar ao lado de gente de tomo, ouvi sempre o anexim que tão bem se pode aplicar ao caso presente:

— Onde estão galos de fama, que vem o pinto fazer?!...

Têm VV. Ex.^{as} razão ao pensarem de igual modo.

Por onde têm passado olisipógrafos de justificado renome, pessoas consagradas pelas suas obras, vultos bem conhecidos de toda a gente, o que vem fazer, sem falsa modéstia o digo, este vosso servo, que outra coisa não é mais do que um simples amador das velharias de Lisboa?!...

Por isso, desde já, eu apresento a VV. Ex.^{as} os meus pedidos de desculpas pela insuficiência do conteúdo desta pequena palestra, que a bondade da Direcção do nosso Grupo incluiu na série dedicada ao «Pitoresco de Lisboa».

O tema que me foi fixado trata de «Feiras e Romarias».

Qualquer destes assuntos, daria para dilatada conversa.

Porém, nos escassos minutos em que tentarei prender a amável atenção de VV. Ex.^{as}, eles não poderão deixar de ser profundamente condensados, pois me limitarei a leves esboços, a esbatidas aguarelas, tentando, como se diz entre nós, meter o Rossio na Betesga...

E, posto este pequeno preâmbulo, entro imediatamente no assunto do meu trabalho.

As romarias nos arredores de Lisboa, em tardes suaves de Primavera em plena florescência, ou no Verão ardente, quando as sombras melhor apeteçam, ou ainda nos começos do Outono, quando a luz começa a emprestar às árvores e às coisas colorizações inéditas, foram

sempre motivo de particular interesse para o bom povo da capital e dos seus arrabaldes.

São quadros movimentados e alacremenente coloridos, cheios de som e de animação que, pouco a pouco, se vão esbatendo na névoa cinzenta e profunda do passado.

Nessas madrugadas distantes, começava a partida para os locais da romaria.

Aproveitavam-se todos os meios de transporte, desde o burro à carroça, com os machos guisalheiros e rinchões, desde a tipóia descoberta ao carro americano, desde o *char-á-bancs* à fragata ou ao caíque, neste último caso, se a romaria se dirigia à Senhora do Cabo, à Senhora da Atalaia, ou à Senhora da Arrábida.

— As romarias lisboetas poderão dividir-se em dois grupos: — as feitas para as bandas de Além do Tejo, e as realizadas nos arredores da cidade.

Falemos, rapidamente embora, nas que tinham lugar na margem esquerda do rio, detendo-nos um pouco, como talvez na mais simbólica, na romaria da Senhora da Atalaia.

Numa nota de vivo pitoresco, passavam pelas ruas de Lisboa os círios, com os homens envergando a opa, as imagens, rodeadas de flores, os pendões vibrando à aragem morna da manhã, e os anjinhos, muito penteados, com os cabelos reluzentes de banha e o colo recamado de oiro.

Fanfarras, mais ou menos afinadas, acordavam os ecos dos becos e das travessas, e foguetes, de três respostas, rabiscavam o céu, enchendo tudo de som e animação.

Se havia indecisos — agarrados mais à pachorrice, — a música e os estrondos da foguetada, decidia-os num instante, e logo se improvisava o farnel, e se partia alegremente em busca de procissões, entre rezas e cantigas.

Era no Aterro que embarcavam os círios da Atalaia.

Em tempos, cada classe tinha o seu.

Quando a festa se aproximava — a *festa grande*, como lhe chama a gente do sítio — todos os habituais devotos se preparavam para esta função, que tinha mais de profana do que de religiosa.

Corria o mês de Agosto e, nesse tempo, como, ao contrário de hoje em que tudo anda trocado, o calor vinha no Verão, o sol queimava de verdade.

As fragatas embandeiradas, enfeitadas de verdura, navegavam a caminho de Aldeia Galega, suavemente, apinhadas da gente dos círios e da gente que ia ver os círios.

À sombra da vela começava-se a afaçar o farnel, porque o ar do rio

abria o apetite, tocavam-se guitarras e entoavam-se os primeiros des-cantes.

Os irmãos, com a sua melena muito bem engordurada, os largos chapéus protegendo-os do ardor do sol, onde se prenderia o registo da Senhora, de capas azuis e brancas, rodeavam o andor com a imagem, que oscilava brandamente na proa da embarcação, bem batida pela luz que a jorros caía da alta concha dos céus.

De quando em quando, um foguete lançado de bordo, ia estoirar alto, maculando de nuvenzinhas brancas e efémeras o azul puríssimo do firmamento, fazendo revoar as gaivotas em curvas largas e graciosas.

Quando lá se chegava, depois de curta devoção, começava o bródio.

O peixe frito saía dos farnéis, seguido da boa posta de carne assada, dos pastelinhos de bacalhau, do chouriço mal cozido, para melhor se partir às rodelinhas, do queijo fresco, dos bolos de mel...

Borrachas e pipos andavam de mão em mão, matando sede e tristezas.

Quando se descobria um novato, que pela primeira vez vinha à romaria, todos gritavam: — De rabo ao pinheiro!... De rabo ao pinheiro!...

E o estreante, logo agarrado, não escapava de bater com o fundo das costas de encontro aos pinheiros, entre galhofas e gritos.

E depois *pagava a patente*, desfazendo-se de uns cobres a troco de algumas canecas de vinho, que se distribuíam pelos amigos e amigos dos amigos.

Fanfarras e círios chegavam sempre, pelo dia fora.

Lavava-se a cara suarenta, em alguidares de barro novo, com água da fonte milagrosa.

Namorava-se e cantava-se em cada canto.

Ao findar da tarde, suave e anilada nas linhas distantes do horizonte, havia quem procurasse na velha Aldeia Galega e actual Montijo as fragatas e caíques do regresso.

Outros ficavam na Atalaia, até de madrugada, dançando e cantando, ou adormecidos, bem avinhados, sob a ramaria odorante dos pinheiros.

Na travessia do rio, ao luar claro que se enternava do céu, na fresquidão salina das águas, entoavam-se ainda cantigas, — que tantas vezes falavam de amor e de sol, de estrelas e de saudades — acompanhadas por guitarras e violas, por harmónios e ferrinhos, enquanto pares de namorados, de mãos dadas, sonhavam os seus destinos, embaçados docemente pelas ondulações breves das vagas.

Aludirei, agora, a algumas romarias que se faziam quase às velhas portas de Lisboa.

Se tivéssemos tempo, podia largamente falar da romaria da Senhora da Rocha, no pitoresco e frondoso arrabalde de Carnaxide; do real cívico da Senhora do Cabo, cuja imagem pequenina andava de anos a anos por freguesias do termo, na sua berlinda de doirados, acompanhada por uma verdadeira multidão; da popular romaria de Santo Amaro, que tinha lugar em meados de Janeiro, na linda ermida que ainda hoje se ergue na breve colina que se sobrepõe ao começo da Junqueira.

Esta última era também a romaria dos Galegos que, em tempos, tão numerosos foram em Lisboa e que para ela iam aos grupos, levando à frente os tradicionais gaiteros e os homens do tamboril, do redobranete e do bombo.

Mas como o espaço de que dispomos é breve, limitar-me-ei a falar da romaria do Senhor da Serra, fazendo dela como uma rápida síntese de todas as outras.

Esta foi uma das mais concorridas e animadas, que o Lisboaeta realizava nos arredores da capital e que se arrastou até aos nossos dias.

Sempre o alfacinha gostou de sombras e de ar livre e de uma petisqueira lentamente saboreada sob arvoredos copados, entre músicas e danças, namoricos e descantes.

A romaria fazia-se na Quinta do Senhor de Belas.

Vilhena Barbosa descreve-a, em 1862, pela seguinte maneira:

«Pelas encostas cruzam-se em diferentes direcções, muitas ruas, estreitas e sombrias, e sobem dois caminhos com suas escadas, grutas, assentos de espaço a espaço, até se encontrarem na coroa do monte mais elevado, onde se ergue uma ermida dedicada ao Senhor Jesus da Serra. Do adro do templo, que é como o último degrau de um trono todo verdade e flores, goza-se um panorama não de extensas dimensões, porém sumamente aprazível e pitoresco, sobretudo quando a festividade do Senhor Jesus da Serra transforma aqueles lugares numa povoação numerosíssima, que gira, volteia, e doudeja por toda a quinta com alegre arruado de vozes ao som de festivas músicas».

E assim foi sempre durante muitos anos.

A festa tinha lugar no último domingo de Agosto, e a ela não faltavam a feira e o arraial, na rua principal da propriedade.

A estrada que ligava Lisboa a Belas, nesses dias, era um fornigueiro de gente e de carros desde madrugada a noite velha.

Grupos deromeiros procuravam lugares para comer porque, sempre nas romarias da capital, o comer foi função de suma importância.

Para isso, sobre a relva fofa, estendiam-se as toalhas alvinitentes, tiravam-se dos cestos e cabazes as galinhas coradas, o coelho com arroz, o naco de lombo assado, os inevitáveis pastelinhos de bacalhau, as azeitonas saborosas e as alentadas postas de peixe frito, acompanha-

das, na mor parte das vezés, com a fresca salada de alface, com rodela de cebola, e folhinhas de salsa.

As borrachas bem providas de branco e de tinto, andavam de mão em mão, aos *beijos* a toda a gente.

Quando se esvaziavam lá estava a pipa, postada sobre a carroça enramada, para as encher de novo.

Grandes melancias mostravam as entranhas vermelhas e sumarentas.

Foguetes e morteiros estalavam a cada instante, e por todos os lados se escutavam cantigas e guitarradas, se viam bailaricos e namoros.

Noite alta, quando o romeiro, bem comido e melhor bebido, satisfeito pelo dia que passara, metia a chave à porta da casa, prometia a si mesmo que, se Deus lhe desse vida e saúde, voltaria ao Senhor da Serra, mais uma vez, para, além de tudo o mais, ouvir às moças de olhos ardentes a quadra que andava por lá em todas as bocas:

Foste ao Senhor da Serra,
Nem um anel me trouxeste...
Nem os moiros da Moirama
Faziam o que tu fizeste.

Depois, consoladoramente metido em vale de lençóis, recordava ainda, num derradeiro lampejo de consciência, vago limite entre a vigília e o sono, aquele vinho de fora de portas que tem sabor esquisito...

Falemos, agora, de feiras.

Não poderei ir muito longe no tempo, em busca daquelas que se realizaram no passado distante.

Basta-nos, talvez, aludir a estas verdadeiras aguarelas do pitoresco alfacinha, de há um século a esta parte.

Ainda me lembro, vagamente embora, da Feira de Agosto, aberta no alto da Avenida da Liberdade, em terras do Parque Eduardo VII.

Tenho uma reminiscência vaga, duma grande roda, de um *carroussel* que girava vertiginosamente, das ruas areadas de saibro vermelho...

Tudo se me apresenta difuso e impreciso, porque os anos que correram — ai de mim! — já são muitos e a idade que então tinha não deveria chegar ao primeiro lustro da existência.

Da única feira de que melhor me recordo é da denominada *Feira de Santos*, que estendia as suas barracas de lona, num pedaço da Rua 24 de Julho, costas viradas ao Tejo, mostrando na outra face a pobreza das suas galas, nas barracas de quinquilharias, de divertimentos, de comes e bebes, onde não faltavam a sardinha para assar, bem salpicadinha de sal, com os clássicos pimentos, e o vinho que nas canecas e nos copos, ao saltar dos pipos, tinha por vezes a cor dos rubis e a força que fazia brilhar o olhar na sadia alegria de viver.

O rico sumo da uva vinha quase sempre directamente do lavrador e estava ali, em cima da borra, com o cartaz aliciante, feito a giz: «Alto. Frente. Vinho do Samouco ou do Cartaxo»...

No dia da abertura da feira fazia-se, no meu saudoso Liceu de Passos Manuel, uma verdadeira gazeta.

As turmas funcionavam desfalcadas nos seus dois terços de frequência e os rapazes divertiam-se à grande porque, com alguns tostões, se experimentava de tudo um pouco.

Como eu recordo ainda umas famosas ameijoas à espanhola que, na companhia de amigos dispersos, em ruidosa alegria, por lá comi, uma tarde!

A feira tinha já então um aspecto pobre.

No ar pairava o cheiro a peixe frito, a sardinha assada, ao azeite das farturas, que, para tantos, é estímulo.

Esta Feira de Santos foi, contudo, sol de pouca dura na minha existência, porque, ainda no meu tempo de estudante liceal, ela desapareceu.

Julgo que, entre as feiras do passado, só teimou em viver a Feira da Luz, no sítio de Carnide, pois até os restos esfarrapados da do Campo Grande foram expulsos para as bandas do Senhor Roubado. As feiras foram sempre um dos divertimentos predilectos do Lisboaeta.

Os nossos avós alfacinhas aguardavam com ansiedade o momento de comer queijadas na feira das Amoreiras, pêras cozidas na do Campo Grande, ou uma boa fritada de peixe fresco na de Belém.

Era nestes grandes mercados periódicos que o Lisboaeta se fornecia de muitos géneros para a longa temporada da roda do ano, desde o feijão branco, eterno camarada da orelheira de porco, até ao pêro seco — que se vendia às rodelas enfiadas em longos cordéis — às nozes e aos figos, aos cobertores de papa que pesavam quilos, ao briche e às toalhas, às meadas de linha, e aos tamancos, aos capotes de palha e às baixelas de cobre.

Tinham esta prestante finalidade as velhas feiras de Lisboa.

Com o decorrer do tempo — eterno demolidor de costumes — as feiras transformaram-se.

Deixaram, pouco a pouco, de ser mercado de géneros, para ser local de diversões.

Os Dallots, iniciando a sua triunfante carreira, com as representações de *O Joaquim Confeiteiro*, *O Descasca Milho* ou *A Arte de Montes*, encantando as plateias ingénuas, e os comerciantes abrindo lojas em todas as ruas da capital, de todos os géneros, deram o golpe de misericórdia na feira-mercado.

Os *cavalinhos* começaram sendo o enlevo da pequenada; as mulheres de variada altura e gordura, barbadas e mais ou menos eléctricas; as

figuras de cera; os cosmorâmias; os palácios encantados; os cafés cântantes, com camareiras de olhos fatais e dentes cariados; as barracas de pim-pam-pum e de tiro ao alvo; as feras amestradas; os animais habilidosos, desde o *mono-sábio* à *foca guitarrista*, eram a admiração não só do alfacinha que se prezava, mas de toda a população dos arredores que, nas feiras da capital, tinha a sua maior distração.

Até certa época, era na feira de Belém, ou na do Campo Grande, também chamada Feira das Nozes, que aparecia a fruta nova: — os belos pêssegos de Alcobaça, os pêros das Caldas, as maçãs de Colares.

Só uma coisa resistia à transformação que se operava nas feiras — a loiça das Caldas, de Estremoz ou de Barcelos, que as vendedeiras transportavam em grandes ceirões, colocados ao lombo dos burros pacientes e simpáticos e que depois arrumavam no chão, por dilatado espaço.

E não havia quem não trouxesse para casa, pelo menos, uma bilhita de barro poroso, para, nos dias quentes de estio, colocar a água que se beberia fresquinha e agradável, nem catraio que não soprasse diabólicamente em corneta ou apito de barro.

Entre as antiquinhas das velhas feiras ainda se viam, como uma espécie de relíquias, os «boizinhos de cartão», o «fradinho de sabugo», os coraçõezinhos de jaspe», — que tão bem falavam aos coraçõezinhos de carne — com pregadeiras de veludo, e as gaitinhas de variados e terríveis sons, a limonada de cavalinho, o burrié, a fava torradinha, o tremoço saloio e as queijadas de pão de rala.

Na velha feira de Alcântara pontificou, como singular atracção, o famigerado Francisco Fernandes, mais conhecido pelo *Comilão de Almada*.

Uma vez, na barraca dos *Castelos Africanos*, comeu dois coelhos com batatas, quatro pães grandes, seis laranjas e uma boa terrina de sopa.

Nesse mesmo dia, numa outra barraca, devorou sopa para oito pessoas e bebeu seis litros e meio de vinho.

Noutra ocasião, das quatro da manhã às dez da noite, armazenou no imenso bucho, seis fresuras de vaca, guisadas com seis quilos de batatas, oito pães grandes, onze laranjas, dez litros de vinho e seis litros de chá.

Para ele, ainda bem que morreu, pois nos tempos de hoje, não sei como se arranjará para viver.

Era um verdadeiro chamariz da feira de Alcântara, onde ia imensa gente para o ver comer e fazer com ele apostas de pantagruélicas jantaradas.

Para a feira de Belém, ou do Campo Grande, o transporte fazia-se, primeiramente, nos medonhos *omnibus* que levavam o dia no seu constante e ruidoso rodar, efectuando, apesar disso, somente, cada um, quatro carreiras diárias, sendo o preço, por passageiro, doze vintens.

Depois o transporte melhorou através dos *carros americanos*.

Para a feira de Belém, os vapores do Burnay levavam igualmente grande número de visitantes.

Havia ainda quem fosse a pé, quem montasse burros e cavalos, quem se amontoasse em carroças e galeras, quem botasse figura em trezadas guisalheiras.

Barcos de variadas formas transportavam para Belém passageiros de posses mais modestas. Por vezes a nortada rija fazia-os chegar num pinto, com os fatos encharcados, depois de terem enjoado, como bons marinheiros de água doce.

Depois tudo se esquecia — nas barracas de comes e bebes onde se apreciava o apimentado mexilhão, se delirava com a bela sardinha assada, com a carne de porco frita na frigideira de barro novo, com as pescadinhas de rabo na boca — que ainda não tinham estágios em frigoríficos — com as iscas com elas ou sem elas, rescendentes e apetitosas!

Os pândegos — que sempre os houve, graças a Deus, nesta linda cidade, desde Ulisses até hoje — bem comidos e melhor bebidos, sentiam-se estroinas, partiam a baixela de barro, que honradamente pagavam depois, compravam assobios e gaitinhas e contribuíam grandemente para o ruído infernal da feira.

Alguns, mais deitados ao cómico, compravam berimbaus, que tocavam junto das raparigas, perguntando-lhes se *berimbau era gaita...*

Eram horas de grande desprendimento e de alegria.

O dia de amanhã era igual ao dia de hoje e os jornais de então não traziam, em cada edição, como agora, um feixe de notícias, cada uma das quais é motivo de sobra para nos pôr os cabelos em pé.

O que nos vale é que estamos já por tal forma habituados, que não lhes ligamos grande importância.

Tanto e tanto havia ainda a dizer das feiras de Lisboa!

O tempo, porém, é escasso e a paciência de VV. Ex.^{as} limitada.

Direi, contudo, ainda, que o Lisboeta gosta da sua feira. É vê-lo, lampeiro, respirando felicidade por todos os poros, nas feiras das Mercês ou de Sacavém, mais chegadas aos limites citadinos.

Todos nós sabemos ainda da afluência que tem a Feira Popular, em boa hora levada a efeito pelo «O Século».

Nela ainda se vê muito do que no passado existiu.

Quem o queira reviver lá o poderá fazer, sentindo de novo as horas que o tempo não gastou na sua lembrança.

Sòmente, uma dúzia de sardinhas assadas custará agora muitíssimo mais caro...

Mas disso nem nós, nem a Feira Popular, tem a menor culpa...

FRANCISCO CANCIO

Tradições de Lisboa

Quem não viu Lisboa, nunca viu coisa boa!

UMA povoação qualquer é um agregado humano, portanto um conjunto mais ou menos complexo de corpos e almas. Porque os homens, que o formam, têm vida, também o agregado humano tem nascimento, vida e morte. Se as condições de vida lho permitem, vivem, e desenvolvem a povoação; se lhes faltam essas condições, físicas e sociais, ela desaparece, e os homens dispersam-se.

Uma cidade, como Lisboa, à beira mar, no cruzamento dos caminhos marítimos e, hoje, também dos caminhos aéreos, tem condições singulares para o seu desenvolvimento. E, então, se, como a nossa cidade, é capital da Nação, este facto faculta-lhe especiais factores de valorização e desenvolvimento. As sugestões económicas, políticas, sociais e artísticas, aliam-se às circunstâncias geográficas, reforçam-nas, tanto mais quanto elas lhes forem favoráveis, criando atracções irresistíveis da população provinciana, próxima e afastada, e prendendo estranhos de outros povos.

Neste complexo psicológico da Cidade reúnem-se tradições, isto é, costumes, lendas, superstições, festas, cerimónias, crenças, danças, músicas e cantos, quanto constitui o ambiente ou clima espiritual da população. Uma dessas tradições formou-as a própria Cidade, produto dos acontecimentos urbanos, ora na feição das classes cultas, ora na feição popular, umas vezes em sincronismo perfeito, outras por deformação característica das classes populares, tanto em massa como nos compartimentos profissionais, ou segundo os «tipos de vida», na expressão de André Varagnac. São afinal as duas dimensões de cultura a manifestar-se; às da segunda chamou «dimensões populares» o escritor colombiano, P.^o José A. Andrade, S. J.

Outras tradições foram trazidas pela população, que veio da Província para Lisboa no clima familiar e social da procedência. É sobretudo na gente do povo que mais se mantêm estas ligações permanentes entre a da Cidade, que se fixou, e a da origem, continuamente alimen-

tada e reavivada pela que vem fixar-se ou passar com os seus um tempo de estadia.

É certo que o meio novo, em que se desenvolvem as actividades dos que vêm para ele, absorve até certo ponto a psicologia original, porque também se opera a troca de resíduos tradicionais, como no mundo físico se dá o equilíbrio por comunicação entre vasos comunicantes; e também opera a diferenciação de densidades, aqui, no caso presente, de tradições com maior ou menor peso específico. Repare-se que a gente do povo, a caminho de Lisboa, desde largos tempos, vem ocupar-se nas labutas da sua terra; a gente do mar e das artes do mar vem aplicar em Lisboa, no tráfego e na pesca, as suas aptidões experimentadas. Lembremos as varinas, os pescadores, e essa multidão que se move no rio em fragatas, em varinos, em botes, na carga e na descarga dos navios. Em tempos não remotos, localizavam-se nos bairros marítimos e piscatórios, de Alfama e Santos (o velho subúrbio de Santos) a Alcântara, pelas terras da Madragoa, Mocambo e Lapa. Tinham as suas igrejas, os seus santos padroeiros e as suas irmandades, conservavam as festas, os costumes familiares e as regras de vizinhança, as normas tradicionais do seu tipo de vida, com os instrumentos de trabalho, as cantigas, as danças, toda a expressão social nativa. Dir-se-ia que viviam em Lisboa à parte de Lisboa; representavam aqui na Capital a variedade provincial.

Ainda hoje, esses bairros, apesar das transformações das coisas e da população, oferecem o pitoresco dos costumes e chamam a atenção de etnógrafos e de viajantes internacionais, ávidos de sensações novas e de novidades características; têm sido bem aproveitados e com aparato nas festas populares bairristas e nas da Cidade.

De estranhos foi notável a colónia galega: os aguadeiros, que gorilavam os *aús* pelas ruas da Cidade; os moços de fretes, de corda e chinguicho; os portadores de liteiras; todos com a bruteza de gestos e a abundância vistosa de bigodeiras marciais, a propensão para estalajadeiros e senhorios de carvoarias e tabernas; passeavam por Lisboa as gaitas de foles e as buliçosas *muiñeiras*; tropeavam galas excessivas na festança de Santo Amaro, nas alturas da curiosa capela seiscentista, no alto ribeirinho, que deu o nome a um bairro denso e à sede da Companhia dos Carris de Ferro, dos «senhores de Santo Amaro»; e deixaram na toponímia pitoresca de Lisboa a «Ilha dos Galegos», ao alto do Chiado, hoje ocupada pela estátua aclimatada e sintomática do Poeta Chiado. E aí os temos, não menos pitorescamente, como donos de cafés, restaurantes, casas de pasto e talhos; isto é, continuam as ocupações típicas e tradicionais dos seus antepassados, os que nos acoimavam de idiotas, porque era nossa a água, que bebíamos, e eram eles quem no-la vendia!

As «Tradições de Lisboa» reflectem as tradições de Portugal inteiro, e formam a grande, perturbante e formosa Aldeia, onde se

juntam os Portugueses de todas as aldeias da serra, do vale e da beira-mar. É o que faculta à Cidade o maior atractivo espiritual.

Em alguns dos capítulos de *O Pitoresco de Lisboa*, já aqui apresentados nesta sala, foram tratados assuntos, que bem cabiam na rubrica das «Tradições»; são, pela ordem que vejo no programa geral: *Calão e Gíria popular*, em que muito há de peculiar, mas também muito de comum, quer profissional, quer local, quer geral; *Feiras e Romarias*, que, salvos certos aspectos, se repetem desde os arredores de Lisboa até onde chegarmos; *Procissões e Cultos de Lisboa*, que são aqui uma repetição com variantes do cartaz das procissões das cidades e vilas da Província; *Bailes e bailaricos*, onde vamos encontrar danças, músicas e cantigas, provenientes dos quatro cantos de Portugal, serranas e ribeirinhas; *Superstições, bruxedos e agoiros*, que não são mais, na quase totalidade, que as de todo o povo das nossas terras. Falar ou escrever destes e muitos outros assuntos tradicionais, que se encontraram e encontram em Lisboa, ocuparia muitíssimo mais do que o tempo destinado a cada uma destas palestras; e material muito rico oferecem eles a quem queira ou possa dedicar-se a um dia tratar da Etnografia e das Tradições da muito nobre e sempre leal Cidade de Lisboa.



A melhor tradição de Lisboa, e inteiramente dela, está no seu aspecto geo-humano. O castelo de S. Jorge e o Tejo formaram-na e deram-lhe o carácter individual, que é exclusivamente Lisboa e exclusivamente dela. Se o primeiro núcleo populacional esteve no alto do Castelo, foi o Tejo que o atraiu a si; o Tejo o defendia por dois lados, a escarpa de O a NÔ e N por outros, e obras apropriadas para as bandas baixas de S. Vicente; o Tejo lhe facultava alimentação. De Fenícios e talvez Cartagineses, de Romanos, de gentes germânicas, Suevos e Visigodos, de Mouros, essa povoação alcandorada foi conhecida e aproveitada, até cair nas mãos de D. Afonso Henriques; a todos serviu e de todos foi servida; e cresceu, alargou-se, rompeu as muralhas, fugiu pelas portas e pelas brechas abertas nas muralhas, alcandorou-se muito cedo nas barrocas e congostas das vertentes, como se depreende das narrativas dos cronistas da cruzada contra a Cidade; fundou arrabaldes para todos os lados; desde sempre se entornou para o rio, ao qual devia a existência e a garantia da expansão.

Espalhada por outeiros e colinas, é ver como a Cidade foi tomando de assalto as alturas; as casas juntam-se, encavalitam-se, desenham ruas e ladeiras, muito apertadas e torcidas pelas necessidades de se adaptarem às irregularidades do terreno e aos caprichos dos habitantes.

É curioso o pitoresco da escalada. O que se deu no assalto ao monte do Castelo e alturas vizinhas, repetiu-se por todas as alturas por onde a Cidade foi sucessivamente alastrando. Quem se aproxima de Lisboa, dos lados do Aeroporto da Portela de Sacavém, defronta com o casario de pombal na Penha de França; quem de comboio se aproxima de Campolide, admira a linha de casas desse bairro, a toda a extensão da coroa das alturas; por entre os arvoredos da Tapada da Ajuda avista-se para os lados dos Terramotos, da Estrela e de Campo de Ourique, a multidão maciça de casario, que parece suspenso e em perigo de derrocada sobre o vale da ribeira de Alcântara; do princípio do Aterro, logo adiante do Cais do Sodré, quem olhe para o Alto de Santa Catarina terá a mais viva lição da forma por que Lisboa se expandiu por altos e baixos; dir-se-ia casario de pintura simbólica ou de presépio; só é pena que o edificio enorme, acabado de construir para instalação dos serviços dos telefones do Estado, tenha escondido o maior efeito desse pitoresco painel citadino entre os mais pitorescos da Cidade.

Que admira a queixa do inglês Beckford, de tanto subir nas ruas da Capital! Disse ele: — «Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão íngremes subidas, como se encontram a cada passo quando se caminha por Lisboa».

As características ladeiras de Alfama e da Mouraria, para chegarem os homens ao alto do Castelo, da Graça, do Monte, da Penha de França, estão balizadas de recantos, becos, nichos, registos de azulejos, casas e muros, palácios e restos das muralhas e torres, escadas, que, por necessidades de acesso, todas pertencem à família do Caracol da Graça; e vão-se abrindo, à medida que as subimos, ora verdadeiros padrões do povoado arcaico, em suas ruelas, esquinas, casas, e largozinhos miúdos como tabuleiros empenados, com degraus a torcer e a segurar o chão, ora largos horizontes citadinos, em que se vinca a febre trepadora do homem a vencer as dificuldades do solo. Alfama e os restos da Mouraria oferecem o pitoresco da Lisboa Velha, que Roque Gameiro tão bem sentiu e reproduziu em aguarelas admiráveis, ilustrações coloridas de muitas das tradições vivas da Cidade.

E a Cidade, ao manter a tradição da expansibilidade e a solução prática de a fazer, escalou todas as alturas, que o chão revolto lhe opôs; veja-se como actualmente vai subindo, e à pressa, as vertentes da Serra de Monsanto. A tradição continua. Se houve um tempo, e recente, em que Lisboa apenas se alargava contra o Tejo, de costas para ele, hoje regressou já ao seu rio nos bairros novos, a Oriente pelas alturas de Xabregas à Encarnação, e a Ocidente pelas de Alcântara, Ajuda, Monsanto; de todos esses altos se afogam os olhos no Tejo, e o Tejo os leva ao Mar, lá para a barra, «onde a terra acaba e o mar começa». Quer dizer: a perspectiva da cidade quatrocentista e quinhentista da estampa de Braunio manteve-se e continua.

Pois é nestas ruas, travessas, becos, largos e largozinhos de bonecas, que se localizam as tradições lisboetas. Nelas se passaram os acontecimentos da paz e da guerra, desde D. Afonso Henriques e dos seus Cruzados, e D. Dinis com os arrabaldes e as ferrarias, e D. Pedro I mais as danças públicas em que a real pessoa tomava parte à luz dos brandões, e dos motins fernandinos, das assoadas aos Castelhanos do cerco da Cidade, e dos formigueiros de trabalhadores no alçamento das muralhas da Cerca Nova, e dos tumultos populares pelo Mestre de Avis, como da louca defesa das muralhas novas contra a gente de D. João I e D. Beatriz de Castela na conquista de um trono; por elas estouraram as represálias contra os louros soldados do Duque de Lancastre, subiam e desciam os pescadores, os matalotes, toda a malta dos barcos e da ribeira na era dos Descobrimentos; por elas passaram os reis, enquanto viveram lá no alto na Alcáçova Real; nelas construíram seus palácios, por Alfama arriba, os nobres, que foram deixando na toponímia, ainda existente, os rastos da fildalguia; percorria-as o cortejo medieval da cavalgada de S. Jorge na procissão de *Corpus Christi*, a mais característica, em Portugal inteiro, das procissões régias; por ali residiu na Casa dos Vinte e Quatro a actividade emancipadora dos officios; ali, ao pé e à sombra da Sé Catedral, nasceu Santo António, que, se é o taumaturgo de Portugal, será em primeiro lugar o taumaturgo de Lisboa, onde entrou na ordem dos Agostinhos, ao noviciar em S. Vicente de Fora, memória e tradição da conquista de Lisboa e do voto vicentino de D. Afonso Henriques. À Sé, por essas ruas, foi levado o espólio de S. Vicente, desde Santa Justa; algumas dessas ruas foram percorridas pelo cortejo fúnebre de El-Rei D. Manuel a caminho da jazida em Belém, nos Jerónimos por ele erguidos em comemoração dos Descobrimentos e da expansão marítima de Portugal por Lisboa. A toponímia, os templos, os palácios, as tradições populares marinheiras de Alfama e do seu «Santo 'Sprito», ainda hoje atestam, com o Castelo no alto, a tradição viva de Lisboa. Até os corvos negros da barca de S. Vicente subiram à heráldica de Lisboa, ao mesmo tempo que passeavam nas naves e no tempo da Sé, em guarda contínua dos ossos do Mártir padroeiro da Cidade; e chama «vicentes» a estas aves o povo lisboeta, que as tem e trata como tantos mimoseiam papagaios e araras.

Tradições de S. Vicente, que foi guardado na Sé; da Rainha Santa Isabel, na sua mulinha a descer do Castelo para Alvalade, para aí se interpor aos exércitos do marido e do filho, um diante do outro, prestes a travarem batalha feroz; tradições de Nun'Álvares, o Conde Santo, a quem, depois de falecido, iam de romagem, quatro dias do ano, ranchos de Lisboa, dos arredores e da Outra Banda, a bailarem e cantarem, na continuidade popular de arcaicas liturgias, e a levarem azeite para a lâmpada sepulcral do Condestável; tradições de Leonor e das suas Misericórdias na companhia santa do trinitário Fr. Miguel Contreiras... E tradições nos monumentos e memoriais dessas

e outras personagens de história e de lenda: a Porta de Martim Moniz, no Castelo; a Sé com S. Vicente e os corvos; o convento de Nossa Senhora do Carmo, no velho bairro da Pedreira do Almirante, entre o Carmo e a Trindade; o que resta da casa dos pais de Santo António, à sombra da Sé; quanto se liga aos recantos de Alfama e ao mosteiro de S. Vicente; mais para cima a capelinha da Nossa Senhora do Monte e do Bispo S. Gens, mais das suas virtudes e protecções às parturientes; e, para lá, a igreja de Nossa Senhora da Penha, que foi do convento dos Gracianos, onde a Câmara de Lisboa fazia todos os anos curiosa romagem; cá em baixo, a capela de Nossa Senhora da Saúde e de S. Sebastião, padroeiro dos artilheiros, com procissões militares; mais para diante, levantou D. João III o Cruzeiro manuelino de Arroios, em memória da beatificação da Rainha D. Isabel, que o povo santificou muito antes, como também já o fizera ao Santo Condestável; ainda a Rainha Santa e a sua intervenção na paz entre o marido e o filho ficaram assinaladas no singelo «Padrão de Alvalade». Para estes lados do Chiado estão as ruínas saudosas e os vestígios da cela do donato «Fr. Nuno de Santa Maria», cujas relíquias a tradição ainda viva levou para o templo, que foi erguido ao Beato Nuno em Campo de Ourique, bairro novo da Cidade.

A Cidade alargou, e não pára; agregou e assimilou administrativamente bairros, que eram antes aldeias típicas: saloias, para o lado de terra; piscatórias, para os lados do rio; foi à Junqueira, a Santo Amaro, a Belém, aos Jerónimos, à Ajuda, a Pedrouços, atingiu Algés; e este caminhar incessante, que é também uma tradição, portanto uma alma viva, levá-la-á por aí fora sem descanso, como não descansam as vidas enquanto vividas.

Se as varinas, cujos últimos abencerragens encantam, pelo inédito das atitudes e gentilezas, quantos visitam Lisboa, vieram da Beira-mar, para a Cidade, esta, desde que conquistou os Mouros e os acatou em si, vai indo por esses campos e hortas de saloios, as velhas almoínhas, e mete-os dentro da sua área, umas vezes fundando os bairros por onde se expande, na terra, outras construindo campos de aviação de onde se expande pelos ares para todos os continentes, outras ainda englobando no solo urbano os lugares, os casais, as aldeias, os recantos arrabaldinos.

Quiséssemos ressuscitar a velha Procissão de S. Jorge, e ela teria de mudar rumos e calcorrear ruas novas e avenidas novíssimas, como aconteceu com esses cortejos históricos, que o Estado e a Municipalidade têm organizado, e com que a Cidade revive tradições gloriosas. Ou fosse a Procissão do Senhor dos Passos, que não se limitaria por certo a descer o Chiado e a subir à Graça. Quem sabe se a da Senhora da Saúde não irá um dia mais longe do que até agora, ou se repita, para que a Senhora dê saúde não só à Cidade antiga mas igualmente

à Cidade nova. Tudo é Lisboa que vive, se prolonga e continua nas suas tradições.

Querem tradições familiares e profissionais da gente característica da Cidade e das suas actividades especiais? Basta subir às «casas dos milagres» do Senhor dos Passos da Graça e da Senhora da Penha de França; aí estão as provas da gente do mar e das histórias trágico-marítimas dos pescadores e mareantes da Cidade. E reparem que, se sairmos de Lisboa, para qualquer lado, encontraremos a continuação dessas memórias e tradições; multiplica-se, desdobra-se e reflecte-se; Lisboa é assim o centro luminoso de uma estrela, que espalha os braços de mil pontas em redor; não foi só ao Mar; irradiou na terra por todos os lados. Aqui, ali, além, por toda a parte, podemos dizer sempre: — Aqui é Lisboa! É como diz o povo que a visitou, se não se limita penosamente a pensar nela: *Quem não viu Lisboa, nunca viu coisa boa!* Diríamos nós como os Napolitanos em seu orgulho: — Ver Lisboa... e morrer depois.

LUÍS CHAVES LOPES



A graça de Lisboa

O *Grupo dos Amigos de Lisboa* decidiu promover uma série de conferências sobre o pitoresco da cidade. Durante várias quintas-feiras, à noite, uma pléiade de oradores ocupou-se sucessivamente dos teatros desaparecidos; das superstições, bruxedos e agoiros; dos cultos e procissões; dos bailes e bailaricos; dos boatos; do Entrudo de outros tempos; do calão e da gíria popular; das tradições; dos tipos da rua; das feiras e romarias; dos velhos arcos da cidade. Apesar de eu não ser lisboeta de nascimento, a direcção dos *Amigos de Lisboa* quis ter a penhorante amabilidade de convidar-me a proferir uma das conferências da série e levou essa amabilidade, não apenas a sugerir-me o tema a tratar — a graça de Lisboa — mas a desejar que fosse eu a proferir a última —, por certo no generoso convencimento de que um sorriso culminaria a erudição! Devo dizer que aceitei o encargo, não porque julgasse, um instante sequer, que a minha palavra obscura pudesse trazer qualquer brilho a estas sessões, mas porque, se recusasse, além de me mostrar ingrato, perderia o ensejo, que tão generosamente me era oferecido, de falar de Lisboa sobre um dos seus aspectos mais sorridentes. Na verdade, o tema «a graça de Lisboa» possui qualquer coisa de risonhamente aliciante que nos seduz. Oxalá, porém, não vá suceder agora o que sucedeu numa conferência em que um velho filósofo dissertou sobre o riso: a meio da conferência, as pessoas, que não haviam adormecido, choravam copiosamente.

Convém notar que o tema que me foi proposto daria bem mais que uma conferência: daria um curso. Terei, pois, de sintetizar o muito que haveria a dizer. Afinal, é óptimo. Os maus oradores, como eu, assemelham-se a certos remédios: quanto menos, melhor — porque nem fazem bem, nem são agradáveis.



Alberto Pimentel tem, num dos seus livros, um capítulo em que dois sujeitos, chamados Atanázio Duro e Inocêncio Manso, descreteam acerca da tristeza e da alegria da capital. Enquanto Atanázio, de so-

brecasaca e gravata preta, sustenta que Lisboa é uma cidade triste —, Inocêncio, de paletó e flor ao peito, garante, ao contrário, que Lisboa é uma cidade alegre. Ante esta divergência de opiniões, facilmente se concluirá que Atanázio Duro e Inocêncio Manso são dois críticos e ambos — ou eles não fossem estruturalmente críticos — bastante senhores do seu nariz e do seu ponto de vista. Mas qual deles estará na razão: Atanázio — ou Inocêncio? Rigorosamente nem um, nem outro, — o que frequentes vezes acontece, sobretudo quando as opiniões são inflexíveis. Uma ocasião, certa actriz, cujos bons ditos ainda hoje se recordam, perguntou a Marcelino Mesquita se ele a achava alegre ou triste. Marcelino riu-se.

— Porque se ri, Sr. Marcelino Mesquita?

— Que queres tu? Acho-te graça... — respondeu ele.

Sempre que oiço falar na alegria ou na tristeza de Lisboa, penso, por analogia, nesta resposta do autor dos *Peraltas e Sécias*. Com efeito, se Lisboa não é, caracterizadamente, uma cidade alegre, está longe de ser também uma cidade triste; mas o que ela é, incontestavelmente, é uma cidade duma graça especial, típica, na maneira de se apresentar, de se mostrar, de se expressar. Há pequenos episódios que valem tratados. Quando João do Rio desembarcou pela primeira vez em Lisboa, um amigo interrogou-o no dia seguinte ao da chegada:

— Então Lisboa que tal?

— Interessante. — Parto amanhã para Paris...

Duas semanas depois, esse mesmo amigo, ao descer o Chiado, encontrou João do Rio:

— Esse Paris?

— Afinal ainda não fui. E não sei mesmo se chegarei a ir... A graça de Lisboa enfeitiçou-me. Calcule você que Lisboa e eu já nos tratamos por tu!



Devo, entretanto, notar que ao referir-me à graça de Lisboa, me quero referir, pelo menos desta vez, não a determinados atractivos físicos da cidade, mas, especialmente, à sua graça verbal, digamos assim. As cidades — talvez muitas pessoas nunca tivessem pensado nisso — não se exprimem apenas por intermédio dos seus habitantes: exprimem-se também por si próprias. Há mesmo uma psicologia e uma linguagem cidadinas que não correspondem, em vários casos, nem à psicologia, nem à linguagem dos cidadãos. É o que se verifica, de certo modo, com Lisboa — não obstante Lisboa e os alfacinhas manterem as melhores relações. Uma das lendas — facto curioso — que se criaram, lá fora, a respeito dos Portugueses e, designadamente, a respeito dos Lisboetas, foi a da sua alegria. Popularizou-se mesmo, em vários paí-

sés, uma cançoneta, de origem francesa, em que se proclamava aos quatro ventos que

Les habitants de Barcelone,
Les italiens, les allemands,
Ne sont pas toujours amusants.

Mais dans la ville de Lisbonne
Les portugais, les portugais
Sont toujours gais!

Ora nada mais contestável. Se virmos bem, os Portugueses e, por consequência, os Lisboetas manifestaram sempre tendência para o pessimismo e o pessimismo não pode considerar-se um atributo das pessoas alegres. Diz-se que os velhos são insusceptíveis de ter filhos, — a não ser, evidentemente, por interposta pessoa. A verdade é que o «Velho do Restelo» — símbolo camoniano do pessimismo nacional — deixou uma prole numerosíssima. Já um dos nossos mais espirituosos cronistas escreveu, um dia, que todo o bom Português, no uso das suas faculdades mentais, a primeira coisa que faz ao sair de casa, pela manhã, é procurar na rua, no jornal, na cara das pessoas que encontra, nas palavras que troca, nas notícias que espalha e que recebe, o desastre, a fatalidade, o cataclismo.

— Contaram-lhe o que se passou? Tremendo, hem! E que me diz a tudo isto? Que época, que época a nossa! Mas agora reparo, você está com má cara! Fígado, não? A propósito, sabe quem morreu?

Temos de reconhecer que é precisamente assim. Todos nós ouvimos e pronunciamos, a cada passo, estas frases catastróficas. Lembro-me dum amigo meu com quem eu me encontrava frequentemente no Chiado, enquanto ele andou por este mundo. Sempre que falecia alguma pessoa ilustre e os jornais dedicavam larga notícia ao falecido, esse meu amigo nunca deixava de me observar:

— Já viu hoje a necrologia? Pois veja, veja. Vem boa a valer.

Entretanto, Lisboa, ao contrário de quase todos nós, quando se encontra connosco na rua, na repartição, no café, no teatro, no cinema, seja onde for, em vez de nos dar, inevitavelmente, notícias temíveis, nunca deixa, em regra, de nos perguntar, logo após as primeiras palavras de cumprimento, se já sabemos «a última». O que Lisboa chama «a última» não é, porém, a última catástrofe: é a última anedota. E sem nos conceder sequer tempo para lhe respondermos sim ou não, enfiados o braço, puxa-nos para um canto, debruça-se sobre o nosso ouvido e conta-nos em ar de confiança, uma pequena história — que conta, afinal, a toda a gente. Raro será o dia em que Lisboa não tem uma história para nos contar! Quem inventa essas histórias? Ela própria. Qual o motivo que geralmente, as inspira? A figura ou o caso da véspera. O que as caracteriza fundamentalmente? A graça, não apenas

oportuna, mas picaresca do comentário. Há quem diga que Lisboa não tem espírito. Sim, Lisboa não terá o espírito parisiense como Paris não tem o «humour» londrino, como Londres não tem a alegria madri-lena; mas tem uma graça característica, tipicamente lisboeta, porventura nacional e internacionalmente inconfundível, que constitui uma das expressões, e não das menos significativas, da sua personalidade. Durante a última guerra houve, ao que parece, um Americano de Nova Iorque que escreveu para Lisboa oferecendo cinco dólares por cada uma das histórias pitorescas aqui postas a correr acerca da guerra e dos seus dirigentes. Por certo Lisboa, se respondeu, deve ter respondido o mesmo que Camilo respondeu àquele abade que lhe quis pagar uns versos com um pataco:

— Guarde os seus tesouros, meu caro senhor. Os génios, quando se abrem, são gratuitos como a chuva do céu!



Quem pudesse reunir as *boutades*, os ditos, os apropósitos, os *sobriquets*, em que a graça de Lisboa se tem comprazido, através dos tempos, desde o velho Ulisses ao sr. Salvação Barreto, realizaria, não só uma curiosíssima obra de humorismo, mas uma utilíssima obra de história. Com efeito, a história não se faz apenas com a erudição: faz-se também com a anedota. De resto — já o afirmava Claretie — a anedota não é, afinal, senão uma forma da consagração histórica. Quantos e quantos acontecimentos, episódios, vultos ilustres, simples tipos de rua, a graça lisboeta não tem fixado, no seu anedotário não, evidentemente, no que elas oferecem de venerável —, mas no que eles oferecem de vulnerável! Alcinhas, trocadilhos, *double-sens*, alusões picantes, narrações jocosas, — tudo se tem permitido a graça lisboeta para, à sua maneira, focar, sublinhar, simbolizar, no momento próprio (e, quantas vezes, para a eternidade), um facto ou uma figura. Nada lhe escapa. Não poupa ninguém — nem o próprio chefe do Estado. O rei D. Luís perguntava, certa ocasião, a um dos familiares da corte:

— Que graças conta por aí Lisboa a meu respeito?

— Gracejar de Vossa Majestade! Quem se atreveria a isso, Real Senhor?

— Não dizes a verdade — retorquiu imediatamente o rei — Conheço Lisboa. Lisboa há-de, por força, gracejar de mim e dos meus ministros...

E gracejava. Gracejava de D. Luís e dos seus ministros — como gracejou e há-de gracejar sempre de tudo e de todos. Está-lhe no feitio. Constitui um dos seus traços psicológicos. Repare-se, por exemplo, nos nomes com que ela baptizou muitas das suas ruas, das suas travessas, dos seus largos, dos seus becos: é a rua do «Pai dos seus filhos»; é a

travessa do «Espera-me, rapaz»; é o «largo da Palmatória»; é o beco do «Fala-Só»! Veja-se, por exemplo, como ela alcunhou os seus dois palácios mais representativos: a um alcunhou-o de palácio da Ajuda, a outro de palácio das Necessidades! E não deixe de notar-se, neste momento, pelo que exprime de sintomático, que até um dos seus cemitérios ela, jocosamente, crismou de cemitério dos Prazeres — aliás com o desespero das viúvas ciumentas que não admitem que os maridos se entreguem aos prazeres extra-conjugais, nem mesmo no outro mundo! E os estabelecimentos? Este é o «Agulheiro dos sábios»; aquele, o «Aquário dos imbecis»; aqueloutro, o «Barril do Lixo»! E os *sobriquets* dos tipos populares? Ele é o «Pança»; o «Manjerico»; o «Furibundo»; o «Rei da Madureza»; o «Tlim das Flores»; o «Sebastião e a Sebastioa»; as «Manas Perliquitetes»; a «Madame Rebolona»; o «Maluquinho de Arroios»; «O comboio das onze»; «O Pinheiro Maluco», e tantos, tantos outros! E não foi senão a graça de Lisboa que passou a chamar alfacinhas aos Lisboetas quando soube que estes eram perdidos por alface! O cidadão mais austero, o cidadão mais prevenido e — porque não dizê-lo — o cidadão mais eminente, não está livre, por consequência, que a graça de Lisboa lhe pendure nas costas, quando ele menos espere, uma etiqueta que o marca e que o define. E os ditos, as anedotas, as pequenas histórias maliciosas que ela gostou sempre de contar a respeito dos factos importantes e das pessoas conhecidas! Dariam volumes. Ainda há pouco a reunião, em Lisboa, dos membros do Pacto do Atlântico, deu ensejo à graça lisboeta de algumas *boutades* —, que eu não reproduzo para não comprometer a paz internacional. Ainda há pouco também, a graça lisboeta, sabendo que começara a cobrar-se o imposto de passagem na nova ponte de Vila Franca, imediatamente inventou este justo e inofensivo trocadilho em que alude, uma vez mais, ao espírito, eminentemente económico, do actual chefe do Governo:

— Salazar não dá ponte sem nó!



A graça de Lisboa, longe de ser um devaneio, constitui uma instituição. Irreverente e sarcástica, por vezes? Sem dúvida. Recordo-me, por exemplo, da sarcástica irreverência com que a graça lisboeta tratou certo pseudo-estadista que o acaso da política guindou a altos postos. Não houve *gaffe* que não lhe atribuisse, com maior ou menor razão. Uma, para amostra. O presidente da República oferecera uma recepção em Belém. O nosso homem, que era então ministro, compareceu, acompanhado da mulher e da sogra. A dada altura, tendo de apresentar a mulher e a sogra ao representante da França, Lisboa espalhou, aos quatro ventos, que ele o fizera nestes termos:

— *Ma femme!* — *La mère d'elle!*

Já passou o Carnaval para reproduzir estas coisas! — bradarão as pessoas severas. Desculpem, — mas o Carnaval não passa nunca.

Entretanto, se a graça de Lisboa é, por vezes, irreverente, é útil também, em muitos casos, porque exerce uma função crítica. Devemos-lhe, por isso, reconhecimento. A graça de Lisboa já tem um largo: o Largo da Graça. Não basta, porém. Creio que ela merece um monumento, a menos que a simpática dama que Eça de Queirós tem nos braços, há quase meio século, no Largo do Quintela, não seja, afinal, a graça lisboeta, pitoresca, marota, maliciosa, e, como todas as graças que se prezam, — em hábitos menores!

LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



POSFÁCIO

O Presidente da Junta Directiva Sr. PROF. DR. A. CELESTINO DA COSTA encerrou a sessão e o ciclo de conferências com as seguintes palavras:

Quando foi da série de «A cor de Lisboa», foi possível tirar conclusões que, aliás, a Câmara Municipal, atenta aos nossos trabalhos, utilizou e desse facto nos deu conhecimento, patenteando assim mais uma vez o ilustre presidente Coronel Salvação Barreto o muito interesse que toma pelos trabalhos do nosso Grupo.

Desta vez o assunto não se presta a conclusões práticas, de aplicação directa. A única conclusão a tirar é que não morre o pitoresco desta nossa querida cidade. Apesar das profundas modificações pelas quais está passando Lisboa, como se sofresse um terramoto, logo seguido de reconstrução, modificações que estão esguendo no seio e à roda da velha urbe, uma cidade nova, moderna e cheia de beleza, os aspectos pitorescos do sítio, dos costumes, dos homens, da vida de Lisboa perduram uns, não esquecem os outros.

Sob esses múltiplos aspectos apreciaram o pitoresco da nossa capital conferencistas dedicados e competentes, como a Sr.^a D. Julieta Ferrão, os nossos amigos e companheiros Gustavo de Matos Sequeira e Norberto de Araújo, Acúrcio Pereira, Sampaio Ribeiro, Erico Braga, Mário Costa, Paulo Cantos, Alfredo Lopes, além dos que acabamos de escutar.

Só estes me foi dado ouvir. Mas chegou-me o eco dos êxitos também alcançados pelos que os precederam. Cobriu-os o público de aplausos. E não chegou a casa para alojar todos os admiradores, todos aqueles que aqui vieram interessados pelo assunto e pelo talento dos conferentes.

Substituíram-me, com vantagem, nas conferências anteriores os nossos amigos Coronel Pereira Coelho, Dr. Eduardo Neves e Hugo Raposo. Para todos vai também o meu reconhecimento.

Foi mais um grande successo do Grupo esta série de conferências. Preparamos outras e espero que nem nos faltará o interesse dos «Amigos de Lisboa», nem a colaboração dos olisipógrafos.



Empresa Insulana de Navegação

Sede: Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA
Telefs. 23271/2/3 — Telegrs. Bensaude — LISBOA

Carreiras regulares entre: Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para: *Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lagens) e Faial*

Em 23 de cada mês, para: *Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz)*

Passagens: Rua Augusta, 152 — Telef. 2 0216
Carga: Avenida 24 de Julho, 2, 2.º — Telef. 20214/15

Agentes no Porto:

SOCIEDADE GERAL DE REPRESENTAÇÕES, LDA,
Rua Mousinho da Silveira, 18

Na Madeira:

Blandy Brothers & C.º, L.da

Em S. Miguel

Bensaude e C.ª, L.da

ARMAZENS DA BETESGA L. DA

Telefone 21898

15, Praça da Figueira, 15 - A

Armazém de fazendas por atacado e a retalho

Grandioso sortido em fanqueiro,

lãs para vestidos, sedas e atalhados.

Completo sortido em camisaria e gravataria.

Cortinados, Brizes e Cassas para cortinas

**Ganhar pouco para vender muito
é a nossa divisa**

CAMISARIA TUFÃO L. DA

Sempre as maiores novidades para homem
e aos melhores preços

Rua Nova do Almada, 76

Telefone 21831

LISBOA

Armando Martins Leitão

Compra e Vende

Desperdícios de algodão e trapos para limpeza
de máquinas, papéis velhos, sucatas, etc.

Rua Cozinha Económica, 9-A

Telef. 3 8247

LISBOA

Pérola do Rocio, L.^{da}

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas, para todo o país e estrangeiro

Rocio, 105 - LISBOA - Telefone 20744

Pedro d'Oliveira Telhado & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 81 - 2.º

LISBOA

Telef. 25931 Teleg. Knoblock

Exportadores de Tecidos para as Colónias

Fornecedores das Entidades Oficiais

CASA DA VELHA

J. MARQUES, LIMITADA

GRANDE SORTIDO

Em Fazendas de Algodão, Lã e Seda, Casacos para Senhora e Criança,
Fatos à Marinheiro, Rouparia e Camisaria

Enxovais para Baptizados

151, 153 — Rua dos Fanqueiros — 155, 157

2 — Rua da Vitória, 4 — LISBOA

COMPANHIA

DE

DIAMANTES DE ANGOLA (DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Cor. António Lopes Mateus

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

VICE - PRESIDENTE

Banco Burnay

ADMINISTRADOR - DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

Direcção Geral na Lunda Representação em Luanda

Director geral

*Eng.º Rolando Sucena Baptista
de Sousa*

Representante

Cap. Mário Augusto da Costa

TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL